

## Mesa 57. São Paulo e Buenos Aires: Narrativas Visuais para Repensar Presente e Passado

Línea temática: Relatos Urbanos: discursos, utopias, censuras

**Heliana Angotti-Salgueiro**

Universidade de São Paulo-Instituto de Estudos Avançados / Harvard University-DRCLAS, Brasil/USA, [angotti@usp.br](mailto:angotti@usp.br)

**Graciela Favelukes**

Universidad de Buenos Aires, CONICET, Argentina. [grafave@yahoo.com.ar](mailto:grafave@yahoo.com.ar)

**Palabras clave:** estudos visuais, linguagem digital, historia urbana, visualidades narrativas.

### Resumen

A mesa temática aqui proposta traz a atualidade do trabalho iniciado no II CIHU, no México, em 2019. O objetivo é compartilhar avanços do projeto “São Paulo-Buenos Aires Intermedia”, cuja pesquisa e reflexão teve continuidade durante a pandemia graças às alternativas de comunicação virtual. Vivemos uma oportunidade para repensar práticas de trabalho coletivo, sem fronteiras e deslocamentos, e incorporar novas metodologias visuais de estudo e acesso a coleções e arquivos, que já vinham, porém, se desenhando nas humanidades digitais. As comunicações da mesa devem trazer recortes da história urbana dessas duas cidades por meio de “narrativas animadas”, não verbais (Eve Blau, in Kurgan, 2019), usando programas que permitam a associação de documentos textuais e visuais, tanto estáticos como móveis. A hipótese é repensar as formas de apresentação do material pesquisado, organizando-o em eixos temáticos e explorando mídias diversas capazes de articular a historiografia e a massa de documentação disponível, a fim de produzir novas leituras. A manipulação gráfica deve permitir a construção de narrativas experimentais visuais comparativas das duas metrópoles ibero-americanas, que vão da arqueologia das formas aos processos de seu crescimento e transformação, passando pelos ideários e utopias urbanas nutridas a seu respeito ao longo do tempo. Para tornar efetivo o cruzamento disciplinar da história, geografia, urbanismo, sociologia e arquitetura, deve-se lançar mão das possibilidades analíticas das ferramentas da digital culture e media studies (Lev Manovich, 2001 e 2020) aplicando-as ao estudo da cidade. Por meio da superposição de layers narrativos de séries de documentos diversos, devem ser levantados aspectos característicos a Buenos Aires e a São Paulo - em torno da cartografia regressiva, mapping em vários sentidos, por ex., da imigração e da mobilidade social, dos cenários sucessivos da verticalização, das intervenções na natureza e das formas de expansão e ocupação do território, destacando também atores, discursos e suas referências internacionais, monumentos e lugares da cidade. Esses e outros recortes das histórias de São Paulo e Buenos Aires farão parte de uma exposição multimídia em projeto para 2023, sob a curadoria dos pesquisadores do grupo, cujos trabalhos serão articulados nessa mesa que se propõe debater as questões sugeridas de uma forma aberta, convocando novas propostas que se adequem ao projeto.

Não estamos diante apenas de uma nova metodologia, mas de uma linguagem de knowledge design (Jeffrey Schnapp, 2014) e de práticas experimentais de comunicação que articulam visualmente os tempos da cidade e oferecem outras formas de conhecer e transmitir a historia urbana. Incorporar metodologias digitais ao estudo da cidade pela

visualização sequencial de imagens do passado e contemporâneas graças aos software, deve permitir vislumbrar as possibilidades de sua sobrevivência e os limites do seu futuro. O processo analítico de exibir visualmente questões múltiplas demonstra as possibilidades da tecnologia em montar narrativas interdisciplinares ou “contar histórias” aumentando a visibilidade da pesquisa fora dos relatos convencionais da história urbana e de suas consensuais representações, afigurando-se como um modelo colaborativo de produção de conhecimento e de curadoria. A opção pela metodologia visual será teorizada a título introdutório pelos coordenadores da mesa.

**Ponencia 1: Laboratório São Paulo: Exercício de Arqueologia da Paisagem** (Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, FAU-Universidade de São Paulo)

**Ponencia 2: Figuras de la ciudad metropolitana: “evolución”, superposición y simultaneidad** (Alicia Novick, Universidad Nacional de Buenos Aires (FADU)/Universidad Nacional de General Sarmiento, y Graciela Favelukes, CONICET/ Universidad de Buenos Aires)

**Ponencia 3: Imágenes, registros y representaciones de la informalidad urbana** (Lucas Jordan Dombroski, Universidad Nacional de General Sarmiento, CONICET)

**Ponencia 4: Novas mídias e tecnologias digitais: notas sobre metodologias para o estudo das cidades** (Ricardo Hernan Medrano, Universidade Presbiteriana Mackenzie/Universidade de Buenos Aires)

**Ponencia 5: Cidade como imagem, imagem como cidade - o universo visual dos city planners (1920-1950)** (Heliana Angotti-Salgueiro, IEA-Universidade de São Paulo/David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University)

**Ponencia 6: A cidade vista da periferia: imagens, distopia e revolução** (Daniel McDonald, University of Rochester/Dartmouth College)

**Ponencia 7: Heróis a cavalo: estátuas equestres e construção de identidades em São Paulo e Buenos Aires (sécs. XIX-XXI)** (Paulo César Garcez Marins, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, FAPESP)



## **Título: Laboratório São Paulo: Exercício de Arqueologia da Paisagem.**

**Autor/a:** Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno. Professora Associada, Universidade de São Paulo (FAUUSP).

**Mesa: 57 - São Paulo e Buenos Aires: Narrativas Visuais para Repensar Presente e Passado.**

### **Resumen:**

Como demonstrar a história do processo de verticalização da maior cidade da América do Sul no curto período de um século? Como criar narrativas visuais capazes de demonstrar lógicas, dinâmicas, ritmos e movimentos no *skyline*? Como explicar o processo frenético de expansão urbana, acompanhado de concomitante verticalização das áreas centrais, que impõe sobreposição, justaposição e/ou substituição de *layers*, resultando em progressivo descarte de camadas de historicidade que colocam nosso patrimônio permanentemente em risco? Saga da maioria das cidades mundo afora, a ideia é explorar o caso de São Paulo, valendo-se de recursos multimídias.

**Palabras clave:** *Arqueologia da Paisagem, Visual Studies, São Paulo, Humanidades Digitais, Patrimônio Cultural.*

### **1. COMO CRIAR NARRATIVAS VISUAIS EM HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO?**

A proposta aqui é ensaiar modelar o processo de metamorfose da cidade de São Paulo, sua urbanização e arquitetura em processo de formação/transformação/ escrita/ reescrita, em interface à atuação do *Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares* nos seus 100 anos de existência (1879-1980), entretecendo a história da arquitetura, da construção civil à história do processo de urbanização.

Teoria e método se articulam interdependentes na presente comunicação, na qual a história da urbanização e da arquitetura entendidas como processo social fazem-se por meio de uma história visual, animada através da seriação de imagens, entrelaçada à biografia de

atores sociais invisibilizados pela História e pela Historiografia. Ao optar por uma história em processo – seus ritmos, dinâmicas, agências e inflexões – busca-se revelar o processo de metamorfose do *skyline* do centro da cidade de São Paulo e o papel e os modos de atuação de escritórios como o de Ramos de Azevedo e colaboradores, em meio a comitentes e o poder público no processo de urbanização.

Nesse sentido, busca-se fugir de uma História da Arquitetura e da Urbanização tradicional, com foco em mutações materiais – escrita e reescrita da cidade – associada à ação de protagonistas mais e menos visíveis (do poder público ao formular leis e planos urbanísticos a comitentes, de engenheiros-arquitetos a artífices e pedreiros relegados ao lodo dos canteiros), em busca das lógicas de atuação, redes de sociabilidades, redes profissionais, rede de obras e de negócios em movimento, pondo luz num patrimônio arquitetônico e documental em risco de dilapidação e em uma cidade resiliente ao reuso, porém sem imageabilidade. Assim, para uma História da Urbanização animada/ viva/ em movimento/ em ação/ em processo, teoria e método se articulam interdependentes, valendo-se do expediente das tecnologias mobilizadas pelas humanidades digitais.

Como dito por Heliana Angotti-Salgueiro no resumo desta Mesa Temática, “vivemos uma oportunidade para repensar práticas de trabalho coletivo (...) e incorporar novas metodologias visuais de estudo e acesso a coleções e arquivos, que já vinham, porém, se desenhando das humanidades digitais”, elaborando “recortes da história urbana (...) por meio de ‘narrativas animadas’, não verbais (Blau *apud* Kurgan, 2019), usando programas que permitam a associação de documentos textuais e visuais, tanto estáticos como móveis”. (Angotti-Salgueiro, 2022)

Compartilhando dos pressupostos metodológicos que nos unem na presente mesa, acredita-se que o uso de tecnologias para articular mídias digitais e físicas – documentos de arquivos, digital datas, fotografias, cartografias, desenhos arquitetônicos, textos, gráficos, animações, filmes e vídeos – em diálogo umas com as outras – *media hybridize* (expressão de Manovich) – seja capaz de gerar novas linguagens “*intermedia*” e, com elas, novos caminhos para aquisição e produção de conhecimento sobre as cidades.

A ideia é desenvolver aqui, em caráter experimental - fazendo de São Paulo um grande laboratório -, narrativas visuais capazes de contar histórias de aspectos do processo de urbanização da cidade por meio dos materiais de pesquisa - possibilitando múltiplas leituras

e construções interativas de significados, na linha do que desenvolveu Eve Blau na exposição *Urban Intermedia* (Blau, in Kurgan, 2019),

## 2. POR UMA NOVA METODOLOGIA APLICADA AOS ESTUDOS URBANOS

O objetivo é explorar e incorporar novas metodologias visuais de estudo e acesso a coleções e arquivos no âmbito das Humanidades Digitais, usando programas e *softwares* que permitam a associação de documentos textuais e visuais, de forma a desenvolver formas de apresentação do material pesquisado, explorando mídias diversas capazes de produzir novas leituras.

“A manipulação gráfica deve permitir a construção de narrativas experimentais visuais (...) que vão da arqueologia das formas aos processos de seu crescimento e transformação (...)”. Para tanto, lançar-se-á “mão das possibilidades analíticas das ferramentas da *digital culture e media studies*” (Angotti-Salgueiro, Apresentação da Mesa 57, expressões de Manovich, 2001 e 2020), aplicando-as ao estudo da cidade de São Paulo, com vistas a permitir interfaces com Buenos Aires em seu processo de expansão e agenciamento na paisagem pré-existente, em seu processo de verticalização e em seus canteiros de obras, pondo luz nos agentes vinculados à produção material da cidade. Por meio da superposição de *layers* narrativos de séries de documentos diversos, serão espacializadas camadas desiguais de tempos de São Paulo, com ênfase nas suas dinâmicas e ritmos de metamorfose e verticalização, com foco em algumas ruas e canteiros de obras, e também na face dos responsáveis pela construção das edificações em meio aos proprietários e usuários dos imóveis.

Esses e outros recortes das histórias de São Paulo farão parte futuramente das exposições multimídia em elaboração no Liceu de Artes e Ofícios para 2023 (“*Com a cidade nos olhos*”), e comparativa “São Paulo-Buenos Aires Intermedia” prevista para o Museu Paulista em 2024/5 em colaboração com outros pesquisadores.

Cronologias, cartografias interativas, perfis estratigráficos de ruas e animações dos canteiros de obras serão ensaiados em caráter experimental e piloto para exibição no III CAIHU 2022, em vídeos curtos de 2 a 3/5 minutos cada.

O objetivo é desenvolver um conjunto de ferramentas multimídias, vídeos curtos, capazes de funcionar articuladamente no âmbito de um projeto educativo por meio de exposições e vivências em campo - com celular em punho -, com vistas a pôr luz em saberes e fazeres relacionados ao patrimônio arquitetônico do centro da cidade de São Paulo, com especial

atenção para as obras do Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares, promovendo assim uma reflexão mais ampla sobre o papel da arquitetura e de escritórios de arquitetura-engenharia-construção na produção das cidades, treinando olhos menos avisados para proteger um patrimônio documental e arquitetônico, bem como paisagístico e urbanístico, em risco de desaparecimento. Em relação à Educação Patrimonial, a ideia é criar instrumentos de treinamento de professores, educadores e incentivá-los a desenvolverem práticas que promovam mudanças significativas no estabelecimento de ações dialógicas com alunos e a população em geral sobre memórias dotadas de vida e história.

Como supramencionado, a metodologia tem precedentes nos trabalhos de Eve Bau, em especial na exposição *Urban intermedia: city, archive, narrative*, realizada na Universidade de Harvard em 2018, à qual a coordenação da mesa fez referência.

Ponto de partida, será apresentar os *storyboards* ou esboços sequenciais das narrativas visuais eleitas. *Storyboards* são organizadores gráficos, envolvendo uma série de ilustrações ou imagens, dispostas em sequência, com vistas a idealizar e pré-visualizar o filme, a animação, incluindo elementos interativos. Trata-se de um roteiro desenhado como uma história em quadrinhos, para criar uma narrativa animada, entrecruzando, sobrepondo, musicalizando a história da urbanização de São Paulo de outros pontos de vistas.

Num primeiro vídeo, a ideia é partir da modelagem da paisagem urbana em seu processo de metamorfose, focando especialmente no núcleo inicial da Colina Histórica entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, palco de operações urbanas sucessivas de canalização e conversão das várzeas em parques públicos, bem como verticalização das edificações.

Um segundo vídeo irá explorar o processo de metamorfose da cidade de taipa em tijolo e concreto armado num curto período de 100 anos (1880-1980), ousando modelar a metáfora de Benedito Lima de Toledo “São Paulo, três cidades em um século”. Para tanto, exercícios de análise estratigráfica do processo de verticalização, lote a lote, serão realizados para as ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento. Inventário e estudo retrospectivo, articulando passado e presente, permitirão visualizar o Centro Histórico de São Paulo em metamorfose no âmbito de um efervescente mercado imobiliário rentista vigente desde o século XIX até a Lei do Inquilinato (1942), demonstrando o que sobra na paisagem contemporânea. Buscando realizar uma análise arqueológica da cidade, a qual chamo de “Arqueologia da Paisagem”, realizar-se-á minuciosa reconstituição hipotética de um processo a partir de

seus fragmentos, entendendo a paisagem urbana como uma sucessão de camadas desiguais de tempos passados consideradas como inércia ativa para o presente. As aproximações com a Geo-História, com a Geografia Retrospectiva são evidentes. Baixando o olhar da grande escala à micro-escala do lote, numa espécie de micro-história em série, por meio desses exercícios estratigráficos, animar-se-á o processo de “escrita” e “reescrita” das ruas 15 de Novembro, Direita, São Bento demonstrando dinâmicas, ritmos, lógicas de produção do espaço jamais explorados pela historiografia.

Por fim, com foco nos canteiros de obras do Escritório Ramos de Azevedo, documentados no seu dia-dia em 4.500 negativos de vidro, serão eleitas algumas edificações para animação, com ênfase no Vale do Anhangabaú e na Várzea do Tamanduateí, palcos de importantes operações urbanas nas quais o escritório teve papel decisivo na modelagem de uma nova paisagem urbana moderna e cosmopolita. Exemplos como o Clube Comercial - construído em 1927 e demolido décadas seguintes – serão explorados e animados em processo de materialização e desmaterialização, buscando descortinar as motivações e as lógicas que presidiram o rápido processo de mudanças, substituições e descartes, bem como buscando encontrar rugosidades desses tempos no mosaico que se tornou a paisagem contemporânea da Colina Histórica. Em foco teremos também outras edificações do Vale do Anhangabaú (Correios e Telégrafos, Clube Comercial, Light, Conde Matarazzo, Faculdade de Direito, Teatro), da Praça da Sé (Palácio da Justiça), do Pátio do Colégio (Palácio do Comércio) e da Várzea do Tamanduateí (Mercado Central e Palácio das Indústrias), buscando entender seu papel na modelagem da paisagem e também adentrando-se nos pormenores dos canteiros de obras, em busca dos processos construtivos e das faces dos inúmeros personagens responsáveis pelas construções, entrecruzando cartografias antigas e atuais, projetos arquitetônicos, séries iconográficas, filmes, etc, com ênfase na coleção de negativos de vidro que documenta o cotidiano dos canteiros de obras do Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares pertencente ao acervo da Biblioteca da FAUUSP, pondo luz na feição/ face/ perfil social dos atores envolvidos com as edificações, do gabinete ao canteiro, faces raramente exploradas pela historiografia, demonstrando tratar-se de obras coletivas.

Essa linha de estudo da urbanização tem assim algumas peculiaridades ao fugir da perspectiva em vôo de pássaro mais habitual e aproximar a lente nas ações individuais, atentando para o processo social de transformação material da cidade, com foco no papel da arquitetura comum na composição da tessitura urbana e buscando aquilatar seus

agentes produtores, lógicas de produção, dinâmicas, ritmos e temporalidades por meio de uma “História Urbana *animada*”.

Sem fetichizar as geotecnologias - pois de nada adiantam sem uma boa questão - acreditamos tratar-se de ferramentas poderosas para “dar a ver o que de outra forma não se vê”, tema explorado em caráter preliminar na nossa fala no *II Congresso Ibero-americano de História Urbana* realizado no México em 2019. A serialização e entrecruzamento sincrônico e diacrônico de fontes visuais e textuais por meio das geotecnologias, não só permitem representar novas questões, como formular novas indagações, descobrir novos temas de pesquisa, repensar as cidades de outros pontos de vistas. Produto e vetor, as geotecnologias são assim uma alternativa incontornável no século XXI que vem revolucionando os estudos de História da Urbanização, introduzindo-lhes variáveis como movimento, processo, gente, tempo e espaço em perspectiva dinâmica. Nesse novo cenário historiográfico, a dimensão espaço - em seus processos de produção e apropriação social - ganha vida, e a cidade converte-se em artefato privilegiado como permanente *work in progress*.

O método consiste em entrecruzar fontes seriais variadas espacializando-as no *Mapa Digital da Cidade* (2004), com vistas a pôr luz no “bota-abaixo” que transformou a cidade num verdadeiro canteiro de obras no âmbito de um aquecido mercado imobiliário rentista, motivador do investimento na transformação material da cidade.

A transformação da cidade do ponto de vista do seu processo ainda permanece inexplorada pela historiografia. Com raras exceções, a imagem que temos é aquela cristalizada nos cartões postais com os resultados finais alcançados, sem que percebamos os ritmos, os percalços, os estímulos e os atores envolvidos – proprietários, construtores e usuários - na substituição de uma cidade de taipa de pilão por outra de tijolos e, não raro, por outra de concreto armado num curto período de décadas.

Da mesma forma, propõe-se animar a geografia, cronologia e canteiros de obras do *Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares*, nos seus 100 anos de existência. A proposta integra-se assim na linha de estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa “Arqueologia da Paisagem”, registrado no Diretório do CNPq, ensaiando novos voos historiográficas em caráter experimental.

Esta comunicação contará com o apoio do *Seção Técnica de Geoinformação e Produção de Bases Digitais* (CESAD) e do *VídeoFAU*, e valer-se-á das digitalizações realizadas em projetos anteriores, da Coleção de Negativos de Vidro do *Escritório Técnico Ramos de Azevedo & Cia e Ramos de Azevedo Severo & Villares*, pertencente ao Acervo da Biblioteca



da FAUUSP (<https://acervos.fau.usp.br>), entrecruzada à *Série Obras Particulares* do Arquivo Municipal de São Paulo ([www.projetosirca.com.br](http://www.projetosirca.com.br)), e a filmes, iconografias e cartografias seriadas da cidade de São Paulo, mobilizando acervos como da Casa da Imagem, BMMA, BNRJ, IMS, Museu Paulista, Museu da Energia, entre outros.

Serão testados vários *softwares*, a saber: 1) para modelagem da topografia/paisagem/rios do núcleo urbano inicial na colina histórica entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú e expansão da mancha urbana por meio da seriação cartográfica e iconográfica: o *After Effects*; 2) para dar vida ao “bota-abaxo” e à metamorfose da verticalização/ mudanças no *skyline* da São Paulo palimpsesto por meio de animações: o *Adobe Premiere Pro*, bem como outros programas com vistas a entrecruzar os projetos arquitetônicos - rua a rua, lote a lote, ano a ano – à planta digital da cidade (MDC, 2004), cuja estrutura fundiária está georreferenciada, associando o “palimpsesto” à metáfora de um “piano” cujas teclas movimentam-se ao sabor dos “pianistas” em jogo; 3) para animar o cotidiano dos canteiros de obras, por meio da seriação coleções de imagens cronologicamente organizadas dia a dia - como os 4.500 negativos de vidro do *Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo e Villares* -, usaremos o *Windows Story Remix*, dando a ver não só os processos construtivos empregados em São Paulo no século passado, como também racionalidades e arcaísmos, atores envolvidos com o trabalho pesado (em geral executado por afrodescendentes e imigrantes italianos), materiais, técnicas e sistemas construtivos e inúmeros outros aspectos até então invisíveis. Parte dessas faces, com ênfase na contribuição dos italianos no estado de São Paulo, foi revelada na Plataforma <https://arquitalianasaopaulo.iau.usp.br/>. Espécie de *Lego* animado, seriações dessa natureza revelam facetas desconhecidas do *work in progress* em permanente movimento.

O *SIG Histórico* (Gauthiez, 2016), por meio do *software-livre Quantum Gis*, será mobilizado para criar um banco de dados georreferenciado no *Mapa Digital da Cidade* (2004), e gerar cartografias temáticas sobre tipologias, usos, proprietários e a geografia das obras em seu processo de metamorfose.

Assim, em caráter experimental, para a produção de narrativas visuais serão mobilizados os *softwares* usados na exposição *Urban Intermedia*, com ênfase no pacote de programas da *Adobe Creative*. O *After Effects* é o principal software para as animações, mas outros aplicativos incluem o *Max/MSP/Jitter*, e para processamento da documentação *Photoshop*, *Illustrator*, *Media Encoder*, *inDesign* (Cf. nota 14, Blau in Kurgan, p. 235). As imagens serão reestruturadas enquanto narrativas sob as tecnologias disponíveis combinadas. Os textos de Lev Manovich são centrais para se entender a metodologia e as categorias dos *Visual*

*cultural digital studies* e *data Science* que direcionam as formas de montagem, especialmente o livro *Software takes command* (Manovich, 2013, p. 44-46 e 246-249). Experimentos como *Wired! and Visualizing Venice: Scaling up Digital Art History* (Lanzoni, 2015) também serão mobilizados, por se tratar de uma outra experiência colaborativa e multi-institucional desenvolvida em 2010 pela Universidade de Veneza, a Duke University, a Universidade de Pádua e a *Nesting scri of Venice*, mostrando como o espaço urbano envolve múltiplas temporalidades, valendo-se de ferramentas digitais para dar visualidade a fontes cartográficas e iconográficas.

### **3. POR UMA HISTÓRIA URBANA ANIMADA: DESDOBRAMENTOS EM EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

Esta comunicação contará com o apoio do *Seção Técnica de Geoinformação e Produção de Bases Digitais* (CESAD) e do *VídeoFAU*, e valer-se-á das digitalizações realizadas em projetos anteriores, da Coleção de Negativos de Vidro do *Escritório Técnico Ramos de Azevedo & Cia e Ramos de Azevedo Severo & Villares*, pertencente ao Acervo da Biblioteca da FAUUSP (<https://acervos.fau.usp.br>), entrecruzada à *Série Obras Particulares* do Arquivo Municipal de São Paulo ([www.projetosirca.com.br](http://www.projetosirca.com.br)), e a filmes, iconografias e cartografias seriadas da cidade de São Paulo, mobilizando acervos como da Casa da Imagem, BMMA, BNRJ, IMS, Museu Paulista, Museu da Energia, entre outros, almeja-se:

- 1) oferecer subsídios para uma formação sobre Educação Patrimonial e a importância de Acervos e Coleções de Arquitetura e Urbanismo, de Escritório como o de *Ramos de Azevedo Severo & Villares*, de instituições de formação profissional como o *Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo* e de uma plêiade de atores invisibilizados promotores e executores de exemplares da memória cultural de São Paulo e outras cidades.
- 2) Ampliar o conhecimento de professores, jovens, estudantes e público acadêmico e leigo no que concerne Educação patrimonial.
- 3) Subsidiar público acadêmico e leigo com conteúdo sobre a memória da cidade de São Paulo e de outras do estado e do Rio de Janeiro durante o final do século XIX a meados do século XX.
- 4) Possibilitar sugestões de práticas pedagógicas em relação à Educação Patrimonial que contribua para o desenvolvimento da valorização do patrimônio arquitetônico e documental da cidade.

- 5) Oferecer pistas sobre os saberes e fazeres relacionados à arquitetura colonial, eclética, *art nouveau* e *art déco* do centro de São Paulo, ampliando a experiência de participação como agente ativo na preservação do patrimônio histórico.

#### 4. SENSIBILIZAR O OLHAR EM POLÍTICAS PÚBLICAS

Em suma, a contribuição da presente comunicação reside na apresentação de pesquisas em andamento no desenvolvimento de metodologias de investigação e extroversão de amplo alcance social e político, com vistas a divulgar e valorizar o patrimônio arquitetônico e documental da cidade de São Paulo, através da mobilização de coleções e acervos públicos e privados relativos às diversas instâncias de “memórias” de sua construção. Serão capturados, da cultura técnica e artística paulistana oitocentista, desenhos, riscos, esboços, fotografias, catálogos comerciais, ensinamentos e aplicações práticas arquitetônicas e dos *métiers* e das artes mecânicas, treinando mentes, mãos e olhos. Ao disseminar conceitos e diretrizes da Educação Patrimonial, por meio de exposições, divulgando o patrimônio cultural e artístico da capital, especialmente para jovens e professores, a ideia é fomentar um ideal de zeladoria compartilhada<sup>1</sup> em cada cidadão/ usuário da cidade que possa desdobrar-se em Políticas Públicas, tal como já feito junto à SP Urbanismo - *Manual Centro Histórico: Manutenção, Conservação, Reforma e Restauro* - sob a coordenação da arquiteta Regina Monteiro, em parceria com o Museu da Cidade, o DPH e a Sub-Prefeitura da Sé (<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/noticias/index.php?p=312169>).

Ampliar o conhecimento sobre exemplares arquitetônicos existentes nas cidades e formar público para conhecer e valorizar o patrimônio arquitetônico do Centro de São Paulo é uma forma de geração de pertencimento.

A cidade de São Paulo, no seu desenvolvimento contou com a participação de importantes arquitetos em meio a outros tantos agentes que contribuíram para o seu desenho e urbanização. Parte significativa dessa história se encontra em documentos pertencentes a coleções particulares e/ou em acervos públicos. Coleções de desenhos arquitetônicos e fotografias como as do Acervo da Biblioteca da FAUUSP e do Arquivo Histórico Municipal

---

<sup>1</sup> O Conceito de Zeladoria Compartilhada desenvolvido por Mirza Pellicciotta e Fábio di Mauro, enseja uma ideia de Educação Patrimonial mais capilar, por meio da sensibilização dos mais diversos grupos sociais envolvidos com a produção, apropriação e reprodução das cidades, de proprietários a usuários dos imóveis, de estudantes a técnicos envolvidos com a preservação, da sociedade civil aos órgãos públicos.

de São Paulo, carecem de luz, pela riqueza de um patrimônio documental ainda carente de maior exploração.

Este material é desconhecido do grande público e também de boa parte dos pesquisadores. Esses preciosos documentos nos contam sobre a história do fazer arquitetônico entre o século XIX a XX, documentando novas tipologias, programas edifícios, materiais e sistemas construtivos, bem como as escalas de projeto e as técnicas de representação arquitetônica vigentes.

Em meio a plantas, cortes, elevações, perfis, detalhes, projetos elétricos e de hidráulica, sobressaem desenhos de mobiliário, que chamam a atenção para uma faceta pouco conhecida dos escritórios de arquitetura daquela época, demonstrando que a obra era pensada em seu conjunto, contemplando inclusive a arquitetura dos interiores e o design dos objetos.

Ao documentar a cidade em processo de metamorfose em meio à importância da atuação profissional de engenheiros, arquitetos e artífices, pondo luz em personagens invisibilizados nos gabinetes dos escritórios de arquitetura-engenharia-construção e no cotidiano dos canteiros de obras, a ideia é mostrar mecanismos, dinâmicas, ritmos e atores nos processos de produção das cidades, contando uma história da urbanização de outro ponto de vista.

A contribuição científica, intelectual e tecnológica da presente comunicação consiste na mobilização de metodologia inédita no tratamento documental por meio do uso de novos instrumentos multimídia para a compreensão da história da urbanização, seus atores e práticas de produção da cidade. No entanto, é na contribuição social que reside o diferencial da comunicação, ao extrapolar fronteiras acadêmicas e visar a produção de material visual destinado a exposições de amplo alcance e impacto social.

Em suma, os encaminhamentos metodológicos envolvendo o uso de recursos interativos e multimídia são uma estratégia que contribuem para um enriquecimento educacional, aprofundando o estudo de bibliografia atualizada sobre os *Visual Studies* aplicados à História Urbana e de edifícios públicos e privados de São Paulo, treinando o olhar para ver, reconhecer a importância e ensejar iniciativas de zeladoria compartilhada de nosso patrimônio arquitetônico e documental, e por conseguinte urbanístico e paisagístico, pondo luz em gerações de atores invisibilizados pela História e pela historiografia, muitos deles imigrantes e afrodescendentes envolvidos com os canteiros das obras do período, de forma a gerar pertencimento.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angotti-Salgueiro (2022), Heliana. Proposta para Mesa 57: São Paulo e Buenos Aires: Narrativas Visuais para Repensar Presente e Passado. *Resumos III Congresso Iberoamericano de História Urbana*, Madri.
- Blau, Eve (2018). *Urban intermedia: city, archive, narrative*. Exposição Universidade de Harvard (youtube).
- Blau, Eve (2019). *Urban intermedia: city, archive, narrative*. En Laura Kurgan et all. (eds.). *Ways of knowing cities*. NY: Columbia Books and Architecture and the city.
- Blau, Eve (2003). "City as open work". En *City of Zagreb Master Plan 2003. Summary* Zagreb: City Department for City Development Planning and Environment Protection.
- Blau, Eve (1999). "The city as protagonist: architecture and the cultures of Central Europe". En *Shaping the great city: modern architecture in Central Europe, 1890-1937*. Munich/ London/ NY.
- Gauthiez, Bernard; bueno, Beatriz; fonseca, Fernanda; De Biaggi, Leca; kantor, Iris; kuvasney, Eliane; oliva, Jaime; chareire, Olivier; dutenkefer, Eduardo; rocha, Letícia; zoboli, Luciano (2021). Un conte de deux villes: une géohistoire comparée de São Paulo et Lyon, 500 000 habitants en 1920. *Confins* (Paris).
- Kurgan, Laura et all. (Eds.) (2019). *Ways of knowing cities*. NY: Columbia Books and Architecture and the city.
- Lanzoni, Kristin; Olson, Mark; Szabo, Victoria (2013). Wired! and visualizing Venice: scaling up Digital Art History. *Artl@s Bulletin*, volume 4 [Issue 1 Spatial (digital) Art History].
- Manovich, Lev (2013). *Software takes command*. New York: Bloomsbury.
- Migliaccio, Luciano; Bertocci, Stefano; Bueno, Beatriz; Santos, Regina; Martins, Renata (2021). LABSAMPA - Cooperação científica e tecnológica entre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e o Dipartimento di Architettura dell' Università degli Studi di Firenze para a documentação da arquitetura histórica de São Paulo. *Gestão & Tecnologia de Projetos*, 16, 1-17.
- Schnapp, Jeffrey T. (<http://jeffreyschnapp.com/>).
- Plataforma Italianos <https://arquitalianasao paulo.iau.usp.br/>  
<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/noticias/index.php?p=312169>



**Título: Figuras de la ciudad metropolitana: “evolución”,  
superposición y simultaneidad**

**Autoras:** Alicia Novick (UNGS/UBA) / Graciela Favelukes (CONICET/UBA)

**Mesa 57: São Paulo e Buenos Aires: Narrativas Visuais para Repensar Presente e  
Passado**

**Resumen:** Esta presentación examina los procesos de crecimiento de Buenos Aires, recurriendo a las potencialidades de la investigación medial. que mediante gráficas, secuencias y montajes son capaces de sugerir nuevas lecturas e interpretaciones. En ese marco, completamos el catálogo razonado de imágenes sobre Buenos Aires, elaboramos una serie de nuevos gráficos, que muestran que la continuidad y el fragmento estuvieron presentes a lo largo de la historia, colocando el foco en el rol que le cabe al agua en la estructuración metropolitana. A diferencia de los mapas elaborados en los años setenta -y que aún son fuente de consulta, interesa recuperar la relevancia de la topografía y las costas y cursos fluviales en sus diferentes escalas, espacios y temporalidades superpuestas.

**Palabras clave:** *Ciudades Metropolitanas. Historia Medial. Historia Urbana. Representaciones gráficas.*

**Introducción**

En trabajos anteriores, identificamos algunos temas de Buenos Ares, en un panorama de amplio alcance, entendido como una primera puesta a punto de materiales para la construcción de nuevas narraciones. Por un lado, efectuamos una revisión amplia de la historiografía, de la geografía, de las series cartográficas y del catálogo de planes y macro proyectos, que pensaron y de algún modo estuvieron por detrás de la construcción de la ciudad. Por otro lado, revisitamos algunos de sus sitios: el centro, las redes y la movilidad, los paisajes del turismo, los barrios y las villas y asentamientos (el habitar de los más

pobres) en vistas de futuras interpretaciones. <sup>1</sup> Sobre ese antecedente, y en el marco del trabajo colectivo en torno a los *urban intermedia SP-BA*, en esta instancia interesa examinar las alternativas del crecimiento metropolitano de Buenos Aires.

¿Cómo presentar el crecimiento? Los mapas, los esquemas, los dibujos formulados en las historias metropolitanas ya clásicas, intentaron mostrar los alcances de la expansión urbana, proponiendo y caracterizando momentos cronológicos. En trabajos previos examinamos la entidad y la capacidad performativa de esos gráficos que contribuyeron a organizar las representaciones metropolitanas. En esta presentación, proponemos ampliar el trabajo sobre el catálogo de imágenes sobre Buenos Aires, explorando aristas soslayadas por la historiografía, recurriendo a las potencialidades de la investigación medial, que mediante gráficos, secuencias y montajes son capaces de sugerir nuevas lecturas e interpretaciones.

Los procesos de crecimiento son zigzagueantes, la “continuidad y el fragmento” están presentes a lo largo de la historia, como planteara Bernardo Secchi. En esa orientación, proponemos examinar las diferentes escalas, hacer “visibles muchas cosas invisibles” que requieren de nuevas interpretaciones y que, en ocasiones, se soslayan en el marco de las lógicas cronológico-problemáticas de la investigación que no siempre consideran los modos de percibir y comprender el espacio urbano. En ese marco, consideramos que el catálogo de imágenes y cartografías consagradas y secuenciales, requiere ser ampliado y revisitado desde hipótesis, interrogantes y procedimientos renovados, en particular desde los estudios visuales y mediales. Pues no se trata de sólo de adaptar una “historia urbana digital” que busca comunicar gráficamente algo que ya sabemos, sino de construir, desde la experimentación medial, nuevas miradas e interrogantes sobre las transformaciones metropolitanas. Se trata de una etapa de un proceso de trabajo más amplio, cuyos resultados son aún muy provisorios.

Organizamos la exposición en tres apartados:

---

<sup>1</sup> Novick, A., Favelukes, G, “Imágenes, planes, proyectos y mapas en la construcción de Buenos Aires”, *Segundo Congreso Iberoamericano de Historia Urbana*, Asociación Iberoamericana de Historia Urbana y UNAM, Ciudad de México, 25 a 29 de noviembre de 2019.

En "*Cronologías de la ciudad pampeana*" interesa revisar el repertorio de imágenes que construyeron las visiones sobre el crecimiento desde una perspectiva "evolutiva" hasta los años setenta. La cartografía y los mapas sociales consagraron la idea de una "mancha de aceite", de un crecimiento continuo, movilizado por las redes de transporte y servicios, soslayando el rol que le cupo a la topografía, las riberas y los cursos de agua. Es sabido que esa idea de extensión continua y homogénea estalló con los problemas y las metáforas de fines del siglo XX, cuando la ciudad archipiélago y de las redes colocaron el foco en el crecimiento desigual, en las tensiones de lo social y lo espacial y en la multiplicidad de escalas en juego. Si bien es cierto que los procesos recientes, y las investigaciones sobre ellos, suscitaron cambios estructurales de magnitud en el territorio y en los estudios urbanos, es de interés poner de manifiesto que, en cierto modo, la continuidad y el fragmento estuvieron presentes, y en tensión, a lo largo de la historia y que una serie de temas resultan omitidos, en relación con los diferentes contextos históricos y epistemológicos.

En relación, en "*Topografías: pampa, cuencas, costas e inundaciones*" interesa colocar el foco en el rol que le cupo al agua en los procesos de transformación territorial y expansión metropolitana. Las operaciones de regularización modernas, las tierras ganadas al río, las características de los ríos de llanura y, a otra escala, las inundaciones y los humedales, están muy presentes en los procesos de producción del suelo en condiciones de ser ocupado y de la segregación socio espacial de Buenos Aires.

La puesta en relación medial-visual de imágenes de distintos tipos (cartográficas, fotográficas, imaginarias, sonidos, registros verbales) a través del software ofrece indicios y sugerencias para nuevas formas de hilar e interrogar en la historia metropolitana. Como corolario, en "*¿Y si la historia no fuera cronológica?*" presentamos el resultado de una experimentación en base a fuentes heterogéneas puestas en relación visual. En nuestra propuesta animada, desarrollamos una serie "clásica" asociada con las secuencias tradicionales, para colocar el foco luego en las formas urbanas y el agua, base que exploramos con operaciones - como "superposición" y "simultaneidad" - capaces de



articular aristas diferentes, iluminando las temporalidades y espacialidades superpuestas y en disputa.

### **1. “Cronologías de la ciudad pampeana”**

Actualmente, el AMBA, sobre sus 3.000 km<sup>2</sup> concentra 12.806.866 habitantes (según el censo 2010) que corresponden a un tercio de la población del país y está integrado por los 24 municipios de la Provincia de Buenos Aires que rodean la Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Es ilustrativo mencionar que, en 1895 el Censo de Buenos Aires registraba más de 600.000 habitantes - que triplicaban los de 1867 (187.126 habitantes) - y en 1910 la población ascendía a un millón y medio, en tanto su crecimiento ininterrumpido se detuvo recién en 1936, con casi dos millones y medio en la ciudad capital, al tiempo que los pueblos del Gran Buenos Aires, habitados por 100.000 habitantes en 1895, tomaban el relevo en los picos de crecimiento poblacional y expansión. En efecto, la ciudad capital creció muy lentamente, y llega a sus tres millones actuales en los años cincuenta, en tanto el conjunto metropolitano pasó del medio millón de los treinta a los casi 10 millones de los años 70. Una dinámica de expansión más modesta que las de México y Sao Paulo, por ejemplo, si bien al igual que ellas está actualmente caracterizada por un importante porcentaje de urbanización precaria.

**a. La ciudad continua.** Las imágenes del crecimiento de la ciudad fueron construidas por varias interpretaciones historiográficas. Durante el siglo XX, la bibliografía fue caracterizando momentos en relación con censos, cartografía, esquemas urbanísticos que fueron construyeron a su vez los modos de mirar el territorio y de actuar sobre él.

A fines del siglo XIX, se puso el foco en la idea de “ciudad moderna” en oposición a la gran aldea pretérita, en el marco de la “evolución y síntesis” de la historia académica. Desde esos lineamientos, se organizó la “evolución urbanística” del Plan de 1925, en

torno de las series cartográficas, los grabados y las fotografías, re-publicada nuevamente en 1960, en ocasión del sesquicentenario.<sup>2</sup>

Fue precisamente en los años sesenta, cuando, desde las teorías de la modernización se gestaron las principales interpretaciones sobre las modalidades de expansión “del centro a los barrios” que fue objeto del libro de James Scobie, y que estuvieron por detrás de los gráficos de Randle, Torres y Vapñarsky. Esos mapas, fueron utilizados como referencias hasta hoy, y se propusieron mostrar el crecimiento “de la ciudad al suburbio” (ciclo 30/60)<sup>3</sup>.

El mapa de 1910 de Vapñarsy da cuenta de una ciudad que crece dentro de los límites jurídico administrativos establecidos en 1887, y muy lentamente, mediante las redes ferroviarias se expandía sobre sus bordes, como se visualiza en los alrededores mapeados por Chapeaurouge en esos años. Esa ciudad del “del centro a los barrios”, que iba completando el tejido intra-muros, se fue ampliando sobre “los pueblos suburbanos”, superando las fronteras. Desde los años veinte, los gráficos de líneas isócronas (cantidad de personas transportadas) del urbanismo se presentaban junto con la idea de “Aglomeración Bonaerense” para mostrar, en el marco de los debates de los especialistas, hasta donde llegaba la ciudad y cómo gestionar ese territorio extendido. En esa línea, el plano de Vapñarsky de 1948, corresponde a un hito censal que constata la existencia de un “Gran Buenos Aires” en el marco del intenso crecimiento, tributario de las migraciones internas coincidente con las políticas públicas de los gobiernos del estado de bienestar, que auspiciaron esa expansión con infraestructuras y equipamientos. La nacionalización de los ferrocarriles fue, según Horacio Torres uno de los principales estímulos, junto con el congelamiento de alquileres y la ley de propiedad horizontal, para el desarrollo de los muy heterogéneos barrios, de casillas precarias, casitas o grandes

---

<sup>2</sup> Intendencia Municipal, Comisión de Estética Edilicia. (1925). *Proyecto Orgánico para la urbanización del Municipio*. Buenos Aires: Talleres Peuser.

<sup>3</sup> Favelukes, G., Novick, A., Zanzottera, G. (2016) “Cartografías del Área Metropolitana de Buenos Aires según Patricio Randle, César Vapñarsky y Horacio Torres”, *Estudios del Hábitat*, Vol. 14 (2) e010, <https://revistas.unlp.edu.ar/Habitat/article/view/e010>. Torres, H. (1993). *Mapa social de Buenos Aires. 1940-1990*. Serie Difusión N° 3. Buenos Aires: Secretaría de Investigación y posgrado. Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. UBA. Novick, A. (2011). Diálogo entre textos y contextos. En: Abba, A., Kullock, D., Novick, A., Pierro, N. y Schweitzer, M. *Horacio Torres y los Mapas Sociales* (pp. 55-68). Buenos Aires: CIHAM

residencias, que junto con industrias, equipamientos y clubes deportivos fueron configurando ese vasto suburbio de baja densidad. El tercer corte de Vapñarsky, de 1965, marcó de algún modo, los límites del ciclo de expansión.

En síntesis, en la bibliografía que estudió la expansión, en particular en la cartografía que buscó encontrar sus lógicas, las determinaciones geográficas y las formas del territorio se difuminaron frente a la multiplicidad de factores - sobre todo sociales y económicos - que inciden en la producción de un espacio, según las coincidentes miradas de la modernización. Así, resultó un espacio planimétricamente homogéneo y continuo. No obstante, la expansión no fue tan continua. Por un lado, se trató de un desarrollo más que desigual, que no fue idéntico al de la capital, pues no siempre se contó con las redes de infraestructuras y servicios, a cargo de los poderes públicos para articular las piezas de esa ciudad de baja densidad que se extendía. Por otro lado, las cuencas y la topografía, poco visibilizada - salvo excepciones como los textos de Elena Chiozza - estuvo presente en discontinuidades, terrenos altos y bajos que no siempre fueron suficientemente ponderados.

**b. La ciudad fragmentada.** Las discontinuidades se constatan, a partir de 1970, desde las renovadas perspectiva urbanística y ambiental. Por un lado, plantearon la existencia de una ciudad por fragmentos, que se contraponen a la ciudad continua “en mancha de aceite”, por el otro colocaron en primer plano el rol que le cupo a los temas ambientales. Sin embargo, falta aún articular esas consideraciones...

Por un lado, junto con la “ciudad global”, la “ciudad archipiélago”, una serie de metáforas remiten a un crecimiento metropolitano discontinuo y por fragmentos, que sucedería al de la ciudad continua, desarrollada por autores como Soja o Harvey. El póstumo plano de Torres, de 2001 al igual que las imágenes de Ciccolella y Vecslir, ilustran el crecimiento en archipiélago. Las nuevas centralidades del Gran Buenos Aires – núcleos de servicios y de compras vinculados a las urbanizaciones cerradas, marcaron los nuevos patrones habitacionales de las elites estimuladas por la red de autopistas. En contracara, se dirime

el aumento del hábitat precario.<sup>4</sup> Si bien la radiografía es sugestiva y pertinente, por la magnitud de fenómenos inéditos, la polaridad “continuidad vs fragmento” requiere de revisar la historia.

Por otro lado, una nueva generación de estudios examina las problemáticas de ese enfatiza que el territorio que se encuentra atravesado por las cuencas de los ríos Matanza – Riachuelo, Reconquista y Luján, con mesetas altas y de pendiente poco pronunciada junto a áreas bajas y valles de inundación de los ríos y arroyos. Sobre esa superficie más accidentada que lo que los esquemas del urbanismo dejaron entrever, los procesos de expansión se organizaron en torno de cinco ejes de crecimiento – norte, sur y oeste a los que se suman el del suroeste y del noroeste. También la ciudad capital, como se sabe, estaba atravesada por terceros, ríos y bañados que el impulso de regularidad intentó resolver con obras subterráneas que invisibilizaron sus lógicas - en tanto, como es sabido, en la topografía y las lógicas del agua se encuentran muchas de las claves de los procesos de localización y transformación espacial. A pesar de esta estrecha relación, habitualmente topografía y espacio construido se presentan y dirimen en imágenes diferenciadas. Las lógicas de la “topografía” tampoco se consideran en su especificidad, pues la forma de expansión ocupó y transformó - aunque no por completo - según las lógicas de las obras hidráulicas, los rellenos, desecamientos y nivelaciones.

En síntesis, en un primer momento prevalece una secuencia cronológica del crecimiento, “una ciudad continua”, que soslaya que la ciudad metropolitana crece y vive a varios tiempos y escalas. Las cartografías y esquemas se construyeron desde preocupaciones sociales y demográficas y redujeron por la vía de la generalización el conjunto heterogéneo y multifacético de la ciudad en expansión a un conjunto visualmente homogéneo en cortes temporales sucesivos. La ausencia en ellos del relieve, el agua y

---

<sup>4</sup> Torres, H. (2001). “Cambios socioterritoriales en Buenos Aires durante la década de 1990”. *Revista eure* (Vol. XXVII, Nº 80), pp. 33-56, Santiago de Chile. Ciccolella, P. & Vecslir, L. 2012. “Dinámicas, morfologías y singularidades en la reestructuración metropolitana de Buenos Aires”, *Revista Iberoamericana de Urbanismo* n°8. Buenos Aires. pp. 23- 41. [http://www.riurb.com/n8/08\\_01\\_Ciccolella.pdf](http://www.riurb.com/n8/08_01_Ciccolella.pdf); <http://hdl.handle.net/2099/13014>

sus dilemas, entre otras cuestiones, es indicativa de las perspectivas de análisis de esos estudios marcados por la visión estructural y cuantitativa. En contrapunto, “la ciudad fragmentada” de las recientes miradas urbanísticas y ambientales, reclaman perspectivas integrales para el estudio y la actuación. Los estudios de los especialistas y sus mapas iluminan muchas de cuestiones ignoradas: la cota de inundación, la contaminación, los puntos críticos, los relevamientos ecológicos, las redes fluviales, la localización de urbanizaciones cerradas y asentamientos, que requieren pensar de nuevo los modos de plantear la historia. Tal vez, seguir la ciudad del agua permite repensar e iluminar esas ambigüedades, las tensiones entre lo continuo y el fragmento, lo construido y el agua, pues tal vez son dilemas constitutivos de la ciudad que requieren de otras miradas.

## **2. Topografía: tierra, cuencas, costas e inundaciones.**

Desde fines de la década de 1970, la expansión continua de la “ciudad pampeana”, organizada sobre las redes ferroviarias que mostraban los mapas sociales entraba en crisis. Junto con el desarrollo de renovadas miradas, las condiciones geográficas y ambientales se fueron construyendo como nuevos problemas y objetos de estudio. En efecto, las cuencas, las costas, los humedales y, en relación, las problemáticas como la biodiversidad, la contaminación, la ocupación de tierras no aptas para la urbanización se fueron sumando como ítems de las agendas metropolitanas, organizando espacios interjurisdiccionales (como los comités de cuencas) al tiempo que interpelaban con nuevas preguntas a las historias ambientales y a las territoriales. Esa bibliografía fue reformulando las preguntas. Desde esa multiplicidad de referencias, fue posible visitar las lógicas de la expansión, matizando muchas hipótesis tradicionales. En términos amplos, es posible ver las modalidades según las cuales, las relaciones entre tierras y agua iluminan muchas aristas de los procesos de crecimiento que hoy están en el corazón de las agendas urbanas.

**a. El agua y la traza.** En primer lugar, nos interesa revisar las tensiones entre los cursos de agua (paulatinamente omitidos) vs la regularidad del tejido edificado. ¿Qué relaciones se jugaron entre agua y la construcción de la ciudad capital? La ciudad de fundación se

adaptó muy cuidadosamente a su geografía, estableciendo una primera divisoria de escurrimiento en la meseta alta en la que se asentó la ciudad en 1580<sup>5</sup>, limitada por los arroyos del norte y del sur (alternativamente secos y anegados, según un régimen de lluvias poco predecible) que operaron durante mucho tiempo como una frontera entre la ciudad y sus alrededores, ocupados por huertas, obrajes y pastoreo. Durante los primeros siglos, se dirimía una difícil coexistencia entre las zonas edificadas con los arroyos, zanjones, bañados y pantanos, con las consiguientes inundaciones. Paulatinamente, cuando la expansión superó esas barreras sobre el fin del siglo XVIII, los arroyos que empezaban a ser atravesados por precarios, y provisorios, puentes, se encauzaron y rectificaron en operaciones que se continúan a lo largo del siglo XIX. Las obras de entubamiento y relleno se presentan como la solución para asegurar la regularidad de la ciudad en tanto las inundaciones testimonian la existencia de arroyos, cauces y ríos de llanura... .

El imaginario moderno e ingenieril de una ciudad plana, seca y sin obstáculos para el crecimiento, en consonancia con los programas de higienistas y médicos sociales, estuvo por detrás de la red de obras, que junto con la distribución, los desagües cloacales y pluviales, ocultó la presencia del agua. El agua que se origina en las lluvias, pero que no llega a fluir o se acumula, por su parte, los ríos, arroyos y bañados, se convierten en elemento peligroso que es indispensable controlar y conducir. En ese contexto, se desecaba y nivelaba el gran valle de inundación de Riachuelo, que en pocas décadas se artificializó casi por completo, en un tipo de operación que se generalizó en las grandes cuencas. Las periódicas inundaciones, con su acompañamiento de barro, suciedad, insalubridad e indecencia, empiezan a ser noticia, generando cuestionamientos y reclamos. En respuesta, durante el siglo XX, el entubamiento y canalización de arroyos y ríos, sumado a los embates de los ríos de llanura, estuvieron atrás de inundaciones y desbordes difíciles de controlar, que signaron terrenos bajos y mayormente habitados por pobres u ocupado por equipamientos.

---

<sup>5</sup> La divisoria establecía la nivelación futura de la ciudad a partir del eje este oeste de la calle del cabildo, con escurrimiento hacia zanjón del norte y hacia el zanjón del sur. Favelukes, G., 2021. *El plano de la ciudad. Formas y culturas técnicas en la modernización temprana de Buenos Aires (1750-1870)*, Buenos Aires: Serie Tesis del IAA, UBA.

**b. Las costas del Plata. De fondo a frente.** Sobre la baja costa del Río de la Plata una barranca natural con elevación variable protegía a la ciudad de los desbordes. Con la definición de un borde edificado en el Paseo de Julio en la década de 1860, el borde ribereño norte de la ciudad se organizó en una zona alta - edificada y pública - y una baja - informal, zona de servicios, desde la pesca y servicios del puerto hasta las tareas de lavado (y espacio de bebedero de animales de tiro que desaparecieron gradualmente). De la mano de los tendidos ferroviarios, y la construcción del puerto moderno - rellenos mediante - la zona baja de la costa se consolidó como sector de equipamientos que, desde el inicio del siglo XX se comparte con espacios públicos, cuando se pondera el valor paisajístico del estuario y una ribera arquitecturizada.

La línea de ribera del Plata es cambiante, pues se trata de un río que construye territorio - según la alternancia de la erosión de las mareas y de la acumulación de los sedimentos arrastrados por la gran cuenca - y fue -y es - oportunidad de rellenos que suman superficie edificable sobre el muy leve declive del fondo costero. Las obras de Puerto Madero primero, luego las del Puerto Nuevo y las usinas, signaron las costaneras del sur y las del norte, separadas por las parrillas ferroviarias de la ciudad tradicional. Hacia el sur, el balneario popular se gestó en las vísperas de los años veinte del siglo XX, en el borde de las tierras ganadas al río con el Puerto Madero. En el norte se trató de una intervención más tardía, el malecón que resulta de los materiales de las demoliciones céntricas. A lo largo del siglo XX se sumaron proyectos para espacios públicos y varios equipamientos de magnitud como el aeroparque capitalino en la clásica tensión sin resolver entre espacio público y equipamiento. Actualmente, en una suerte de corolario controvertido, se proponen proyectos para residencializar y privatizar la costa, muy resistidos por la sociedad civil.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Sobre las costas de Buenos Aires, Di Virgilio, M. M. 2018. "Buenos Aires y la ribera: Continuidades y cambios de una relación esquivada". Cuadernos *LIRICO. Revista de la red interuniversitaria de estudios sobre las literaturas rioplatenses contemporáneas en Francia* (18). Novick, A. 2022. "Las costas de Buenos Aires. Un futuro por default", *Revista Notas CPAU*.

Desde un proceso similar, se fue dibujando una sinuosa costa metropolitana, con proyectos fragmentarios, a lo largo de la cual se fueron instalando equipamientos portuarios y espacios recreativos de vieja y nueva data, que se superponían con barrios precarios. Esa costa de clubes, puertos y heterogeneidad social, localizada en tierras bajas e inundables, es visualizada en etapas recientes como oportunidad para el desarrollo de nuevos productos inmobiliarios que transforman las tierras bajas, el fondo, en un nuevo frente de costaneras y conjuntos habitacionales de prestigio.<sup>7</sup>

**c. Las cuencas como fondo metropolitano.** Las tres grandes cuencas que estructuran el territorio, fueron tomando relevancia en relación al avance de la expansión metropolitana. En esa transición, pasaron de ser amplios territorios rurales o semi rurales, a ser sede de industrias y equipamientos, mientras el tejido residencial se extendía. En relación, los cursos de agua se convirtieron, en receptores de residuos industriales y domiciliarios, a contaminarse y a contaminar. Los acuíferos subterráneos también registraron esas transformaciones. Los estudios recientes, iluminan los conflictos ambientales y de los dilemas que plantean respecto del crecimiento<sup>8</sup>.

Primero fue el Matanzas-Riachuelo, eje fluvial industrial marcado por crecimiento dentro y fuera de la capital, el primero en transformarse, junto con los arroyos interiores a Buenos Aires que desaguan en el Río de la Plata -Maldonado, Vega, White- y los afluentes del Riachuelo. El crecimiento de la población y de los loteos populares marcaron a partir de la década de 1940 la ocupación de las tierras bajas en el curso principal del Río Reconquista y de sus afluentes, y más adelante, fue el turno del Río Lujan sede de una amplia gama de urbanizaciones cerradas.

---

<sup>7</sup>Sobre las costas metropolitanas, Charriere, M. (editora) 2017, *Costas y cuencas de la Región Metropolitana de Buenos Aires: estudios planes y proyectos*, Buenos Aires: CPAU. Wertheimer, M. (2017). "Las costas metropolitanas del Río de la Plata: de balnearios abiertos a paisaje postal". En I Jornadas de Investigación "Ríos urbanos. Nuevas perspectivas para el estudio, diseño y gestión de los territorios fluviales"(La Plata/Gral San Martín, 2017).

[http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/69505/Documento\\_completo.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/69505/Documento_completo.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

<sup>8</sup>Merlinsky, G. (comp.) 2013. *Cartografías del conflicto ambiental en Argentina*, Buenos Aires: Fundación CICCUS.



El avance de la ocupación sobre las tierras bajas estrechó y alteró la zona de variación del nivel del agua, y la inundación afectó a capas cada vez más amplias de población. En relación, se suceden las obras de rectificación, de construcción de canales aliviadores e incluso de represas como la que se inaugura en el tramo alto del Río Reconquista en 1971 que intentan disminuir el riesgo de inundaciones como la de 1963. Aún antes de alcanzar los niveles críticos de contaminación del agua que se hacen notorios en las décadas finales del siglo XX, las cuencas llegaron a estar notoriamente artificializadas: los pequeños arroyos que van formando el caudal de los ríos principales se rectificaron o entubaron, las nivelaciones y pavimentaciones condujeron el agua superficial hacia tuberías que distribuyen los lugares de acometida y así intentan regular el flujo de agua que se vuelca al río - y los afluentes industriales y domiciliarios que toman los cauces como desagote permanente.

En un primer momento de la urbanización, la instalación en las zonas bajas fue una localización privativa de los sectores populares. Desde el último medio siglo, el hábitat precario de aquellos que no pueden participar del mercado inmobiliario y ocupan tierras inadecuadas, compite con la instalación de urbanizaciones cerradas para sectores de alto poder adquisitivo que, mediante rellenos y canalizaciones transforman las zonas de humedales en barrios de alto standard y bajísima densidad, que cumplen las aspiraciones de acceso al paisaje y la naturaleza sin riesgos de inundación, con los esperables efectos negativos en las zonas bajas de las cuencas -dinámica que ya se extiende también a las tierras ribereñas de la zona sur del AMBA. En esa orientación, lo que se juega en torno de las tierras altas y bajas es ilustrativo. En un principio las tierras altas, estuvieron por detrás de las trazas ferroviarias y de los barrios de prestigio. En fecha reciente, el acondicionamiento artificial del territorio convierte las tierras bajas y los humedales en espacios disponibles para la urbanización.

En síntesis, estas tres dinámicas, entre otras que falta explorar, ponen en juego varios procesos invisibilizados. En primer lugar, las “omisiones” - ese esconder el agua en canalización subterráneas- que además organizan las formas de ver. En segundo lugar, los cambios en la línea costera y las derivas de las cuencas que obligan a hacer visible

los procesos estructurales de transformación territorial. Se trata de aspectos de la historia metropolitana que, retomando nuestro argumento de apertura, no son retomados como característica relevante para la construcción de las cartografías del crecimiento, en especial aquellas que desde las escalas más amplias retrataron las etapas de la expansión en su conjunto.

### **3. ¿Y si la historia no fuera cronológica?**

El trabajo crítico sobre las historias de la ciudad y su expansión, requiere de nuevas estrategias epistemológicas y comunicativas. Una historia medial puede contribuir a mostrar lo que tal vez ya se sabe, pero quedó diluido en los tradicionales procedimientos y soportes del trabajo académico—sobre todo los escritos y los cartográficos - o fue soslayado por otros temas—problema, en relación con interpretaciones de referencia. Las posibilidades de la exploración medial, para la construcción de historias de las ciudades, se vinculan, por supuesto, con el fuerte impulso de los estudios visuales y mediales de las últimas décadas.<sup>9</sup> En los programas de los estudios urbanos y del diseño se multiplican las iniciativas que buscan combinar los interrogantes, explotar las posibilidades de las tecnologías digitales, crear ámbitos de colaboración entre disciplinas y saberes del espacio. Las herramientas digitales, son el medio pero también el espacio para construir visualizaciones del pasado y el presente de las ciudades y las arquitecturas.<sup>10</sup>

En muchos casos, la experimentación se genera en el ámbito de la comunicación cultural<sup>11</sup>, en el diseño de exposiciones o en la curaduría de colecciones de museos, que

---

<sup>9</sup> Parte de cuyas alternativas se reúnen en Elkins, James. 2003. *Visual Studies. A Skeptical Introduction*. New York - London: Routledge, y Elkins, James, Gustav Frank, and Sunil Manghani (eds.). 2015. *Farewell to Visual Studies*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.

<sup>10</sup> Que dialogan con, pero no son idénticas a, las humanidades digitales. En el campo específico relacionado con los estudios de arquitectura, ciudad y territorio: **metaLAB (at) Harvard**, dirigido por Jeffrey Shnapp, Duke University, The Wired! Group, (2015) "Wired! @ 5 (Years): Visualizing the Past at Duke University," *VRA Bulletin*: Vol. 41: Iss. 2, Article 3. Available at: <https://online.vraweb.org/index.php/vrab/article/view/83>. **Visualizing Venice**: Huffman, Kristin, Andrea Giordano, and Caroline Bruzelius. 2018. *Visualizing Venice. Mapping and Modeling Time and Change in a City*. London - New York: Routledge (Taylor & Francis). **Media Arts and Sciences program (Media Lab)**, de la School of Architecture and Planning del MIT. ///

<sup>11</sup> Desde los ya consagrados trabajos de Lev Manovich

requiere de optimizar canales de comunicación con el público.<sup>12</sup> En directa relación, se destaca el proyecto *Urban Intermedia*<sup>13</sup> que explora diversas formas de poner en relación documentos de archivos de diferente naturaleza para gestar nuevas narrativas urbanas.

Coincidimos con la propuesta: la dimensión experimental de la historia medial, que recurre a imágenes y cambia los puntos de vista, permite tejer de otra manera las escalas y los tiempos en narrativas no necesariamente cronológicas. El uso de los media, entendido como procedimiento crítico, se presenta como una doble estrategia: para revisar historias consagradas y para formular nuevas interpretaciones. Desde esa perspectiva, no coincidimos in toto con la confianza en la tecnología de muchos autores. Creemos que en el campo de las historias de la ciudad, la relectura de la bibliografía, la identificación de imágenes y el esfuerzo interpretativo debe llevarse a cabo antes, durante y después del procesamiento informático. Seguramente la respuesta a esa disidencia, se dirime en los procesos de experimentación... En ese sentido cabe interrogarse acerca de como aplicar esos procedimientos para examinar la expansión de Buenos Aires.

En primer lugar, procuramos hacer “visible” lo “invisible”, poner el lente sobre lo “omitido”. La revisión bibliográfica mostró que las diferentes interpretaciones, signadas por contextos históricos y epistemológicos, privilegiaron algunos temas sobre otros. Desde esa perspectiva, nos interesa poner de manifiesto el rol que le cupo al agua en el crecimiento metropolitano. Para ello, el desafío consiste en recuperar y elaborar nuevas imágenes para restituir, mediante una nueva narración, la topografía y las redes fluviales soslayadas por la cartografía histórica, y cuya relevancia actual reclama una historia.

En segundo lugar, se trata de deconstruir las series cronológicas y las escalas miradas como cajas chinas. Ciertamente, las series cronológicas son un importante referente para conocer lo que esta y estuvo en juego en cada escenario, pero es necesario en un segundo momento, cambiar la secuencia, la serie soslaya el juego de escalas y de

---

<sup>12</sup> Burdick, Anne, Johanna Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner, **Jeffrey Schnapp**. 2018. *Digital Humanities*. Cambridge, Mass. London, England: The MIT Press

<sup>13</sup> Blau, Eve (2019). “Urban intermedia. City, Archive, narrative”, in Laura Kurgan and Dare Brawley. *Ways of Knowing Cities*. New York: Columbia Books on Architecture and the city, 206-235.

temporalidades propios de la ciudad. Se trata también de transitar de la ciudad estudiada a la ciudad vivida... En ese sentido, las inundaciones, los terrenos bajos, las percepciones sobre el agua se fueron transformando a lo largo del tiempo, pero existen algunas cuestiones constitutivas, tensiones entre tierra y agua, soluciones técnicas en tensión con la vida cotidiana de los habitantes que nos interesa poner de manifiesto.

Desde esa perspectiva, en tercer lugar, y en tanto procedimiento, proponemos recurrir a la construcción de *layers*. Según la bibliografía, y la experiencia, lo medial permite cambiar las formas de mirar, romper con la presentación secuencial, para presentar historias no lineales, con hilos que se entrecruzan de imágenes, escalas y capas (*layers*) que implican superposiciones que cuestionan las lógicas tradicionales de espacio y de tiempo. Se trata de un giro que además de relacionarse con los cuestionamientos modernos al pensamiento lineal, ordenado, secuencial y jerárquico, se vincula de manera directa con lo que se comenzó a denominar “capas” (*layers*) en los softwares de dibujo en ingeniería y arquitectura primero, y en los sistemas de información geográfica después. Se presenta como un mecanismo de descomposición y recomposición, en el que los datos (líneas, medidas, cantidades, coordenadas, e incluso imágenes y sonidos) se ingresan de manera fragmentaria y discreta mediante esas capas, y la activación de las capas va haciendo visibles aspectos y vínculos de manera separada o conjunta. Así, a nivel informático y cartográfico, ya no rigen las restricciones del dibujo artesanal. La capacidad de procesamiento amplía la posibilidad de puesta en discusión y exploración de aspectos y combinaciones no habituales o soslayadas, de manera complementaria con los crecientes desafíos, interrogantes y urgencias que requieren una reconsideración de los modos de interrogar y conocer el territorio urbano. Es de señalar, que los programas aptos para producir visualizaciones también permiten el trabajo por capas, junto con el juego de la animación, las transparencias y los desplazamientos de imágenes, textos y datos.

En ese ámbito de reflexiones, proponemos una animación - avance muy preliminar - que apunta a ponderar el relieve, la forma del suelo y la presencia del agua en los procesos de expansión urbana de Buenos Aires desde un discurrir visual en movimiento. En esta instancia más que modesta y sin ánimo exhaustivo, se muestra el entretejido de una

edificación cambiante, el agua que se estanca, las cañadas y quiebres en el suelo, el fango y la tosca del lecho del río y los arroyos. En correlato, las intervenciones y obras de infraestructura que reconducen los cauces (rectificaciones, entubamientos). El conjunto se contrapone con las imágenes de ciudad plana, seca y regular que orientó, y dominó el crecimiento metropolitano y los estudios clásicos sobre el problema. Revisitar esas historias es, sostenemos una forma de contribuir a promover formas de conocimiento colectivo sobre problemas multidimensionales.



## **Título: Imágenes, registros y representaciones de la informalidad urbana. Tomas de tierras en el Gran Buenos Aires**

**Autor:** Lucas Dombroski. Urbanista. Doctorando en Estudios Urbanos por el Instituto del Conurbano, Universidad Nacional de General Sarmiento (ICO-UNGS), con financiamiento del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de Argentina (CONICET).

### **Mesa: Mesa 57 - São Paulo e Buenos Aires: Narrativas Visuais para Repensar Presente e Passado**

**Resumen:** El presente artículo aborda las representaciones dadas a través de las imágenes, mapas y registros respecto de las “tomas de tierra” en el Gran Buenos Aires. Desde ese lugar se exploran los documentos académicos y de planificación de las décadas de 1980 y '90, los registros públicos de barrios informales propios de las plataformas Web, y se analizan nuevas composiciones desarrolladas mediante el ejercicio del redibujo en Sistemas de Información Geográfica. Así, se reflexiona sobre el poco explorado papel de la visualidad en los análisis respecto de la informalidad urbana considerando quiénes estuvieron por detrás y con qué objetivos elaboraron dichos productos.

**Palabras clave:** *Mapas, Representaciones, Visualidad, Tomas de Tierra, Gran Buenos Aires*

### **Introducción**

Las representaciones de la informalidad urbana en el Gran Buenos Aires<sup>1</sup> (GBA) han ido cambiando a lo largo del tiempo. Entendemos que esto se ha dado tanto por las transformaciones socio-históricas del fenómeno como por los múltiples estudios que han ido redefiniendo la problemática. En ese sentido, las cartografías han operado de manera decisiva en esas representaciones, y en los últimos tiempos han adquirido un protagonismo central, no solo en la lectura de procesos actuales, sino en la posibilidad de dar una mirada en retrospectiva a partir de datos históricos. En ese contexto, el presente artículo centra su atención en las representaciones dadas a través de los mapas y

---

<sup>1</sup> El GBA está compuesto por la Ciudad Autónoma de Buenos Aires y 24 municipios de la provincia de Buenos Aires.

registros respecto de la informalidad urbana, y particularmente en las denominadas “tomas de tierra” que desde sus orígenes a principios de la década de 1980 fueron estudiadas considerando el lugar geográfico que ocuparon en el borde urbano y sus especificidades territoriales.

Este trabajo se basa en una serie de antecedentes de trabajos exploratorios desarrollados en el marco de la investigación doctoral<sup>2</sup> y en un espacio de intercambio entre investigadores de Sao Paulo y Buenos Aires. En el marco de la investigación doctoral se abordado el estudio de las tomas de tierras, y en ese sentido se ha avanzado en aspectos teórico-conceptuales que las diferencian de las villas. En relación con los trabajos desarrollados en equipo, resultan relevante dos antecedentes principales. En primer lugar, el trabajo presentado en el II Congreso Ibero-americano de Historia Urbana, en 2019, donde se ha puesto el foco en mostrar los entretelones de la elaboración de cartografía analítica en cortes históricos mediante la utilización de Sistemas de Información Geográfica. Desde ese lugar algunas cartografías analíticas tomaban fuerza de hipótesis respecto del proceso de urbanización metropolitano, en la medida que ponían en contraste múltiples elementos nunca superpuestos y diversos planos fuente. Sobre esos materiales se continuó trabajando hasta la actualidad. En segundo lugar, en un trabajo más reciente (Novick y Dombroski, 2020) se examinaron las condiciones de producción de registros públicos, de observatorios en plataformas Web, de barrios informales, así como las valoraciones y el posicionamiento de actores e instituciones, las fuentes, las técnicas y resultados alcanzados.

Considerando los aspectos teórico-conceptuales en torno a las tomas de tierra, y retomando algunos procedimientos y capas construidas en la elaboración de cartografías metropolitanas; y también, recuperando el análisis que se ha realizado en torno a los registros públicos de barrios informales; aquí se reflexiona acerca de cómo las tomas de tierra fueron representadas, y a su vez, cómo esta representación fue redefiniendo las miradas sobre la problemática.

El texto se organiza en cuatro partes principales. Primero, se plantean delimitaciones teórico-conceptuales respecto de la informalidad urbana y aspectos procedimentales en el estudio de las representaciones mediante los mapas y registros. En la segunda parte se aborda el estudio de los planos propios de la planificación del borde metropolitano y los

---

<sup>2</sup> Tesis doctoral en Estudios Urbanos ICO, UNGS. Dirigida por la doctora Alicia Novick.

trabajos académicos de tomas de tierras, desde dos momentos que se distinguen en la década del '80 y los '90. En la tercera parte se exploran los registros públicos de asentamientos. Cuarto, desde la construcción de nueva cartografía con capas digitales se proponen revisiones a las miradas sobre las tomas de tierra, desde la superposición de información proveniente de las diferentes fuentes.

### **Las tomas de tierra y aspectos procedimentales en el abordaje de mapas y registros**

En el Gran Buenos Aires, la informalidad urbana puede diferenciarse, a grandes rasgos, en dos fenómenos principales, que por el objeto del presente trabajo es necesario distinguir: las villas, y los “asentamientos” o “tomas de tierra”. Los estudios sobre villas han planteado que su origen data de principios del siglo pasado y que las primeras ocupaciones se dieron en las zonas del puerto y en la periferia cercana de la ciudad de Buenos Aires con población inmigrante proveniente mayoritariamente de Europa, que tenía como perspectiva habitar estos espacios de manera transitoria hasta mejorar su condición económica. En tiempos de industrialización por sustitución de las importaciones en entreguerras, se dieron barrios en los municipios más industrializados del primer cordón en un proceso de migración de campo a ciudad. En los '70 se dio un fuerte proceso de erradicación de las villas en la ciudad. (Ratier, 1971; Ziccardi, 1984; Oszlak, 1991). Espacialmente las villas son barrios con edificaciones de varios pisos y pasillos intrincados que los conectan. Los asentamientos surgieron hacia principios de los 80, en el ocaso de la dictadura cívico-militar en la zona sur del GBA como una nueva estrategia de los sectores populares que suponía, a diferencia de las villas, desarrollar un barrio que se asemeje a la ciudad formal ya que esperaban radicar en ellos de manera permanente; en ese sentido se definieron trazados ortogonales y se previeron espacios para equipamientos. Estas ocupaciones se dieron en grandes predios vacantes en un proceso asociado al accionar de grupos eclesiales que, por la proscripción política que imperaba en esos años se habían constituido en actor clave de contención de la población empobrecida y desplazada. La organización eclesial, a lo largo de los años, fue expandiendo su influencia en relación con acompañamiento en las tomas, las cuales se dieron, tal como señala Cravino desde el sur, “hacia el oeste y en menor medida al norte - zona donde se concentran los sectores de altos ingresos-” (2001, p. 10).

Ahora bien, la pregunta que surge es cómo estudiar las representaciones en torno a las tomas de tierra desde los planos, esquemas y registros. Pues un modo es a través de la



“visualidad” reinsertando las imágenes en su contexto de emergencia, otro modo es a partir de la construcción de nuevas imágenes mediante la utilización de esas cartografías como insumo.

Como mostraron Novick y Favelukes (2019) desde la “visualidad” el desafío para el estudio consiste en reinsertar las imágenes en los contextos de los que emergen y sobre los que actúan. Esto implica examinar los gráficos y esquemas en relación con los procesos técnicos y sociales en los que participan y circulan” (Cosgrove, 2008). Como señaláramos en Novick y Dombroski (2020), ya no solo se trata de vincular las imágenes y el mundo representado, hace mucho tiempo ya se sabe que lo que está en juego, más que la “representación del espacio” es el “espacio de representación” capaz de iluminar con las imágenes el escenario de su emergencia. Pues lo que está en juego no es tanto lo que las imágenes muestran, sino, y considerando sus condiciones de producción, lo que se hace con y a través de ellas.

En cuanto a las modalidades de circulación, es ilustrativo reflexionar sobre la construcción de imágenes nuevas a partir de la utilización de planos casi tomados como fuentes primarias, que en el redibujo opera por fragmentos y superposiciones, pero que además es referente para nuevas reinterpretaciones, tal como se ha mostrado en el trabajo presentado en el II Congreso Ibero-americano de Historia Urbana, donde se ha puesto el foco en mostrar los entretelones de la elaboración de cartografía analítica en cortes históricos mediante la utilización de Sistemas de Información Geográfica. Desde ese lugar algunas cartografías analíticas tomaban fuerza de hipótesis respecto del proceso de urbanización metropolitana, en la medida que ponían en contraste múltiples elementos nunca superpuestos (Dombroski, 2019). Las imágenes viajan, como la “circulación de ideas” examinada por Bordieu (1989), sin su contexto, y de modo anacrónico y fragmentario como mostró Angotti Salgueiro (2004). Esta cuestión resulta aún más difícil de aprehender cuando se tratan los registros propios de las plataformas Web que poseen soportes móviles y actualizaciones permanentes, que al ser analizados en sus condiciones de producción considerando las valoraciones y el posicionamiento de actores e instituciones, las fuentes, las técnicas, y los resultados alcanzados, como pudimos explorar en Novick y Dombroski (2020), muestran la capacidad de informar y al mismo tiempo se presentan como agentes activos acerca de los problemas sobre los cuales informan. Dicho de otro modo, iluminan cuestiones al tiempo que las construyen.

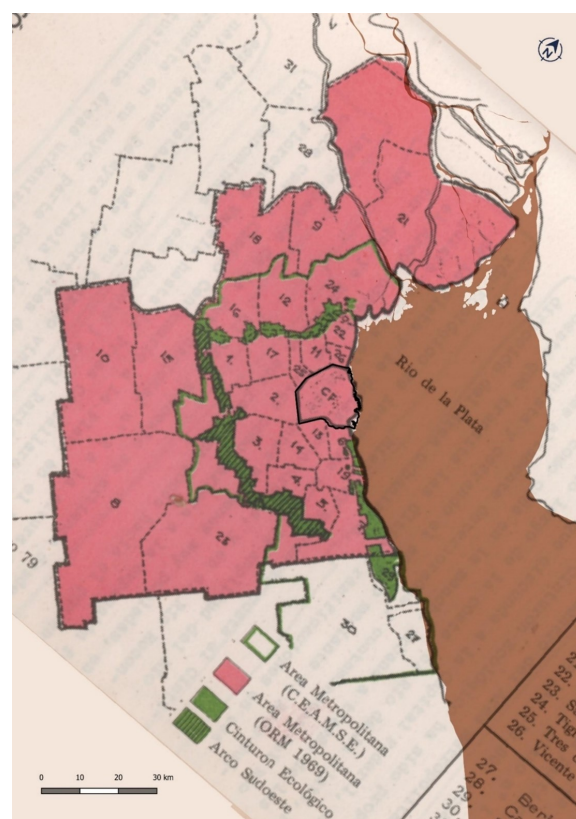
## **La planificación del borde metropolitano y los estudios de tomas de tierras en los años '80 y '90.**

El surgimiento de las tomas de tierra en el GBA estuvo marcado por un momento de desarrollo de infraestructuras y la reordenación territorial a nivel municipal y provincial (se sancionaron los decretos de código urbano en la ciudad y de ordenamiento territorial y usos de suelo en la provincia) que supusieron la erradicación de villas del centro de la ciudad y la expulsión de la población a la periferia, al mismo tiempo que se limitaron los loteos baratos (loteos sin servicios básicos y accesibles en cuotas). En ese contexto, tal como señalaron Elinbaum y Massidda retomando la idea de la heterotopía planteada por Michel Foucault que hace referencia a las diversas instituciones y lugares que interrumpen la aparente continuidad y normalidad de los espacios ordinarios de la vida cotidiana (Foucault, 1986) los barrios informales se pensaban como “otros espacios” no alcanzados por las referencias de la zonificación, ya que no eran distritos ni barrios reconocidos por los códigos urbanos, con lo cual, para salvar este obstáculo, más que una descripción, los planificadores urbanos prometen “un cambio que siempre queda diferido a diversos factores inciertos: las inversiones estatales, el trabajo de las ONG, el ascenso social espontáneo, el espíritu emprendedor o, en general, la fe en el progreso” (Elinbaum y Massidda, 2019: 118). Pero más allá de los barrios informales ya consolidados del centro, el borde urbano se planificó considerando la extensión futura de la suburbanización, o por lo menos así se ha expresado en una serie de trabajos académicos y de planificación de la época.

Las primeras representaciones cartográficas sobre las tomas de tierras se encuentran en trabajos como el de Izaguirre y Aristizabal, que trata las tomas colectivas y organizadas de tierras, considerando el papel de las clases populares y su devenir en el contexto de dictadura y la vuelta a la democracia. *Es desde ese lugar que se plantea* una vinculación directa entre la generación de grandes obras de infraestructura y la localización de las tomas. Dichas autoras entienden que existe, por entonces, un “paquete” de medidas que produjo diferentes efectos en los grupos de población afectada, y señalan al respecto una intencionalidad muy clara: “empujar a los pobres urbanos hacia la periferia de los partidos del gran Buenos Aires, por detrás del corredor libre denominado “cinturón ecológico”, futura área verde de reserva que, bajo el ropaje ideológico del “aire limpio” facilitaba el control estratégico de los sectores más desposeídos...” y, en consecuencia, “dispersar a esos mismos sectores en un radio mucho más extenso, lo que limitaba su amenazante concentración en las proximidades del asiento de los grupos de poder” (Izaguirre y

Aristizabal, 1988, p. 7). Si consideramos los mapeos desarrollados por las autoras se puede apreciar tomas en municipios del sur del GBA (en la zona de influencia del Obispado de Quilmes) y otras de menores dimensiones al oeste (en el municipio de la Matanza). Al considerar los planteos y planos desarrollados por las autoras en contraste con los documentos de planificación se puede establecer una lectura de conjunto que pone en diálogo diferentes escalas, temporalidades y permite al mismo tiempo mostrar lo existente y lo proyectado en el territorio.

Más allá de la normativa de ordenamiento territorial para el GBA existió una serie de definiciones orientadas a atender específicamente el borde urbano, como la proyección de construcción y conformación parcial del Cinturón Ecológico (suponía la disposición final de los residuos sólidos urbanos del GBA en rellenos sanitarios sobre los cuales luego se desarrollarían parques urbanos) y la Autopista circunvalatoria, que se constituyeron como proyectos que buscaban poner orden en las áreas de suburbanización actuando sobre las zonas bajas en las márgenes de los principales ríos, tal como lo reflejan los mapas de la Comisión Ecológica para el Área Metropolitana (CEAMSE, 1980) basados, a su vez, en los lineamientos de la Oficina Regional de Desarrollo Área Metropolitana del Conade 2000 (1969).



**Imagen 1.** Superposiciones de mapas y registros. Mapa del Cinturón Ecológico proyectado.

Fuente: elaboración propia a partir de planos del CEAMSE y base de datos digitales de construcción propia.

Hacia la década de los '90 con la llegada de gobiernos peronistas el planteo estatal en relación con las tomas de tierra se redefinió. Según Merklen “se plantea un nuevo vínculo con los asentamientos, ya no conocido por el deseo de erradicarlos” (1997: 7). En este contexto, se crea una serie de programas vinculados al acceso al suelo, de desarrollo de servicios y de mejoramiento de barrios<sup>3</sup>, donde toman relevancia organizaciones de base territorial como la Federación de Tierra y Vivienda (FTV) y la Corriente Clasista y Combativa (CCC). También, por esos años, otras organizaciones sociales y ONGs comienzan a adquirir mayor protagonismo, como es el caso de Caritas, desde donde surgió la organización Madre Tierra que actuó en la zona noroeste del Conurbano sobre las áreas de influencia del obispado de Merlo-Morón.

A partir del accionar de las organizaciones sociales y su conexión con la política partidaria, Cravino (2009) sostendrá que las ocupaciones de tierras se “institucionalizaron” como forma de acceso al suelo urbano. En ese marco, desde el Estado se comienzan a registrar estos barrios a partir de diferentes instrumentos que encuentran su expresión paradigmática en los documentos de la comisión nacional para el área metropolitana (CONAMBA) que mediante la utilización de la foto satelital como fuente de información dio cuenta de las especificidades del borde urbano. De hecho, los mapas de Horacio Bozzano (*et. al.*, 1995) llevado a cabo en 1992, publicado en 1995, recurre a la lectura de las fotografías aéreas, para detectar las formas de ocupación del suelo con informaciones que son transcritas manualmente a los planos. Así desde estos trabajos por primera vez se da entidad a los barrios informales desde los documentos de planificación.

En síntesis, en los años previos a los '80 se operaba proyectando sobre los barrios informales de la ciudad desde una perspectiva que suponía la regularización o erradicación de estos. En inicios de los años '80 en el contraste entre planos de los primeros trabajos académicos acerca de las tomas de tierras en relación con los documentos de planificación en torno al borde metropolitano se evidencia como se

---

<sup>3</sup> Por ejemplo, a nivel provincial se creó el plan Pro-Tierra, que entre sus objetivos incluía la ayuda a la consolidación de las organizaciones comunitarias de los barrios y la venta de las tierras tomadas a sus ocupantes, al mismo tiempo, a nivel municipal en Lomas de Zamora, se lanzó el plan “Casas con Tierras” con objetivos similares al plan provincial.

prefiguraba una delimitación geográfica de las áreas de erradicación de la informalidad y el ordenamiento de la suburbanización. En los '90 se evidencia un vínculo más estrecho desde la política entre gobiernos y sectores populares, así como entre gobiernos y la academia en el marco de la planificación, explicitados en los documentos de análisis y proyectación del borde por parte de la Comisión Nacional para el Área Metropolitana.

### **Los registros públicos de barrios informales, como resultado e insumo para el análisis y la planificación desde los 2000.**

Tal como señaláramos en Novick y Dombroski (2020) desde fines del siglo XX los mapas, y el interés por asociarlos con información social tomó una nueva magnitud con el giro espacial y la informática. En ese ámbito, los programas permiten procesar datos de muy diverso carácter en relación con bases cartográficas, operación clave de los sistemas de información geográfica. En este contexto el protagonismo de los mapas se desplazó a las plataformas on line y a los observatorios, que intentan con la especialización progresiva, transformarse en referentes de temas diversos.

También las políticas vinculadas a la informalidad urbana se transformaron a partir de un mayor apoyo del Estado nacional a las investigaciones aplicadas en la materia, desarrolladas desde las nuevas universidades públicas del conurbano<sup>4</sup>, así como mediante el fortalecimiento de las relaciones con organizaciones sin fines de lucro con anclaje territorial. Estas políticas se dieron en un contexto de crecimiento de las ocupaciones de tierras, fundamentalmente por mejores expectativas de empleo e ingresos crecientes que se vio acompañado por la migración de población desde países limítrofes y provincias del norte. Pero más allá de los vínculos entre actores sociales y Estado, no se dio una transformación “de fondo”<sup>5</sup> que permitiera el acceso a suelo urbano por vías formales a las clases de menores ingresos. En este contexto el proceso de extensión de los asentamientos se incrementó de modo exponencial y en particular en algunos municipios que tuvieron una política permisiva en aras de urbanizar los barrios y evitar desalojos violentos.

---

<sup>4</sup> Las universidades nacionales creadas en los '90 fueron fortalecidas a partir de financiamiento y la repatriación de investigadores y docentes que habían sido exiliados durante la dictadura. Estas universidades se abocaron a desarrollar un abordaje territorial en “zonas de influencia” y en vínculo con la comunidad.

<sup>5</sup> Programas públicos como el PROMEBA (mejoramiento de barrios), el Plan Federal (construcción de viviendas en barrios planificados) y el PROCREAR (de créditos y construcción de barrios planificados), fueron algunos de los más representativos.

En paralelo, las diferentes instituciones nacionales y provinciales pusieron el foco en mejorar las bases de datos, y en conocer los procesos que se dirimen en el territorio. Así, se iniciaron una amplia gama de relevamientos de los barrios populares. Desde Nación, la Secretaría de Transporte, y la Comisión Nacional de Tierras Fiscales, a través del “Programa Arraigo” (programa de regularización dominial) recolectaban información. A nivel provincial, la Subsecretaria de Urbanismo y Vivienda del Instituto de Vivienda, la Dirección Provincial de Estadísticas, varias de las nuevas universidades del conurbano, así como las organizaciones que operaban sobre el territorio fueron llevando a cabo sus propios estudios.

En el marco de lo anterior, hacia el 2009, desde un proyecto de investigación del Instituto del Conurbano se desarrolló un primer registro de villas y asentamientos, que buscaba ser “una herramienta capaz de facilitar la toma de decisiones de quienes construyen las políticas públicas en torno a la problemática del hábitat, y como un elemento potente para difundir, intercambiar y retroalimentar información entre los diversos actores, y desarrollar conocimiento que pueda también ser apropiado por las organizaciones comunitarias vinculadas, por equipos de investigación interesados y el público en general” (Cravino, 2009). Desde esa perspectiva, Info-hábitat marcó un punto de inflexión, pues el procedimiento de espacialización, cambió el modo según el cual estos datos venían siendo recolectados y publicados (<http://infohabitat.ungs.edu.ar/>). Los resultados de esa investigación fueron retomados por los promotores de la Ley de Acceso Justo al Hábitat 14449 que se gestó desde la misma universidad en vínculo con organizaciones sociales, sindicales y otras instituciones como universidades y gobiernos municipales (<http://190.188.234.6/registro/publico/>). Así, con relevamientos realizados entre los años 2014 y 2015, y desde los requerimientos de la ley, es decir desde la perspectiva de la regularización, se desarrolló el Registro Público Provincial de Villas y Asentamientos (en adelante, también como registro provincial) con la participación del Foro de Organizaciones de Tierra, Infraestructura y Vivienda (FOTIVBA) que nuclea a las organizaciones e instituciones.

Además de los anteriores registros se destaca el Registro Nacional de Barrios Populares (RENABAP) (<https://www.argentina.gob.ar/habitat/renabap>) resultado del decreto 358/2017 que fue llevado a cabo por el Ministerio del Interior, Obras Públicas y Vivienda. Inicialmente, había sido promovido por la Jefatura de Gabinete de Ministros en acuerdo con una serie de organizaciones sociales y políticas (CTEP, CCC, Barrios de Pie, Cáritas, y Techo). Tributario de relevamientos llevados a cabo en 2015-2016 y presentados en

2017. También se destaca el registro de la asociación sin fines de lucro Techo con un relevamiento y publicación en 2015 y 2016. ([http://relevamiento.techo.org.ar/.](http://relevamiento.techo.org.ar/))

Estos diferentes registros, si bien apuntan a mostrar los mismos barrios informales tienen por detrás objetivos diferentes que se pueden visualizar a partir de la superposición de datos y capas.

El registro provincial se presenta como un instrumento de legitimación hacia adentro y hacia afuera. Hacia afuera, está destinado a un público ampliado, dando a conocer los alcances de los mecanismos de regularización, programas de mejoramiento o integración. Pone de manifiesto las situaciones socio económicas que es preciso resolver con urgencia y presenta un cumulo de información disponible para funcionarios, especialistas y habitantes. Construyendo al mismo tiempo una imagen fuerte de la cantidad de problemas a resolver y del rol que les cabe a las organizaciones. Espacializa los consejos y las mesas, consagra el rol protagónico de las organizaciones sociales pues las sitúa como actores relevantes en el territorio vinculándolos a los barrios.

El registro nacional se presenta como una herramienta desde varias perspectivas. En primer lugar, se trata de un instrumento de legitimación de los organismos del Estado nacional que se atribuyen, por su intermedio un rol destacado en el conocimiento y en la actuación. En segundo lugar, se trata de un espacio de negociación entre organizaciones sociales, representantes del Estado nacional y habitantes.

En síntesis, los registros públicos son un modo de dar cuenta de la problemática del hábitat informal, que se inició con Info-hábitat y se instaló con el registro provincial. El mapeo visibiliza también a los actores institucionales que participan de la elaboración de diagnósticos y de soluciones, que intentan asumir protagonismo desde sus diferentes roles.

### **Superposiciones, revisiones y reinterpretaciones**

Tal como se puso en evidencia en los apartados anteriores, las posibilidades analíticas de las herramientas de la “cultura digital” (Lev Manovich, 2006) son fundamentales para afrontar el cumulo de materiales y archivos en los estudios urbanos. En ese sentido como señaló Angotti Salgueiro (2014) las técnicas digitales facilitan traer la integración del pasado y del presente de las ciudades gracias a una visualización más clara de las cuestiones relativas a su historia. Desde ese lugar algunas cartografías analíticas

desarrolladas en GIS toman fuerza de hipótesis al poner en diálogo múltiples fuentes, haciéndolos jugar en escalas y temporalidades diversas.

La superposición de planos de tomas de tierras entre sí y con los esquemas y planos propios de los documentos de planificación permiten considerar las representaciones en torno a la cuestión, desde el entrecruzamiento de múltiples fuentes. **La imagen 2** es una composición basada en datos de planos históricos que se preocupaban por iluminar el proceso de urbanización del GBA, planos topográficos, planos de vialidades e infraestructuras, el plano de la CEAMSE con el Cinturón Ecológico proyectado, así como las autopistas exasistentes y proyectadas, y las primeras tomas de tierras registradas por Aristizabal e Izaguirre. El plano da cuenta al mismo tiempo de elementos urbanos existentes y otros proyectados que permite recuperar los debates y preguntas desde la visualidad habilitando múltiples interpretaciones.

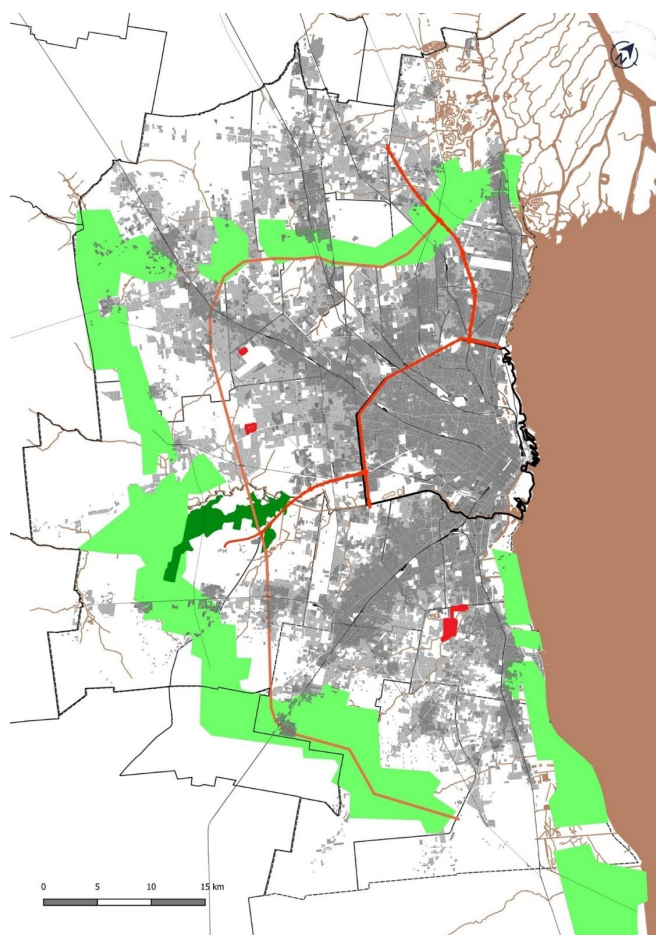


Imagen 2. Superposiciones de capas a partir de esquemas, mapas y registros para los años '80.

Fuente: elaboración propia a partir de planos del CEAMSE y base de datos digitales de construcción propia.



El ejercicio de superposición de planos digitalizados o el redibujo de ellos en la construcción de nuevas capas vectoriales, habilita una amplia gama de reflexiones en la medida que construye nueva información. La posibilidad de realizar una mirada en retrospectiva acerca de las tomas de tierras desde las capas actuales, por ejemplo, con el dato de la fecha de origen de un barrio, resulta una herramienta potente, pero al mismo tiempo exige una lectura contextualizada del momento histórico al que se hace referencia, tal como se trató de realizar aquí.

### **Palabras de cierre**

A lo largo del presente artículo se buscó dar cuenta acerca de las representaciones dadas a través de los mapas y registros respecto de la informalidad urbana haciendo foco en las tomas de tierra. Desde ese lugar, inicialmente, se pusieron en relieve los contrastes entre los documentos académicos y de planificación respecto de la delimitación geográfica de las áreas formales e informales que se dirimieron en la relación centro-periferia, y que mediante nuevas herramientas y técnicas de mapeo hacia fines del siglo pasado se buscó dar cuenta de las especificidades de esos lugares inciertos y difíciles de aprehender por parte de la planificación.

Los registros públicos de los barrios emergieron en el nuevo siglo como un modo de dar cuenta de la problemática del hábitat informal haciendo visible y público los datos que eran tradicionalmente guardados por la administración pública. Desde ahí, estos registros muestran y otorgan inteligibilidad al fenómeno del hábitat precario. Pero no solo eso, los mapas y sus plataformas web de referencia, visibilizan también los actores institucionales que participan de la elaboración de diagnósticos y de soluciones, que intentan asumir protagonismo desde sus diferentes roles y en ese proceso también les otorgan legitimidad.

Más allá de lo anterior, el ejercicio del redibujo utilizando los planos, esquemas y capas digitales como fuentes, con sus múltiples superposiciones de datos, permite desarrollar nuevas preguntas e interpretaciones sobre cuestiones que pudieran haber sido ampliamente tratadas desde la bibliografía, pero escasamente desde la visualidad.

### **Bibliografía**

Angotti Salgueiro, H. (2004). Augustin Rey, leitor de Camillo Sitte na obra *La Science des Plans des Villes*, Conferencia Internacional Historia Urbana. Camillo Sitte y la circulación de ideas de estética urbana. Europa-América Latina: 1880-1930, Bauru.

- Angotti Salgueiro, H. (2014). "História Urbana e Novas Tecnologias" En: Bernard Lepetit, *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp.
- Bourdieu, P. (1989). Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. Conférence prononcée le 30 octobre 1989 pour l'inauguration du Frankreich-Zentrum de l'université de Fribourg. Publicado en 1990 en les Cahiers d'histoire des littératures romanes (14e année, 1-2, p.1-10). <http://www.espacesse.org/bourdieu-1.php>
- Bozzano, H.; Cuenca, G. (1995). Capítulo II, Usos del Suelo. El conurbano bonaerense, relevamiento y análisis. Ministerio del Interior, provincia de Buenos Aires. Comisión Nacional Área Metropolitana de Buenos Aires, Buenos Aires.
- Cosgrove, D. (2008). *Geography and vision. Seeing, imagining and representing the world*. London - New York: I. B. Tauris.
- Cravino, C. (Org.) (2009). Los mil barrios (in)formales. Aportes para la construcción de un observatorio del hábitat popular del Área Metropolitana de Buenos Aires. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento Ediciones.
- Cravino, M. (2001). La propiedad de la tierra como un proceso. Estudio comparativo de casos en ocupaciones de tierras en el Área Metropolitana de Buenos Aires. En Land Tenure Issues in Latin America. Slas 2001, Conference. Birmingham
- Dombroski, L (2020). Los territorios de asentamientos en el borde metropolitano de Buenos Aires, desde 1980 a la actualidad. *Revista Urbano*. 41, (84–101) ISSN: 0717-3997 / 0718-3607.
- Dombroski, L. (2019). Relevamientos y procedimientos en la elaboración de mapas e imágenes sobre Buenos Aires. II Congreso Latinoamericano de Historia Urbana, (1250 - 1264) México: Asociacao Ibero-americana de Historia Urbana. ISSN: 2674 – 6808.
- Favelukes, G. (2004). "El plano de la ciudad". Expansión y control urbano en la modernización temprana de Buenos Aires (1750-1870). Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires.
- Foucault, M. (1986). "Of other spaces". *Dia critics*, 16 (1): 22-27. <https://doi.org/10.2307/464648>
- Izaguirre, I.; Aristizabal, Z. (1988). Las tomas de tierra en la zona sur del Gran Buenos Aires. Una experiencia de poder popular, Buenos Aires, Argentina: CEAL
- Manovich, L. (2006). *El lenguaje en los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital - 1° ed.* - Buenos Aires, Paidós.
- Merklen, D. (1997). Organización Comunitaria y Práctica Política. Las Ocupaciones de Tierras en el conurbano de Buenos Aires. *Revista Nueva Sociedad*, 149, 162-177.
- Novick, A.; Favelukes, G. (2019). Imágenes, planes, proyectos y mapas en la construcción de Buenos Aires. II Congreso Latinoamericano de Historia Urbana, México.
- Elinbaum, P.; Massidda, A. (2019). "La representación urbanística de los espacios informales. Las villas miseria de Buenos Aires (1947-1965)". *Bitácora Urbano Territorial*, 30 (1): 115-126. <https://doi.org/10.15446/bitacora.v30n1.7012>.

Oszlak, O. (1991). Merecer la ciudad. Los pobres y el derecho al espacio urbano, Buenos Aires, Humanitas CEDES.

Ratier, H. (1971). Villeros y villas miseria. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.

Ziccardi A. (1984). El tercer gobierno peronista y las villas miseria de la ciudad de Buenos Aires (1973-1976). Revista Mexicana de Sociología; Año XLVI, Vol. 46, No. 4, pp. 145-172

### **Plataformas y observatorios**

Info-Hábitat. <http://infohabitat.unqs.edu.ar/>

ReNaBaP. <https://www.argentina.gob.ar/habitat/renabap>.

Techo. <http://relevamiento.techo.org.ar/>.

RPPVyA. <http://190.188.234.6/registro/publico/>.



## **Título: Apresentação da Mesa 57**

**Autor/a:** Angotti-Salgueiro, Heliana. Historiadora. Pesquisadora associada ao IEB-USP e ao David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University.

(Coordenadora da Mesa 57, com Graciela Favelukes)

**Mesa: 57 - São Paulo e Buenos Aires: Narrativas Visuais para Repensar Presente e Passado.**

### **Resumen:**

A Mesa 57 traz a atualidade e avanços do trabalho iniciado no II CIHU (México, 2019). Essa apresentação resume a metodologia de intermédias visuais urbanas, procedimentos e linhas de teóricos da *digital culture*, *media studies* e *knowledge design*. As comunicações trarão recortes da história urbana de São Paulo e Buenos Aires por meio de “narrativas animadas” ou vídeos curtos, repensando as formas de apresentação do material pesquisado a fim de produzir novas leituras. As narrativas experimentais visuais sobre as duas metrópoles ibero-americanas buscam mapear processos e problemas do seu crescimento e transformação, representações de ideários e utopias urbanas e outros recortes, além dos relatos convencionais da história urbana.

**Palabras clave:** *estudos visuais - linguagem digital - intermédias urbanas - narrativas/arquivos animados*

Em 2014/15 quando escrevi o prefácio à nova edição do livro de ensaios de Bernard Lepetit, *Por uma nova história urbana*, incluí o item “História Urbana e Novas Tecnologias”, observando que a partir dos anos 2000 a revolução digital era definitiva e anunciava perspectivas inovadoras para a disciplina - entre elas o estudo da espacialização do fenômeno urbano por meio de programas como o GIS (Geographic Information System), que facilitaria o *mapeamento* das representações espaciais da evolução urbana e das transformações da cidade sob múltiplos aspectos. Escrevi que técnicas digitais poderiam mostrar a integração do passado e do presente da cidade graças a uma visualização mais clara das questões relativas à sua história. Porém, na ocasião, eu não estava ainda de modo algum familiarizada com a evolução das

humanidades digitais, nem havia estudado como elas podiam se relacionar ao estudo da cidade, embora tivesse consciência do impacto crescente das tecnologias da informação e da comunicação nos meios urbanos e nos projetos de arquitetura - refiro-me a leituras do capítulo “La Ville numérique”, no livro *Culture Numérique et Architecture. Une Introduction* (2010), bem como ao livrinho *Smart Cities*, (2013), ambos de Antoine Picon.

Entretanto, em 2018, por ocasião do meu primeiro período de pesquisas na Harvard University (completado no ano passado como *Visiting Scholar* do DRCLAS<sup>1</sup>) tomei conhecimento de uma exposição baseada em imagens digitais intitulada “Urban Intermedia: City, Archive, Narrative”, que foi uma revelação excitante para mim, pois tendo sempre trabalhado com imagens em todas as áreas do conhecimento em minhas pesquisas e curadorias, estava, naquele momento, em busca de novas formas para estudar representações urbanas. Passei a ler sobre a metodologia alternativa que essa exposição trazia para produzir e para apresentar conhecimento, e estabeleci um diálogo com sua curadora, professora Eve Blau (Graduate School of Design, Harvard University), convidando-a para expor seu trabalho e coordenar comigo a Mesa 34 no *II Congresso Iberoamericano de Historia Urbana*, no México, em novembro de 2019. Na ocasião, pesquisadores que acolheram minha proposta se reuniram em torno do tema *Mapeando representações de metrópoles ibero-americanas – da historiografia às imagens digitais: por uma nova “narrativa”. São Paulo e Buenos Aires*. Estávamos então apenas iniciando nossa reflexão nessa linha. Os trabalhos da mesa 57 trazem, pois, um recorte do desenvolvimento e da atualidade dos trabalhos do grupo de pesquisas “São Paulo-Buenos Aires Intermedia” que formamos desde então<sup>2</sup>.

A reflexão conjunta dos pesquisadores teve continuidade durante a pandemia graças às alternativas da comunicação virtual, quando os meios digitais entraram definitivamente no nosso trabalho cotidiano - a oportunidade para repensar o trabalho coletivo sem fronteiras e deslocamentos, seguindo as práticas acadêmicas à distância a que tivemos que nos adaptar, reforçou nossa opção. Porém, os novos métodos, baseados no uso de tecnologias digitais, constituíam um desafio para todos os membros da equipe

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa se completou graças à minha permanência em Cambridge como *Peggy Rockefeller Visiting Scholar* (David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University), de setembro de 2021 a fevereiro de 2022.

<sup>2</sup> Contudo, além do nosso grupo de pesquisadores, a Mesa 57 foi aberta a participantes externos interessados em colaborar na mesma linha, daí a presença de jovens pós-doutorandos como Daniel McDonald, da University of Rochester.

acostumados a trabalhar de maneira tradicional. Buscando, por um lado, fundamentação por meio de leituras teóricas que eram inéditas para nós, procuramos entender as formas digitais de organização e apresentação do material a ser pesquisado; e, por outro, debruçamo-nos na historiografia das duas cidades para refletir sobre a escolha de eixos temáticos pertinentes a elas, coletando imagens já conhecidas e inéditas que pudessem visualmente se articular em “narrativas animadas” segundo os moldes da exposição *Urban Intermedia: City, Archive, Narrative*.



**Figura 1** - Imagem fixa da exposição « *Urban Intermedia: City, Archive, Narrative* », captada da narrativa sobre "Berlim: campo experimental - City-Fabric: entre sistemas e locais". As *assemblages* geram camadas de diferentes documentos da história de um setor da cidade. A linguagem digital permite a composição de uma multiplicidade de cenas animadas em sequências e transparências que mostram temporalidades e a evolução do local.

Fonte: © Harvard Mellon Urban Initiative.

Não estamos diante apenas de uma nova metodologia, mas de uma linguagem de *knowledge design* que vem sendo caracterizada por Jeffrey Schnapp (historiador da cultura, designer e curador) desde o livro coletivo *Digital Humanities* (2012), divulgando-a em palestras e entrevistas acessíveis *online*, e em uma série de artigos e livros. Este autor, que tive a oportunidade de conhecer em Harvard, onde ele é professor e anima o laboratório experimental metaLAB, destaca que, por meio do *knowledge design* a visualização está no centro da investigação das humanidades permitindo enfoques inovadores de estudo, preservação, processamento e disseminação de arquivos e de coleções, além de modelos participativos de curadoria (Schnapp, palestra *online*, Austrian

Center for Digital Humanities, 2016).

A proposta supõe a combinação de mídias diversas, como mapas, fotografias, textos e iconografia de periódicos e livros, projetos de arquitetura, panfletos, filmes, enfim, documentação primária e secundária textual e visual. Essas mídias se associam, tornam-se híbridas e “animadas” para compor “narrativas digitais” não verbais (Eve Blau, in Kurgan, 2019, pp. 217-218) - vídeos que “contam histórias” de um espaço urbano em que os textos só aparecem como intertítulos explicativos ou de transição de temas.

As comunicações da mesa devem pois trazer recortes, ainda que experimentais, da história de São Paulo e de Buenos Aires por meio de texto e das referidas “narrativas animadas”. Diante da massa de documentação disponível para cada cidade, estávamos cientes desde o início do projeto da necessidade de fazer recortes e definir temas específicos, e (se possível) também comparáveis, sobre cada cidade, com vistas a uma futura exposição.

Curadoria e conhecimento devem pois caminhar juntos revelando-se visualmente compreensíveis especialmente para as novas gerações que “nasceram digitais”, habituadas a manipular computadores, videogames, Internet e celulares (Palfrey & Grasse, 2009) - essa *wired generation*, cuja vida social é mergulhada em “perambulações experimentais e imersivas” de algoritmos no seu cotidiano, está apta a absorver a visualização digital de conceitos graças às suas habilidades cognitivas para o *design thinking* (Anne Burdick, 2011). Essas habilidades de manipulação de inovações tecnológicas próprias do aprendizado digital (tão diferentes das nossas), constituem hoje uma mudança técnica a que temos que nos adaptar, pois nossos estudantes esperam de nós, pesquisadores e professores, “novas formas de ensinar e aprender”: “responsabilidade intelectual” que não podemos mais ignorar ou subestimar na academia.

Ao incorporarmos novas metodologias no estudo e na disseminação de coleções e arquivos, oferecendo possibilidades alternativas de produção e difusão do conhecimento, passamos a representar questões da história urbana como imagem, buscando aplicar neste campo do conhecimento as categorias de análise que as humanidades digitais já haviam introduzido em outros. Sabemos que a tecnologia digital vem mediando a pesquisa em muitas disciplinas há mais de dez anos, transformando o trabalho intelectual e agindo sobre o acesso, preservação e transmissão do conhecimento. Como observa Jeffrey Schnapp sobre a *desterritorialização da prática humanista*: “as fronteiras (...) entre

bibliotecas, museus, arquivos e salas de aula tornam-se cada vez mais porosas quando a erudição, não mais limitada à impressão e ao auditório de palestras, começa a se deslocar continuamente entre as pilhas de livros e as ruas” (Schnapp, 2015, p. 252). Assim, diante de um mundo urbano “saturado de dados” (Kurgan, 2019, p. 6), da acumulação de conhecimento armazenado a manipular em todos os campos, as categorias fixas de interpretação e as curadorias tradicionais de comunicação do saber não são mais as melhores opções para entendermos os processos urbanos. Se “as humanidades digitais oferecem novos desafios e possibilidades para as instituições de memória, tais como os arquivos, bibliotecas e museus” (Schnapp, 2015, p. 239), acredito que também para o nosso trabalho a mudança de escala e de práticas espaciais interativas de comunicação do conhecimento sugerem que trabalheemos de outra forma no século 21. “Rather than a method of thinking with eyes and hand we would have a method of thinking with eyes and screen” (Berry, 2012, p.10), graças às ferramentas digitais. Assim, a superfície onde são projetadas as “narrativas animadas” (grandes telas, no caso da exposição *Urban Intermedia* mencionada) revela imagens que se justapõem em camadas e transparências, que podem ser recompostas para mostrar as diferentes espacialidades e temporalidades de uma cidade e seus significados culturais, sociais e políticos, permitindo seu exame em múltiplas escalas e gerando narrativas visuais que exploram esses significados (Blau, 2019, p. 211).

A visualização digital de ideias e situações na exposição *Urban Intermedia*, parte da criação de micronarrativas em forma de um “arquivo animado”, com múltiplas entradas temáticas que são intrínsecas à história de cada cidade; a apresentação se desdobra em tópicos sucessivos que tratam da sua evolução mostrando, como disse Jeffrey Schnapp, “a cidade como arquivo, o arquivo como cidade”. As camadas justapostas da historicidade e os aspectos multidisciplinares que particularizam as cidades se superpõem em sequências visuais captadas de imediato, que a explicação textual não seria capaz de comunicar e cruzar com a mesma clareza e rapidez. Daí termos considerado a pertinência da proposta pontual da exposição *Urban Intermedia*, como uma referência a ser pensada e desenvolvida segundo a especificidades da cidade latino americana, com o propósito de colocarmos o método a prova.

O conceito de “intermídia” implica o hibridismo, a composição ou a mixagem de diferentes suportes de representação. Documentos dinamizados nas narrativas servem de argumentação para comunicar situações urbanas específicas, mas podem também entrar



na dinâmica de histórias subsequentes - alguns vídeos das comunicações que serão apresentadas mostrarão o reemprego ou a continuidade de certas representações. Vocês poderão observar nesses vídeos curtos que acompanham a explicação de cada pesquisador, que as séries sequenciais de representações se associam na *assemblage*, levando-nos ao mapeamento de camadas espaciais e temporais, cujas transparências revelam narrativas inscritas em uma historicidade densa, combinando o *conhecimento*, expresso em *midias* procedentes de arquivos e coleções diversas, sob as possibilidades de *design* dos *softwares*, como o After Effects entre outros<sup>3</sup>.

O uso experimental de ferramentas digitais que permitam a associação de suportes documentais diversos, tanto estáticos como móveis, é procedimento relativamente pouco difundido no âmbito da história urbana (com exceção dos *softwares* geo-tecnológicos, como já observei), embora os princípios dessa forma de trabalhar já tenham sido objeto de considerações para outros campos do conhecimento em livros e artigos de teóricos como o citado Jeffrey Schnapp e Lev Manovich<sup>4</sup>.

Para tornar efetivo o cruzamento disciplinar visualizando-o na história urbana, devemos combinar dados da geografia, do urbanismo, da arquitetura, e das ciências sociais, a partir das possibilidades analíticas das ferramentas da *digital culture* e *media studies* (Lev Manovich, 2001 e 2020). A tecnologia digital afigura-se cada vez mais essencial para enfrentar o volume historiográfico e o material de arquivo acumulado sobre os estudos urbanos cuja articulação não seria possível pelos meios convencionais.

Sabemos hoje, que os “*caminhos para se conhecer a cidade*”<sup>5</sup> (tomando de empréstimo o título do livro organizado em 2019 por Laura Kurgan, *Ways of Knowing Cities*) são outros, e sobre qualquer tema podemos lançar mão das tecnologias digitais, de processos como

---

<sup>3</sup> Eve Blau menciona em seu texto *Urban Intermedia: City, Archive, Narrative*, in L. Kurgan e D. Brawley, op. cit. o programa After Effects como sendo o principal empregado, mas refere-se também ao Adobe Creative Suite, Photoshop, Illustrator, Media Encoder, In Design, Max/MSP/Jitter e Processing.

<sup>4</sup> Ver livros significativos deste autor: *The Language of New Media* (2001), *Software takes command* (2013), *Cultural Analytics* (2020). Ele sintetizava assim o procedimento em 2012: « How can we use visualization in humanities and media studies? The common sequence of steps in creating a visualization involves getting the data, organizing it in the appropriate format, and transforming it into images or animations using already existing or newly proposed technique - with the help of existing or newly developed custom software. », in « Museum Without Walls, Art History Without Names: Visualization Methods for Humanities and Media Studies », artigo disponível no site do autor.

<sup>5</sup> Kurgan, Laura & Brawley, Dare (org.). *Ways of Knowing Cities*. New York, Columbia Books on Architecture and the City, 2019.

*mapping* para repensar o passado e o presente das cidades, como preconiza esse congresso.

A construção de narrativas experimentais visuais comparativas sobre as duas metrópoles ibero-americanas, São Paulo e Buenos Aires, não segue aqui uma linearidade, pois ainda são recortes, escolhas circunstanciais da pesquisa de cada pesquisador, cujo fio condutor não está devidamente estabelecido no atual estágio do trabalho coletivo. Temas vão da arqueologia das formas aos processos de seu crescimento e transformação, por meio da cartografia regressiva e das várias acepções de *mapping* que sinalizam também, por exemplo, processos de exclusão e segregação no espaço das cidades, e passam pelos ideários e utopias urbanas nutridas por autores e seus discursos, bem como pela consideração de intervenções pontuais que marcaram os lugares da cidade (a exemplo dos monumentos, como vai observar Paulo Garcez). A combinação de intermédias visuais em *layers* (camadas) que representam múltiplos aspectos da cidade podem ainda *mapear* as mutações da paisagem pelas infraestruturas no seu território e mostrar por transparências sucessivas seu crescimento formal e informal, a mobilidade de suas populações, e mesmo o ideário e universo visual de atores, leituras e referências em circulação na busca de soluções para promover a urbanidade (no trabalho da coordenadora que vos fala).

A visualização de questões como essas e outras que vêm sendo pensadas para caracterizar as duas cidades supõe um empenho colaborativo com designers sob a orientação de cada pesquisador para a composição das narrativas visuais superpostas de séries de documentos diversos, cruzamentos de diferentes mídias tornando-as “discursivas” visualmente, na busca de novas propostas de curadoria e procedimentos expositivos que fogem das práticas convencionais anteriores da pesquisa. Assinalo que uma das grandes dificuldades é essa imperativa necessidade de um trabalho colaborativo com designers ou programadores - eles devem entrar no projeto quase que como co-pesquisadores, trabalhando *side-by-side* (scholars+designers) conosco na edição das imagens. Sem falarmos, na formação de uma equipe mais ampla de pesquisadores nas duas cidades: a produção de conhecimento hoje é uma “construção colaborativa” cujo autor não é mais “um gênio solitário” (Schnapp, 2015, p. 241).

As práticas experimentais de comunicação que articulam visualmente os tempos da cidade e oferecem outras formas de conhecer e transmitir a história urbana pela incorporação de metodologias digitais inscrevem-se na expectativa de produzir leituras

acadêmicas próprias à evolução histórica de nosso tempo - a visualização sequencial das representações críticas do urbanismo, por exemplo, de sua evolução por meio imagens do passado e contemporâneas, deve permitir vislumbrar as possibilidades da sobrevivência das cidades, e os limites do seu futuro. O processo analítico de exibir visualmente questões múltiplas demonstra os recursos da tecnologia em montar narrativas interdisciplinares ou “contar histórias” aumentando a visibilidade da pesquisa fora dos relatos convencionais da história urbana e de suas consensuais representações, afigurando-se como um modelo colaborativo de produção de conhecimento e de curadoria.

Passamos a apresentar rapidamente os pesquisadores participantes da Mesa 57, e os temas de suas *ponencias*:

1. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, historiadora, professora associada na FAU-USP, apresenta a comunicação, “Laboratório São Paulo: exercício de arqueologia da paisagem”; ela se volta para a cidade com um olhar retrospectivo, observando a verticalização das áreas centrais no processo constante de “descarte” que caracteriza a evolução da maior cidade da América do Sul em curto espaço de tempo. A paisagem urbana de São Paulo é submetida a constante instabilidade revelada pelo apagamento das camadas de historicidade no entrecruzar de mapas, fotografias, projetos arquitetônicos e outras fontes que compõem uma “narrativa animada”, “dando a ver o que de outra forma não se vê”.
2. Alicia Novick e Graciela Favelukes, arquitetas e urbanistas, professoras respectivamente da Universidad Nacional General Sarmiento e da Universidad de Buenos Aires, e pesquisadoras do CONICET, apresentam a comunicação “Figuras de la ciudad metropolitana: ‘evolución’, superposición y simultaneidad”. Trata-se de evidenciar a visualização da expansão urbana a partir de um “repertório de imagens” heterogêneas e cartografias retrospectivas que circularam sobre os processos de crescimento da cidade de Buenos Aires, colocando em foco o papel da água na estruturação metropolitana territorial, como fator de segregação sócio-espacial e do habitat precário. Serão discutidas acepções da cidade - “clássica”, “tentacular” que se estende sobre o território como uma “mancha de azeite”, e registros mais recentes da “cidade arquipélago” e da “cidade de redes” -, analisando temporalidades e espacialidades da sua “evolução”, crescimento e transformação que se revelam mais claramente sob os processos de

- “superposição” e “simultaneidade” que a experimentação visual permite perceber.
3. Ricardo Hernan Medrano, arquiteto, professor da FAU-Mackenzie em São Paulo e pesquisador externo da Universidade de Buenos Aires, apresenta a comunicação “Novas Mídias e Tecnologias Digitais: notas sobre metodologias para o estudo das cidades”. O trabalho refere-se, como o título indica, às inovações metodológicas das tecnologias digitais cujas operações permitem operações de cruzamentos de dados e suas visualizações. O universo digital que permeia hoje nosso cotidiano, incide também no estudo das cidades, além das metodologias consolidadas de análise, ajudando a refinar as metodologias comparativas, especialmente cartográficas, nos casos de São Paulo e Buenos Aires, tanto sob uma perspectiva histórica, quanto levando em conta questões da contemporaneidade de ambas.
  4. Heliana Angotti-Salgueiro é historiadora, pesquisadora associada ao IEA-USP e ao David Rockefeller Center for Latin American Studies da Harvard University. A comunicação “Cidade como imagem, imagem como cidade - o universo visual dos *city planners* (anos 1920-1950)” traz exemplos da circulação de documentos textuais e visuais internacionais, especialmente norte-americanos, em São Paulo, enfocando o estudo de caso do urbanista Luiz de Anhaia Mello (1891-1974). Ou seja, cruzando uma trama biográfica de um ator social com a trama bibliográfica de uma época fundamental para o estabelecimento dos princípios do planejamento urbano. A pesquisa levanta questões centrais para a história urbana atual: da historiografia e circulação de referências, à crítica da cidade explícita no universo das imagens. O vídeo que acompanha a comunicação explicita a metodologia adotada, com a visualização de representações críticas de uma história urbana transnacional na busca da urbanidade.
  5. Lucas Jordan Dombroski, urbanista, doutorando em Estudios Urbanos pelo Instituto Conurbano da UNGS, com financiamento do CONICET, apresenta a comunicação “Imágenes, registros y representaciones de la informalidade urbana” - título que bem indica o tema, referindo-se à informalidade das vilas e assentamentos em torno da Grande Buenos Aires, por meio da “cartografia analítica em cortes históricos” mediante o uso de Sistemas de Informação Geográfica - a superposição dos diversos planos sob um mapeamento bem elaborado permite a visualização das representações da informalidade urbana, e além dela, pela reflexão sobre os reais objetivos desses documentos.
  6. Daniel McDonald é historiador, atualmente Post Doctoral Fellow of the Humanities

Center, University of Rochester, e vem trabalhando sob o apoio da Harvard Mellon Urban Initiative, no projeto “Mapping the Megacity: Understanding Urban Changes in São Paulo through Historical GIS”, bem como na digitalização de documentos dos movimentos da periferia da cidade que devem compor o Centro de Memória da Zona Leste de São Paulo, ligado à UNIFESP. Sua comunicação “A cidade vista da periferia: imagens, distopia e revolução” levanta questões sobre a ausência e fragmentação de arquivos documentais e visuais relativos aos movimentos de base. O estudo mostra a visualização de cenas da pobreza na periferia urbana de São Paulo, e uma política urbana revolucionária durante a ditadura militar e a transição democrática (1964-1985). A documentação indica as más condições do desenvolvimento desigual, mas também as formas de solidariedade e experiências democráticas solidárias possíveis nas comunidades, constituindo um projeto original pela narrativa multimídia que traz imagens da periferia da cidade.

7. Paulo César Garcez Marins é historiador, docente no Museu Paulista da USP e pesquisador da FAPESP. Sua comunicação, “Heróis a cavalo: estátuas equestres e construção de identidades em São Paulo e Buenos Aires (sécs. XIX a XXI)” refere-se à uma comparação entre monumentos nas duas cidades que, ao longo do período citado, apresentaram crescimento demográfico acentuado e conseqüentemente mudanças no seu perfil social e étnico. Um dos objetivos é analisar como os influxos populacionais e culturais se desdobraram em práticas de representações no espaço urbano com o exemplo da instalação de monumentos equestres. O autor demonstra como a cartografia das inserções urbanas de tais monumentos preservou, na maior parte dos casos, hierarquias sociais e políticas pré-existentes nas duas cidades.

Estes e outros recortes das histórias de São Paulo e Buenos Aires devem fazer parte de uma exposição multimídia em projeto para ser apresentada ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo, sob a curadoria dos pesquisadores do grupo sob minha coordenação, cujos primeiros trabalhos compõem essa Mesa.

Reitero agradecimentos à participação dos componentes da mesa, e passo a palavra a cada comunicador, que exporá o texto explicativo e a sequencial visualização digital de ideias nele exposta.

## Referências Bibliográficas

Angotti-Salgueiro, Heliana (2019). Resumo e Apresentação oral da Mesa 34, *Mapeando representações de metrópoles ibero-americanas – da historiografia às imagens digitais: por uma nova “narrativa”*. São Paulo e Buenos Aires, in II Congresso Iberoamericano de História Urbana, México City.

Berry, David M. (ed.) (2012). *Understanding Digital Humanities*, Londres e New York: Palgrave Macmillan.

Blau, Eve (2019). Urban Intermedia: City, Archive, Narrative, in Kurgan, Laura e Brawley, Dare (org.), *Ways of Knowing Cities* (pp. 206-235). New York: Columbia Books on Architecture and the City.

\_\_\_\_\_. & Pietrusco, Robert Gerard (2018). *Urban Intermedia: city, archive, narrative*. Berlin, Boston, Istanbul, Mumbai. Booklet on the Exhibition at Harvard University, GSD, Cambridge: Mellon Urban Initiative.

Burdick, Anne. Willis, Holly (2011), Digital Learning, digital scholarship and design thinking, in *Design Studies*, 32, 6, Novembro, 546-556.

Manovich, Lev (2001). *The Language of New Media*. Cambridge: The MIT Press.

\_\_\_\_\_. (2013). *Software Takes Command*. New York: Bloomsbury.

\_\_\_\_\_. (2020). *Cultural Analytics*. Cambridge: The MIT Press.

\_\_\_\_\_. (2012). Museum Without Walls, Art History Without Names: Visualization Methods for Humanities and Media Studies (artigo disponível no website Software Studies Initiative).

Kurgan, Laura e Brawley, Dare (org.) (2019). *Ways of Knowing Cities*. New York: Columbia Books on Architecture and the City.

Palfrey, John e Gasser, Urs. (org.) (2009). *Born Digital: Understanding the First Generation of Digital Natives*. Basic Books: New York.

Schnapp, Jeffrey, Burdick, Anne, Lunenfeld, Peter, Presner, Todd (2012). *Digital Humanities*. Cambridge: The MIT Press.

\_\_\_\_\_. (2015). Novos métodos e gêneros nas humanidades digitais. In: Maria Conceição Monteiro; Guillermo Giucci; Davi Pinho (Org.). *Eros, tecnologia, transumanismo, figurações culturais contemporâneas* (pp. 217-253). Rio de Janeiro, Caetés.

\_\_\_\_\_. (2016). *Knowledge Design*. Palestra online, Austrian Center for Digital Humanities.



## **Título: Novas mídias e tecnologias digitais: notas sobre metodologias para o estudo das cidades**

**Autor/a:** Medrano, Ricardo Hernan; Doctor; Universidade Presbiteriana Mackenzie (Brasil) / Investigador Externo – Instituto de Arte Americano – FADU-UBA (Argentina)

### **Mesa 57: “São Paulo e Buenos Aires: Narrativas Visuais para Repensar Presente e Passado”**

**Resumen:** Os estudos urbanos têm experimentado diversas inovações metodológicas decorrentes do uso de tecnologias digitais. Por um lado, abre-se um novo leque de opções decorrentes das Novas Mídias. Por outro lado, as cidades contemporâneas são uma articulação de elementos físicos com os digitais, que permeiam a vida cotidiana através das redes virtuais. Nestas novas circunstâncias, as metodologias de análise das cidades também devem mudar. Neste trabalho vamos usar como recorte as cidades de São Paulo e Buenos Aires, procurando sistematizar quais as principais potencialidades próprias às novas mídias que possam ser utilizadas no seu estudo histórico.

**Palabras clave:** *Tecnologias digitais; Estudos comparados; Cartografias; São Paulo; Buenos Aires*

## **INTRODUÇÃO**

Neste texto procuramos expor as bases que caracterizam que os avanços tecnológicos mais recentes, e as potencialidades e desafios que apresentam à área das humanidades.

Tem origem no conhecimento, por meio de Heliana Salgueiro, da exposição “Urban Intermedia: city, archive, narrative”, realizada em Harvard em 2018, com curadoria de Eve Blau e Robert Pietrusko. Nesta os autores buscam explorar estas novas possibilidades no estudo de quatro cidades.

Concomitantemente, houve a formação de um grupo de pesquisadores de diversos países para estudar estas questões<sup>1</sup>.

A partir destes antecedentes, neste trabalho vamos inicialmente caracterizar as tecnologias digitais e as novas mídias. Na sequência vamos abordar o tema das comparações, tendo como olhar as cidades de São Paulo e Buenos Aires, que foram o tema de nosso

---

<sup>1</sup> E que foi objeto de um seminário no II Congresso AIHU, realizado no México, que contou com a participação de Eve Blau coordenando a sessão ao lado de Heliana Salgueiro.

doutorado <sup>2</sup>. Por último realizamos algumas considerações sobre possíveis novos conhecimentos que podem resultar do uso destas metodologias, seja como novos olhares e observações, seja para testar hipótese existentes ou ainda formular novas hipóteses.

## **TECNOLOGIAS DIGITAIS**

A produção de conhecimento na área das ciências humanas tem se defrontado há algum tempo com as possibilidades que as tecnologias digitais podem incorporar. Este campo, por alguns denominado Humanidades Digitais, procura outras formas de olhar o mundo e entendê-lo a partir do uso dessas tecnologias. Constam entre essas potencialidades poder ampliar as possibilidades de expressão e comunicação do conhecimento, que durante séculos tiveram a mesma aparência: “páginas impressas com prosa linear e um aparato bibliográfico escritas por um autor e publicadas em forma de um artigo ou livro” (SCHNAPP, 2015).

Essas novas mídias estão presentes no dia a dia, embora talvez muitas não tenham a consciência da abrangência com que tomaram conta do nosso cotidiano. Portanto, de um lado temos uma ampla gama de possibilidades para produção do conhecimento, e por outro a incorporação dessas tecnologias digitais que já moldam o mundo contemporâneo.

Sendo assim, uma tarefa importante para os humanistas é construir um olhar crítico, de tal forma que as potencialidades dessas tecnologias possam ser direcionadas para a produção e difusão social de novos conhecimentos.

Evidentemente as novas e antigas mídias não são tecnologias ou metodologias excludentes, de fato elas permitem mais multiplicar do que somar. Não se trata de afirmar que uma é superior ou melhor do que a outra, mas do uso que se lhes dará.

Podemos citar diversas possibilidades que se abrem com as novas mídias: uma é poder transitar de forma fluida entre diversas escalas de dados (não apenas espaciais), como uma espécie de zoom que permite estabelecer múltiplas relações de sentido.

Também permitem afrontar uma enorme quantidade de dados, como os produzidos atualmente. Além dos dados que já constavam dos arquivos, digitalizados, ainda há os novos, em quantidades impossíveis de manipular da mesma forma que se manipulavam antes, muito limitada em comparação.

As novas mídias permitem transcender em dimensões as mídias impressas, incorporando outros recursos, como vídeos, sons etc., como também oferecem amplas possibilidades de interação.

Obras interativas são corriqueiras há várias décadas na arte, e neste nosso caso permitem potencializar diferentes sentidos de produção de conhecimento, na medida em que as próprias pessoas que interagem, e não apenas os autores, podem produzir significados e relações de sentido.

Talvez os tradicionais artigos e livros escritos deixem de ser as únicas possibilidades de expressão e divulgação acadêmicas do conhecimento, aos quais podem se somar outros meios, também dotados de rigor teórico.

---

<sup>2</sup> Intitulado “São Paulo e Buenos Aires: urbanismo e arquitetura (1870-1915). A defesa ocorreu em 2003, na FAU-USP, e a tese foi orientada por Nestor Goulart Reis.



Em particular, na nossa área de pesquisa, o mapeamento pode ser uma poderosa ferramenta, afirmam Abrams e Hall (2006, p.12):

[...] mapear é uma atividade cada vez mais vital, que sustenta diversas disciplinas e transcende a suposta divisão físico/digital. É a cola conceitual ligando a palavra tangível de edifícios, cidades e paisagens com a palavra intangível das redes sociais e comunicações eletrônicas. O mapeamento é também um aspecto central do que os designers fazem. Projetar é inventar estratégias para visualização de informações que tornam possíveis novas interpretações.

Estas transformações abrem novos horizontes na área dos estudos urbanos, e ganham importância as cartografias. Estas durante séculos tiveram aproximadamente o mesmo formato, mas vêm passando por uma grande revolução e constituem um rico campo experimental (HESSLER, 2015).

O acesso à rede de internet alterou e vem alterando cada vez mais os processos de ensino e produção de conhecimento. Da mesma forma, o uso das tecnologias digitais permitiu a formação de bancos de dados amplos e facilmente acessíveis, como por exemplo livros digitalizados e imagens em formato digital com alta resolução. Isto permite que cada vez mais gente tenha acesso ao conhecimento, de tal forma que também pessoas fora das academias possam produzir e difundir essa produção. A isto se somam os objetos que surgem dessa transição digital, como tweets, blogs, vídeos, páginas da Web e diversos outros objetos hipermídia.

Nos estudos urbanos essa dimensão ampliada é talvez ainda mais impactante, entre outros pelos seguintes aspectos:

Em primeiro lugar por envolver o espaço, seja físico ou virtual. Cada vez mais a capacidade de processar quantidades enormes de dados geolocalizados abre a possibilidade de entender fenômenos que antes seriam dificilmente percebidos (KURGAN, 2019).

Em segundo porque as cidades contemporâneas e o território se caracterizam por uma articulação entre o físico e o virtual, ou uma relação entre “átomos e bits”, como diz Picon (2015), que é algo novo, mas que já tem intenso impacto na maneira como vivemos (MOROZOV, 2020).

Por fim porque as cidades contemporâneas exigem novas formas de abordagem. Como diz Manovich (2020), as cidades “falam através de dados”. Esses dados, parte da grande difusão das tecnologias digitais, são uma rica fonte para entender os fenômenos atuais, são os arquivos contemporâneos. Portanto, podem também fundamentar intervenções e projetos.

## **NOVAS MÍDIAS**

Manovich (2012) caracteriza as mídias digitais através das seguintes características: Representação Numérica; Modularidade; Automatização; Variabilidade; e Transcodificação Cultural.

A Representação Numérica alude ao fato de que na sua base há um código digital, ou seja, uma base constituída por números. Essencialmente muitos dos objetos culturalmente significativos contemporâneos estão armazenados na forma de números e sua preservação pressupõe a não perda desses dados.

Já a Modularidade se refere ao que ele chama de “estrutura fractal dos novos meios“. Dessa forma, as diferentes mídias podem ser reduzidas aos seus elementos “atômicos”, por exemplo os pixels das imagens. Esses elementos podem ser agrupados para formar objetos em maior escala, mas nesse processo continuam mantendo sua independência.

A Automatização, possível porque as novas mídias são representadas por números e são modulares, é potencializar a capacidade de processamento e armazenamento dos computadores atuais. É usual que se atribua ao software um papel limitador na criação de coisas novas, mas de fato internamente o que ele faz é processar números. A contribuição efetiva está na criação desse software e nas formas de interação que fazemos com ele. Com a quantidade cada vez maior de dados a que temos acesso, ou que são produzidos pela sociedade, automatização poderá ser uma ferramenta imprescindível para a atribuição de sentidos a essas coleções de dados.

A Variabilidade também decorre das características anteriores. Os produtos feitos através de meios analógicos decorriam de uma sequência armazenada em algum meio material. Uma vez feito não era possível modificá-lo, e sua reprodução implicava em cópias idênticas. Pelo contrário, as novas mídias, ao serem numéricas, modulares e passíveis de automatização, permitem gerar infinitas combinações, portanto diferentes versões a partir dos mesmos dados. Um exemplo do cotidiano são as páginas comerciais na web, que por serem montadas instantaneamente no momento do acesso podem ser “personalizadas” para os diferentes consumidores. Também é possível trabalhar as diferentes escalas, ou seja, produzir diferentes visualizações à medida que se altera a escala. Isto constitui no caso dos estudos urbanos uma ferramenta bastante útil.

A Transcodificação Cultural tem a ver com as diferentes linguagens que são utilizadas. Há linguagens específicas para comunicação entre computadores e há aquelas em que os computadores se comunicam com os humanos. Isso cria uma nova cultura de comunicação diferente da analógica.

Como alerta Manovich (2012), embora popularmente as novas mídias sejam vistas principalmente como visualização, seu maior potencial está nos processos.

## **COMPARAÇÕES**

Quando pesquisamos realizamos comparações continuamente. Partes fragmentadas aos poucos ganham relações de sentido, sendo parte de nossa busca para entender o mundo construir essas relações.

Nas ciências humanas, há aproximadamente um século difundiu-se mais intensamente o uso das comparações, ou seja, como um procedimento com potencialidades. Um dos marcos iniciais é o livro de Marc Bloch (2018), “Os Reis Taumaturgos. Estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder régio particularmente na França e na Inglaterra”, publicado em 1924, no qual compara as sociedades francesa e inglesa medievais.

Este método (há divergências se é realmente um método, ou um instrumento) preocupou inúmeros autores, entre os quais podemos citar Aléxis de Tocqueville, Max Weber, Émile Durkheim, Henri Pirenne, Marc Bloch, Oswald Spengler, Otto Hintze, Barrington Moore e Arnold Toynbee, Theda Skocpol, entre outros. A revista *Comparative Studies in Society and History*, foi criada em 1858 com o objetivo de estimular estudos comparativos.

Embora tenham sido desenvolvidas complexas fundamentações teóricas, para Bloch, o comparatismo era muito mais uma ferramenta que um método propriamente ou um problema teórico. Adotamos neste trabalho esta opção.

Serge Gruzinski (2003), cujo trabalho transita entre diversos lugares e culturas, resume desta forma o trabalho do historiador:

Diante de realidades que convêm estudar sob diversos aspectos, o historiador tem de converter-se numa espécie de electricista encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais e as histórias culturais desligaram ou esconderam, entaipando as suas respectivas fronteiras.

Embora existam potencialidades nas comparações, há alguns desafios para que não resultem inócuas. A primeira é a escolha do que comparar, já que nem tudo é comparável. Parece algo óbvio, mas é um momento inicial crucial, e na literatura sobre estudos comparados há debates sobre trabalhos que escolheram mal seus objetos. O segundo é que ao compararmos devemos ter semelhanças, mas também diferenças. Se tivermos apenas semelhanças, provavelmente não será possível obter maiores conclusões, e a comparação resultará apenas em constatações. O mesmo deverá acontecer se tivermos apenas diferenças.

No caso da América Latina vale citar as observações feitas em 1982 por Morner, Viñuela e French, que julgamos ainda válidas, que colocam três desafios para os estudos comparados na América Latina: eurocentrismo, as divisões nacionais, e a divisão entre Brasil e América hispânica. A escolha de São Paulo e Buenos Aires permite diluir o terceiro aspecto. E assentar as bases para ampliar essas comparações a outras cidades, para o que as tecnologias digitais podem ser muito úteis.

## **SÃO PAULO E BUENOS AIRES**

Em trabalho finalizado em 2003 procuramos fazer uma comparação entre as cidades de São Paulo e Buenos Aires entre fins do século XIX e início do século XX, aproximadamente o período de 1870 a 1915 (MEDRANO, 2003). Não havia muitos trabalhos naquele momento para basear esta comparação, embora houvesse uma ampla bibliografia sobre cada uma das cidades. O primeiro passo foi constatar quais as questões que emergiam nesse material, por exemplo, a preocupação com a legislação em São Paulo, menos enfatizada na bibliografia sobre Buenos Aires.

Em segundo lugar a escolha de alguns aspectos para realizar esse olhar cruzado. Neste caso foi interessante transcender alguns dos temas preponderantes naquele momento, como o dos planos propostos para as áreas centrais. Isto de alguma forma ajuda a fundamentar a escolha de ambas as cidades como objetos comparáveis, já que há diversas outras semelhanças e diferenças que vão além destes planos, que por sua vez também têm alcance geográfico limitado nos tecidos de ambas as cidades. Evidentemente foi necessário realizar uma escolha de temas, dado os alcances da pesquisa, mas certamente muitos outros seriam possíveis. Também focamos em categorias de análise espacial, dentro da nossa área de conhecimento. Utilizamos uma quantidade considerável de imagens e cartografias, e dentro das condições possíveis naquele momento trabalhamos esse material de forma analítica, buscando formular hipóteses e obter alguns resultados.

Como exemplo, colocamos na mesma escala planos de São Paulo de 1897, e de Buenos Aires de 1867, ou seja, de épocas diferentes, mas quando as cidades tinham a mesma população (figura 1). Colocados lado a lado mostram diferenças na ocupação: São Paulo como uma cidade mais espalhada e Buenos Aires mais compacta, São Paulo com traçados mais heterogêneos e diversificados, e uma relação mais forte com a geomorfologia do sítio. Isso exigiu razoável trabalho na medida em que as ferramentas de informática eram mais limitadas que as de hoje, mostrando seus limites metodológicos.

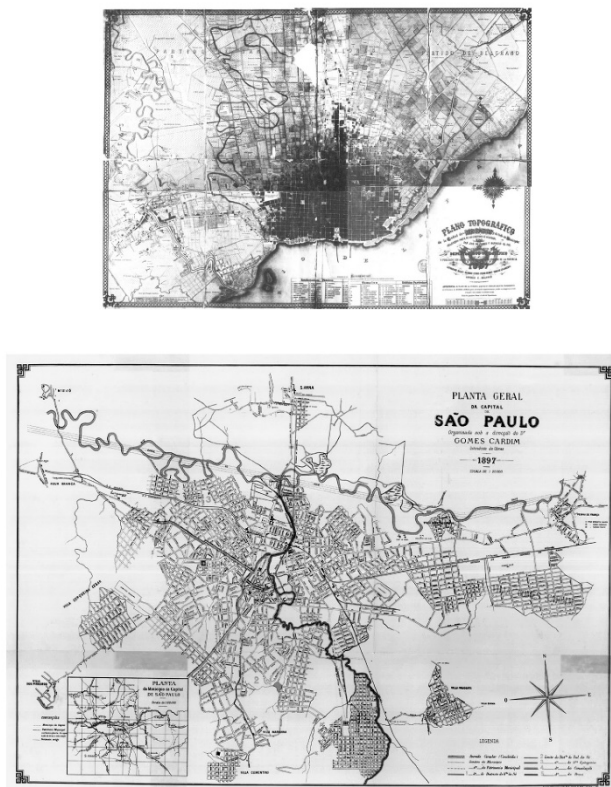


Figura 1. Planos de Buenos Aires (1867) e São Paulo (1897), na mesma escala, quando ambas as cidades tinham aproximadamente a mesma população.

Fontes: DIFRIERI, Horácio (1981). 2v. *Atlas de Buenos Aires*. Buenos Aires, Municipalidad de Buenos Aires; SÃO PAULO (CIDADE) (1954). *São Paulo antigo: plantas da cidade*. São Paulo, Comissão do IV Centenário.

Este período que estamos tratando é marcado por transições importantes na população e na estrutura física destas cidades. Isto tem a ver com uma mudança na rede internacional, e que reflete em parte uma nova ordem relacionada à indústria. Nesta divisão há regiões que produzem matérias-primas e outras que as manufaturam e vendem esses produtos. Os percursos desses fluxos são aproximadamente os mesmos, com direções invertidas. Brasil e Argentina se configuram dessa forma, com sistemas de transporte em forma de árvore, com foco nos portos. Na Argentina a centralidade de Buenos Aires é mais intensa, configurando-se o principal ponto de irradiação.

É também o período em que aumenta significativamente a área cultivável na América, que irá produzir alimento para a rede urbana, principalmente europeia, bem como um aumento da população na América Latina. Em 1800 a população latino-americana era de

aproximadamente 18,9 milhões de habitantes, em 1850, 33 milhões, em 1900 esse número quase duplica e chega a 63 milhões de habitantes (MEDRANO, 2003).

O Brasil nesse mesmo ano tinha 17,4 milhões de habitantes, população que não chega ao que é atualmente a área metropolitana de São Paulo. Esses números diferem muito dos do continente europeu, já em 1500 havia uma população de 76 milhões, e em 1850 eram 203 milhões de habitantes, pouco menos que a população atual do Brasil.

Estas profundas transformações têm reflexos nos centros urbanos, e este processo tem temporalidades e intensidades distintas nos diferentes países latino-americanos. No nosso caso a Argentina se urbaniza com anterioridade ao Brasil. Dessa forma, o intenso crescimento de Buenos Aires ocorre antes do de São Paulo, lembrando ainda que Buenos Aires já era a capital do país enquanto no Brasil a capital era o Rio de Janeiro, e o período que tratamos é o momento em que progressivamente São Paulo vai se tornando o principal centro econômico do país.

Desta forma São Paulo e Buenos Aires têm semelhanças e diferenças: o fato de uma ter crescido antes da outra significa que os padrões utilizados em cada época, bem como as ideias urbanísticas concomitantes, ocupam áreas diferentes em cada cidade. A cidade mais compacta, sem recuos, com construções não muito altas, é o que caracteriza boa parte da cidade de Buenos Aires. Já São Paulo tem uma grande área que possui outro padrão urbano com loteamentos descontínuos da mancha principal e diferentes entre si. Também em ambas há a presença de tradições urbanísticas anteriores, que as conectam com as diferentes coroas que as ocuparam, Portugal e Espanha. Entre as semelhanças podemos citar a posição na rede urbana internacional, ou a presença de ideias urbanísticas vindas, principalmente de países europeus, nas intervenções realizadas.

## **UM EXEMPLO**

Dentre as inúmeras possibilidades vamos aqui analisar algumas delas, aplicadas ao nosso caso, sendo que uma das principais presentes nas novas mídias é a de fazer animações, ou seja, sequências de imagens. Considerando que as cidades e a urbanização são processos no tempo, a incorporação da dinâmica às cartografias pode permitir a entender e olhar para seu crescimento e transformação de outra perspectiva, portanto produzir novos conhecimentos. Evidentemente, e isto é importante ressaltar, o quadro teórico e as hipóteses devem estar presentes, e esta é uma das atribuições e responsabilidades das humanidades e sua contribuição às Humanidades Digitais.

Outra possibilidade importante que as novas mídias trazem é a de processar, analisar e expressar a informação contida em quantidades significativas de material, chamados de arquivos. Oferecem diversos recursos para transformar dados fragmentados em relações de sentido. Isto inclui inúmeras mídias diferentes, como mapas, fotografias, vídeos, músicas, textos etc. Tudo isto pode ser colocado de várias formas, filtrado de várias maneiras e nesse processo possibilitar a construção de relações, que não seriam possíveis usando mídias analógicas. Para Blau (2019) estes novos recursos permitem novas observações iluminando pontos cegos.

Como uma primeira exploração de possibilidades, usamos dois mapas previamente elaborados, que mostram, para cada cidade, a evolução da mancha urbana (Figura 2). Neles, o crescimento da mancha está indicado por cores diferentes, permitindo de forma estática comparar ambas as cidades, nesse aspecto específico.

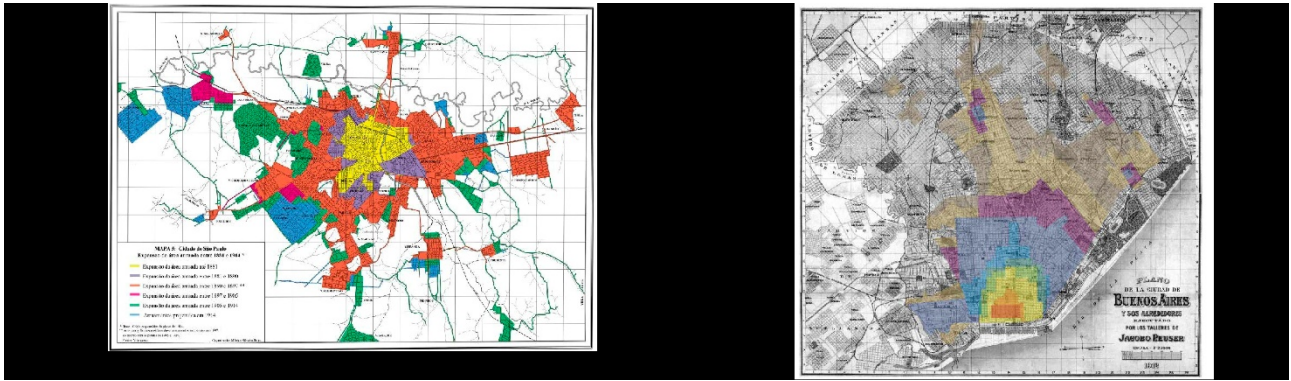


Figura 2. Planos de São Paulo e Buenos Aires mostrando a evolução da mancha urbana.

Fontes: Mapa realizado pelo autor a partir do *Censo General de la Ciudad de Buenos Aires*, de 1909. BRITO, Mônica Silveira (2000). Dissertação de Mestrado. *A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano: São Paulo, 1890-1911*. São Paulo, FFLCH, 2000.

Entretanto, a digitalização desses documentos, ou seja, transformá-los e arquivá-los como números, permite outras formas de observação e análise. Uma delas é a possibilidade de introduzir a dinâmica nestes dados. Na figura 3 mostramos uma sequência de imagens extraídas de uma animação feita com esses mapas. Cada período foi extraído da figura 2 e colocado lado a lado. Como as datas não coincidem em ambas as cidades, o intervalo de tempo entre as imagens é proporcional à diferença cronológica de datação. No meio, entre as cidades, constam as datas, organizadas na vertical de tal forma que as distâncias entre os números também são proporcionais à diferença de anos entre eles. Com isso, quando esta sequência é animada, é possível incorporar a noção de tempo no seu desenrolar, e, ao mesmo tempo, acompanhar de forma simultânea o crescimento da mancha urbana em ambas as cidades, permitindo comparar este aspecto.

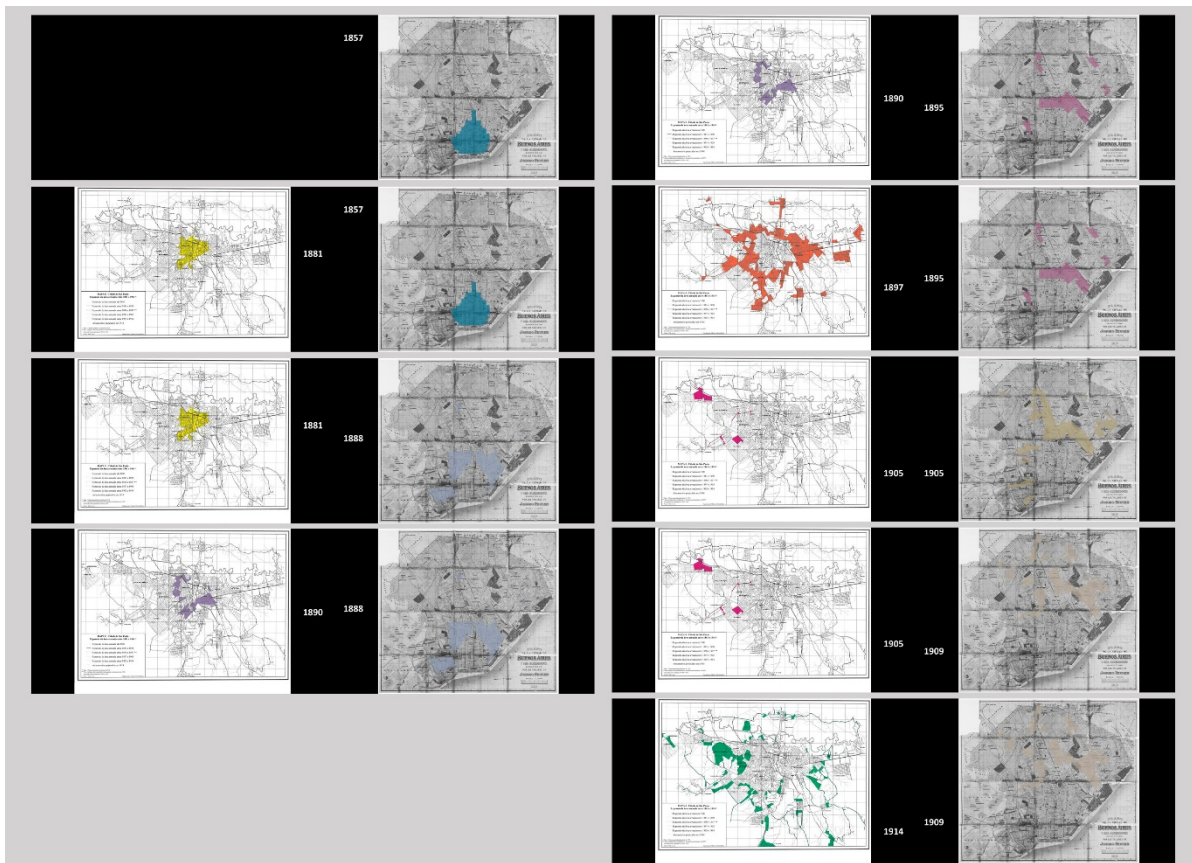


Figura 3. Imagens de uma sequência temporal dos mapas, com as manchas mostradas por incrementos.

Como a base é digital, é possível sem maiores complicações produzir muitas outras maneiras de explicitar a mesma sequência de informações espacializadas, escolhendo outras formas de visualização. Na figura 4 temos uma série semelhante à anterior, mas em vez de constarem apenas os incrementos estão representados os acúmulos, todos na mesma cor (ao contrário dos mapas da figura 2) assim é possível perceber de outra forma o crescimento dessas cidades.

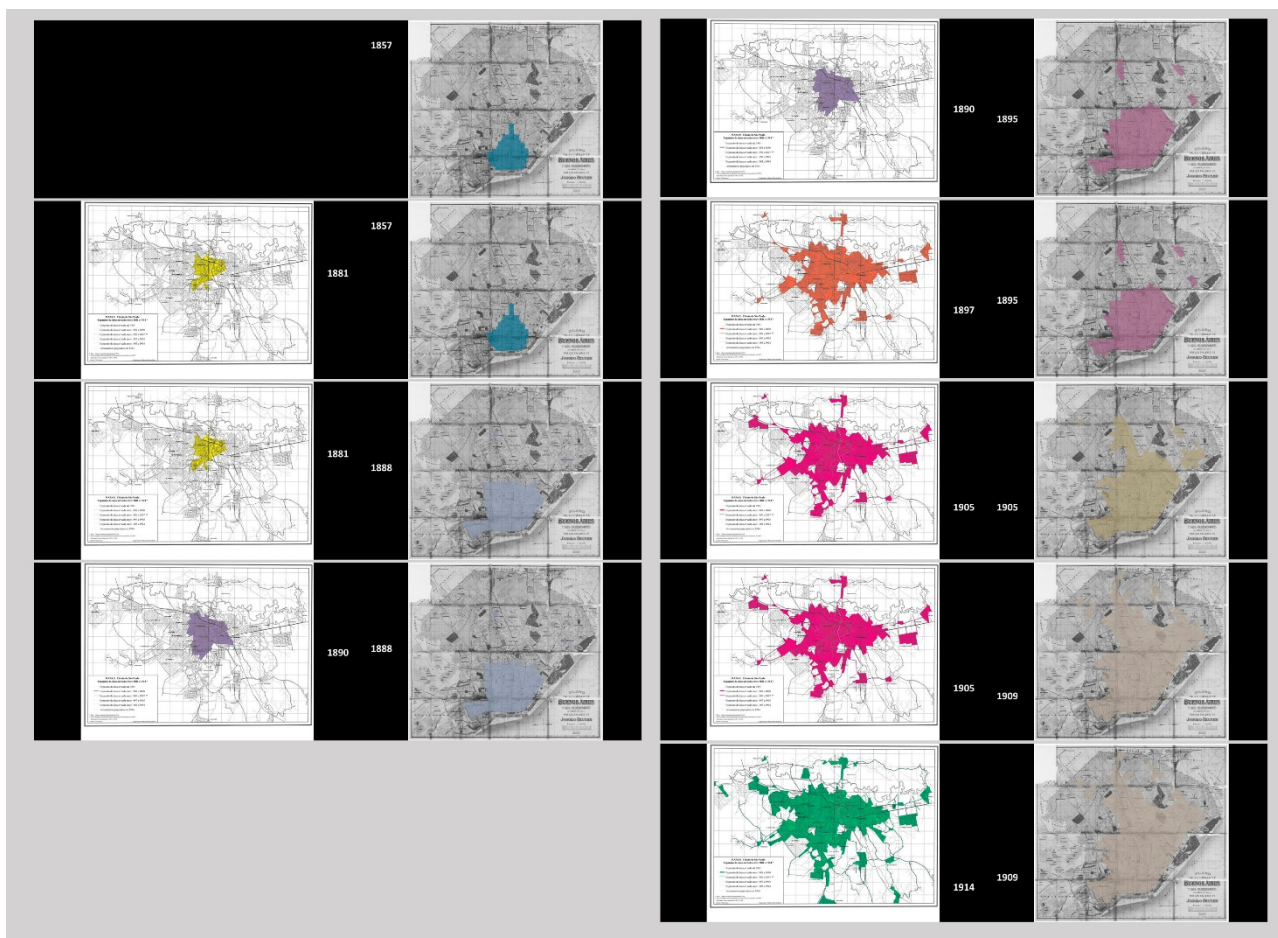


Figura 4. Semelhante à figura 3, mas aqui as manchas urbanas incorporam os períodos anteriores.

Por último, na figura 5, enquanto os mapas de São Paulo permanecem com as mesmas cores das figuras anteriores, os mapas de Buenos Aires tiveram as cores modificadas, passando a ser as mesmas usadas para São Paulo. O objetivo é apoiar a percepção visual para a comparação das manchas urbanas sem a exigência de também perceber e analisar cores diferentes. Como nas teorias da Gestalt, nossa percepção sempre procurará auto-organizar aquilo que é percebido visualmente, e ao proceder assim buscamos facilitar esse processo buscando maior pregnância nas imagens. Para isto, neste caso, os mapas de Buenos Aires também têm a mesma cor que os de São Paulo em cada período, portanto mapas de datas diferentes aparecem com cores diferentes.

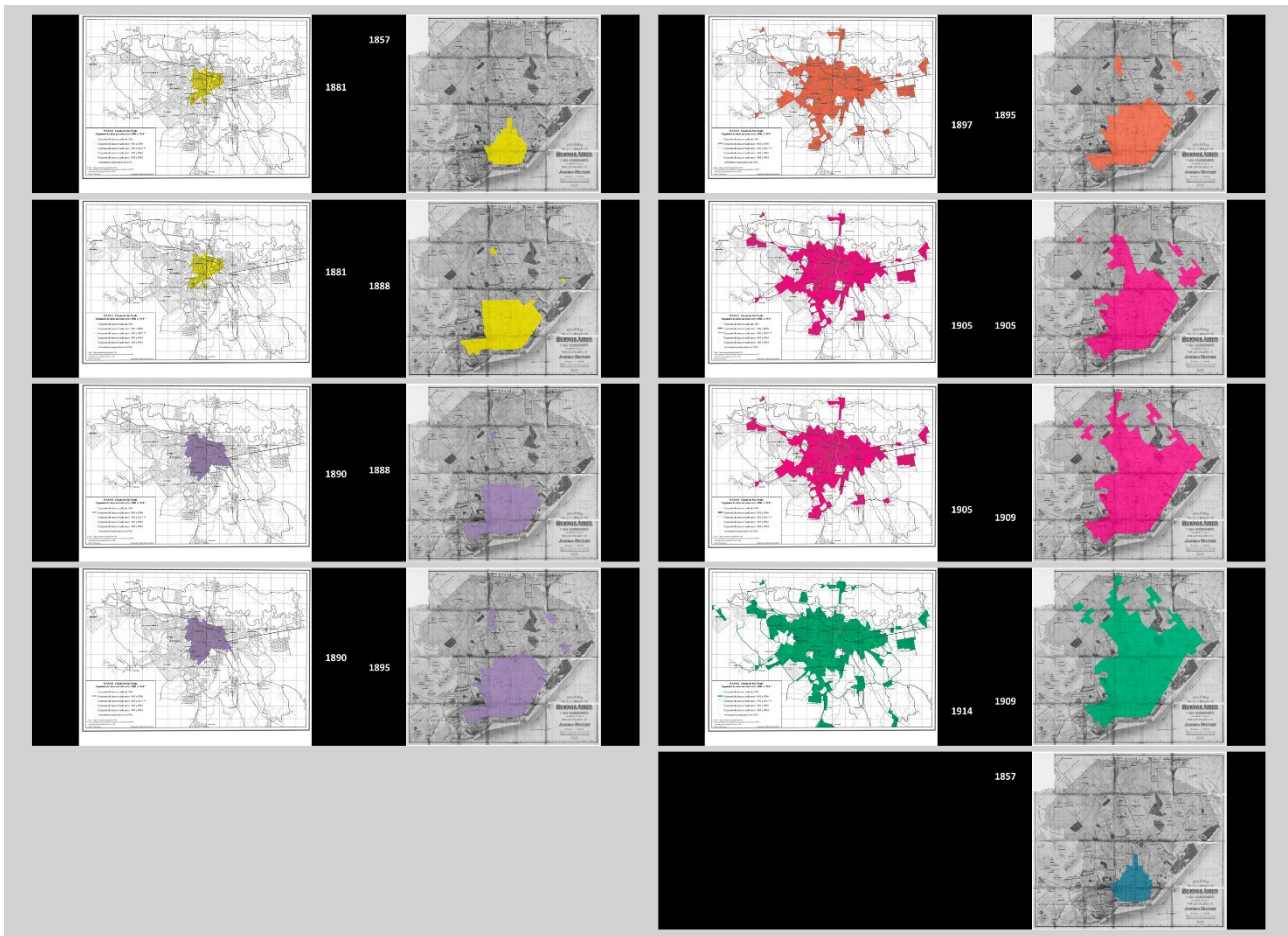


Figura 5. Semelhante à figura 4, mas neste caso as cores variam para facilitar a leitura no tempo. Em cada imagem as cores são as mesmas.

Concluindo, o uso de dados digitais possibilita diversas outras formas de observação e análise, permitindo comprovar hipóteses ou sugerindo novas. Nos casos mostrados, que utilizam de forma muito simples esses recursos, a incorporação da dinâmica e a possibilidade de visualizar de outras formas os dados presentes nos mapas originais potencializam essas leituras, assim como o uso de um maior repertório de recursos que nos aproximam do design gráfico. Entendemos que esses exemplos permitem compreender melhor esses processos espaciais.

Neste caso partimos de duas imagens analógicas, que digitalizadas permitiram novas visualizações, mas vídeos, sons, e muitas outras mídias poderiam ser articuladas sem maior dificuldade permitindo inclusive uma maior interação e variabilidade entre esses dados e os usuários, possibilitando que pesquisadores diferentes os organizem de inúmeras formas e produzam significados e resultados diferentes, inclusive de forma colaborativa. Para que essas mídias fossem articuladas a este trabalho seria necessário transcender as limitações de um trabalho linear impresso em papel.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrams, J.; Hall, P (2006). *Else/Where: mapping. New cartographies of networks and territories*. Mineapolis: University of Minnesota Design Institute.
- Blau, Eve (2019). “Urban Intermedia: city, archive, narrative”. In: Kurgan, Laura; Brawley, Dare (Ed.). *Ways of Knowing Cities*. Nova York: Graduate School of Architecture, Planning, and Preservation. p. 206-235.
- Marc Bloch (2018). *Os Reis Taumaturgos. Estudo sobre o caráter sobrenatural atribuído ao poder régio particularmente na França e na Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brito, Mônica Silveira (2000). Dissertação de Mestrado. *A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano: São Paulo, 1890-1911*. São Paulo, FFLCH, 2000.
- Gruzinski, Serge (2003). «O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio», *Estudos Avançados*, 17 (49). p. 323.
- Hessler, John (2015). *Map. Exploring the World*. Nova York: Phaidon Press.
- Kurgan, Laura; Brawley, Dare (Ed.) (2019). *Ways of Knowing Cities*. Nova York: Graduate School of Architecture, Planning, and Preservation.
- Manovich, Lev (2002). *The Language of New Media*. Cambridge: MIT Press.
- Manovich, Lev (2020). *Cultural Analytics*. Cambridge/Londres: MIT Press.
- Medrano, Ricardo Hernan (2003). *São Paulo e Buenos Aires: urbanismo e arquitetura (1870-1915)*. Tese de doutorado. São Paulo: FauUsp.
- Morner, M; Viñuela, J. F. et French, J. (1982), «Comparative Approaches to Latin American History», *Latin American Research Review*, Vol. XVII, N. 3, p. 55-89.
- Morozov, Evgeny; Bria. Francesca (2020). *A cidade inteligente: Tecnologias urbanas e democracia*. São Paulo: Ubu Editora.
- Picon, Antoine (2015). *Smart Cities: a spatialised intelligence*. Chichester: Wiley.
- Schnapp, Jeffrey (2015). “Novos métodos e gêneros nas humanidades digitais”. In: Monteiro, Maria Conceição; Giucci, Guillermo; Pinho, Davi (Org.). *Eros, tecnologia, transumanismo, figurações culturais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Caetés.



**Título: Cidade como imagem, imagem como cidade – o universo visual dos *city planners* (1920-1950).**

**Autor/a:** Heliana Angotti-Salgueiro. Pesquisadora, IEA-USP e DRCLAS-Harvard University.

**Mesa: 57 - São Paulo e Buenos Aires: Narrativas Visuais para Repensar Presente e Passado**

**Resumen:** A comunicação traz exemplos da circulação de documentos textuais e visuais, especialmente norte-americanos em São Paulo, através do estudo de caso do urbanista Luiz de Anhaia Mello (1891-1974). Cruzando a trama biográfica com a bibliográfica em época fundamental para a história do planejamento urbano, aprofunda-se a apropriação de referências e a crítica da cidade explicitas no universo das imagens, cujo alcance transnacional é evidente na visualização de narrativas ou “arquivos animados” a caráter experimental.

**Palabras clave:** *visualização de referências, representações críticas, história do planejamento, biografia intelectual*

Questões centrais da história urbana atual, como a historiografia, a circulação de referências e a cultura visual, podem ser estudadas a partir dos ideários de um ator social na busca soluções para as carências da cidade em que atua e opina – no caso, vou me referir a Luiz de Anhaia Mello, engenheiro-arquiteto e professor, figura representativa da crítica urbanística brasileira que viveu em São Paulo, cuja biblioteca e os textos que escreveu, postulando uma urbanidade que se revelou utópica para sua cidade, nos remetem a um universo de referências do urbanismo norte-americano, prioritariamente veiculadas em periódicos consultados por ele.

Autores já afirmaram que a história dos periódicos e a história da crítica se confundem

e se associam na construção de biografias intelectuais<sup>1</sup> – minha linha de análise inscreve-se nessa premissa, mas vai além dela, pois o corpus de mídias diversas levantado na pesquisa relativo ao universo visual de Anhaia Mello se presta à composição de séries “narrativas animadas” por meio de recursos digitais de comunicação e de apresentação do conhecimento que conseguem demonstrar mais claramente o teor e o peso das representações que as leituras convencionais não haviam trazido à luz.

O uso de *software* nos permite hoje a visualização comparativa de inúmeros documentos e a associação de temporalidades da expansão urbana, bem como a espacialização de questões sociais que se expressam, por exemplo, na cartografia: sequências e transparências digitais mostradas nas *ponencias* da Mesa 57, trazem as superposições do presente e do passado ou as transformações de Buenos Aires e São Paulo, evidenciando a origem e a continuidade dos problemas urbanos de ambas na longa duração.

Neste estudo de caso, comentários sobre a participação cidadã, a formação da opinião pública ou a busca de “civilidade e civilização” para São Paulo, são alguns dos temas que ocupavam os textos do urbanista Anhaia Mello, visualizados a partir da pesquisa de fontes inéditas de referência. A pesquisa traz uma retrospectiva de temas e soluções propostos a partir dos anos 1920-30, quando as carências da cidade eram amplamente debatidas em textos e imagens. Uma vasta bibliografia sobre o planejamento urbano que circulou em diversas latitudes nos primeiros decênios do século XX acompanha-se de imagens que representam os “princípios” e as “funções” da vida coletiva nas cidades, temas que vão me interessar diretamente, e serão apresentados no vídeo final.

Sabemos que os anos de ouro das publicações a respeito do *city planning* e da história de planejadores que “sonhavam a cidade moderna” atuando em instituições, associações, academias e nos governos municipais, foram objeto de uma prolífica historiografia desde os anos 1960, enriquecida nos anos 1970 e 1980 e até por volta dos anos 2010 em muitos países, especialmente nos Estados Unidos. No entanto, para a historiografia ibero-americana, acredito que estes ainda sejam temas de

---

<sup>1</sup> Ver a respeito dessas relações, Jannièrè, Hélène (2019). *Critique et Architecture. Un état des lieux contemporain*. Paris: Éditions de la Villette.

especial relevância, especialmente no que se refere à história intelectual e aos estudos visuais – estes últimos, os menos estudados. O levantamento de imagens inscrito em histórias cruzadas de autores e leituras permite entender as conexões entre seus ideários e o universo visual ao qual tinham acesso. Esta comunicação traz, pois, uma análise original e uma nova metodologia ampliando o leque da iconografia publicada que representava questões do urbanismo, consultada por Luiz de Anhaia Mello e mencionada em seus inúmeros textos escritos em português e publicados em São Paulo, cuja circulação restringe-se, conseqüentemente, aos anais da história urbana local.

Assim, o estudo das trajetórias intelectuais dos atores sociais ligados a situações particulares das cidades em que viveram e em torno de questões globais, ainda pode ser considerado uma estratégia metodológica viável. Neste caso, quando levanto as imagens que Anhaia Mello viu, considerando seus efeitos visuais à época, inscrevo-me em variantes desta estratégia, cuja pertinência para uma historiografia em construção como a brasileira sobre questões de planejamento urbano, ideários de planejadores e universo visual, vai além de eventuais enfoques metodológicos datados.

Situando o interesse pelos atores e suas referências na historiografia cultural, a partir dos anos 1990, vimos que a história da imprensa ou de veículos da crítica profissional se destacam entre as principais fontes para estudá-los<sup>2</sup>. Nesse sentido, atendo-me à pesquisa que venho desenvolvendo já há alguns anos relativa ao universo de referências intelectuais e visuais partilhadas por Luiz de Anhaia Mello, que reproduz linhas da crítica urbanística, especialmente norte-americana em seus artigos e conferências publicados em revistas especializadas de âmbito local, revelando, porém, neles uma comunicação transnacional de ideias e imagens, em torno dos princípios do city planning que, afinal, são retomados nas quatro funções da vida coletiva que os modernistas iriam defender na Carta de Atenas (a serem mostrados no vídeo mais adiante).

Em relação às fontes sobre a história urbana, se os discursos críticos presentes nos periódicos têm evidentemente um lugar hoje indiscutível na historiografia, o papel das

---

<sup>2</sup> Ver Janniére, Hélène (2002). *Politiques editoriales et Architecture Moderne. L'émergence de nouvelles revues en France et en Italie (1923-1939)*. Prefácio de Jean-Louis Cohen. Paris: Éditions Arguments.

imagens para compreender a cultura urbana e a visualização dos chamados “problemas” nessas fontes, como já adiantei, não tem merecido a mesma atenção dos pesquisadores – considerando que as imagens carregam seu próprio significado como veículos de ideias, meu interesse concentra-se então na coleta de figuras de livros e revistas ao tempo de Anhaia Mello, imagens que foram vistas por ele, reconhecendo-as como uma das formas de representação de tópicos presentes nos seus textos, conferências, e cursos que ministrava na Escola Politécnica, e nas mudanças na legislação municipal que buscava introduzir quando ocupou cargos, ainda que efêmeros, como o de vereador, prefeito e secretário de obras em São Paulo.

Anhaia Mello era antes de tudo um intelectual, um leitor erudito que discordava da maioria de seus compatriotas da elite paulistana, à qual pertencia, na sua postura pelo *decrescimento* da cidade<sup>3</sup>, cuja evolução desenfreada e desordenada o incomodaram desde muito jovem, conforme expressa em fala documentada como vereador em 1920, nos Anais da Câmara Municipal em SP<sup>4</sup>. O conhecimento de referências internacionais por Anhaia Mello nesse pronunciamento e nos demais textos que escreveu até os anos 1960, explicita seus ideários por propostas inovadoras de políticas públicas – referências citadas e reiteradas sobre os mais diversos tópicos discutidos à época, desde a participação da opinião cidadã nos debates dos problemas da cidade ao crescimento “sem planos e sem leis” (Anhaia Mello, 1947). O estudo do “campo cultural”, no sentido bourdieusiano dos discursos críticos dos profissionais da arquitetura e da engenharia que buscam distinção e voz, é indissociável dos limites da informação, muitas vezes restrita a poucos indivíduos, bem como dos limites culturais de suas próprias conjunturas.

Voltemo-nos para suas referências. Bibliotecas pessoais de urbanistas são fontes pouco estudadas, embora imprescindíveis no caso, pois Anhaia Mello não deixou um arquivo pessoal, daí eu ter lançado mão de estratégia clássica nos estudos da história cultural da leitura, debruçando-me sobre as marginalias e as anotações que ele deixou em seus

---

<sup>3</sup> Expressão tomada de empréstimo ao título de uma série de livrinhos editados na França há alguns anos, *Les Précurseurs de la Décroissance*, entre os quais destaco o de Paquot, Thierry (2015). *Lewis Mumford, pour une juste plénitude*. Neuvy-en-Champagne: Éditions Le passager clandestin. A filiação intelectual de Luiz de Anhaia Mello a Lewis Mumford é um dos temas da biografia intelectual que estou escrevendo sobre ele.

<sup>4</sup> Cf. Exposição de motivos por Anhaia Mello (1920), *Annais da Câmara Municipal de São Paulo*. São Paulo, Tipografia Piratininga, pp. 324-328. Para conhecer o conjunto de seus textos, ver Angotti-Salgueiro, H. e Simões Junior, J.G. (2020). Biobibliografia cronológica de Luiz Ignacio Romeiro de Anhaia Mello (1891-1974). Um instrumento de pesquisa, no livro organizado por esses autores, *Luiz de Anhaia Mello, um pioneiro do urbanismo paulistano*. São Paulo: Editora Mackenzie.

livros, para poder associar suas fontes de referência a seus textos, bem como sobre o poder de comunicação das imagens e seus usos no seu tempo, mais um tema que já está presente nos anos 1920, como ele evidencia no seu primeiro livro, que vou comentar mais adiante.

Assim, pelo conhecimento dos veículos de divulgação que ele cita, faço a leitura de seus textos que revelam além de sólida erudição, uma extraordinária atualidade sobre o que se debatia e se publicava internacionalmente no campo dos estudos urbanos. Anhaia Mello estava a par de uma bibliografia internacional incontornável na área para a sua geração, na qual algumas genealogias de autores são evidentes e outras revelam a complexidade dos mecanismos de apropriação de textos diversos, as diferenças conceituais entre eles, aproximações e distanciamentos de que já tratei em outros textos<sup>5</sup>.

Entre os veículos de comunicação ilustrados que dão a ver o universo visual das críticas destaco alguns periódicos norte-americanos especializados mas não propriamente acadêmicos – entre eles o *The American City*, publicado em Nova York, e difundido amplamente entre os profissionais brasileiros (engenheiros e arquitetos) – aliás, considerado “o melhor” pelo próprio Anhaia Mello. Pude consultar este periódico no âmbito de uma pesquisa como Visiting Scholar em Harvard<sup>6</sup>, pois nas bibliotecas especializadas do Brasil só restam esparsos e mal conservados exemplares. Em suas páginas ilustradas já aparecem todas as temáticas que iriam praticamente dominar a discussão urbana até os anos 1950, de que escolho algumas para comentar e visualizar nesta comunicação.

A pesquisa sobre o universo visual da época vem revelando que, além dos periódicos, a crítica se reproduzia em mídias diversas, como propagandas, plantas de cidades, mapas, diagramas, panfletos, *cartoons* e fotografias, além de cartazes e folhetos, lembrando também o papel fundamental do cinema e seu poder de « visualização » e difusão.

O capítulo introdutório do primeiro livro de Luiz de Anhaia Mello que reúne conferências feitas no Rotary Club em 1928, se refere à “psicologia” a que se deve lançar mão pelos

---

<sup>5</sup> Ver de minha autoria, Considerações sobre a biblioteca de Luiz de Anhaia Mello. Cruzando seus textos e autores de referência, in Simões Junior, J.G. e Angotti-Salgueiro, H. (org.) (2020) *Luiz de Anhaia Mello. Um pioneiro do urbanismo paulistano, op.cit.* (Neste capítulo enumero textos que publiquei sobre Anhaia Mello).

<sup>6</sup> Esta pesquisa foi possível graças a uma bolsa como *Visiting Scholar* em Cambridge, de setembro de 2021 a fevereiro 2022, outorgada pelo David Rockefeller Center for Latin American Studies da Harvard University. Agradeço também ao staff da biblioteca e Special Collections da Frances Loeb Library, da Graduate School of Design.

meios visuais para a formação e esclarecimento da opinião pública e a “participação cidadã” objeto de campanhas educativas pensadas com base nas referências norte-americanas. A « conquista da opinião pública » dependeria de *saber vender o urbanismo*<sup>7</sup> – ele observa que já se vivia sob « a tirania do reclame », e as pessoas agiam “irracionalmente”, “intoxicados” pelos anunciantes – daí a prática da propaganda<sup>8</sup> “por todos os meios: imprensa, tribuna, revistas, cartazes, folhetos, exposições, cinema, radio e pelo contato pessoal”, ou seja, por meio de conferências como ele próprio fazia. (O artigo com o cartaz *This is my city*, que mostrarei no power point, refere-se ao uso de *art posters* para a educação de valores de cidadania, pertencimento à própria cidade, e aprimoramento cívico de atitudes nessa direção, que a literatura norte-americana da época recomendava).

A ideia da formação da opinião pública sobre problemas da cidade moderna, dependia da “visualização”: justamente, o termo já existia com este propósito, como mostra um folheto de 1920 que encontrei em Harvard sob o título, *Visualizing Citizenship*, ou seja “Visualizando a Cidadania” (que associo com uma página do livro de Thomas Adams, *Recent Advances for Town Planning*, da biblioteca de Anhaia Mello, com suas marcas de leitura sobre a “educação cívica” a respeito do planejamento). O esclarecimento dos problemas que afligiam o cotidiano urbano e a necessidade de “educação urbanística” para que os cidadãos se interessassem por eles e agissem sobre a cidade, seria função das associações nacionais nos municípios. Estas seriam criadas visando uma ampla participação dos cidadãos em “cruzadas urbanísticas” nas quais deveriam se lançar, como nas cidades americanas, engenheiros, arquitetos e paisagistas imbuídos de uma verdadeira “missão civilizadora”, em que sacrifícios individuais em favor da coletividade eram esperados.

Anhaia Mello, porta-voz dessa mensagem, denunciava sempre a indiferença e a falta de espírito cívico de seus compatriotas. A exemplo dessa crítica: um *cartoon* do periódico *The American City*, em 1929, é publicado ao lado de artigo cujo título fala por si só:

---

<sup>7</sup> Hunt, Carl (1926). *Selling City Planning*, in *Planning Problems of Town, City and Region: Papers and Discussions at the 18<sup>th</sup> National Conference on City Planning, St Petersburg and Palm Beach, Fla, March 29 to April 1*, 175-190. No desenho da “árvore do urbanismo” que Anhaia retoma do city planning de Evansville, a parte mais personalizada da apropriação representa a “opinião pública”. Ver meu texto, Os novos parques, entre os temas do ‘sonho americano’ de L. de Anhaia Mello, em vias de publicação em livro de colóquio homônimo, *Jardins e Sociabilidade* (edição em francês e português).

<sup>8</sup> Em textos da maturidade ainda ressalta a relação « educação/propaganda », e que esta última deve ser « real, honesta e não uma burla ». E cita como exemplo o que foi feito em Chicago, com a edição do plano distribuído nas escolas primárias, os manuais e os filmes produzidos contra o « analfabetismo cívico ». (Anhaia Mello, 1961, p. 34, e 1957, p. 3). Desde 1929, no seu primeiro livro, já citava o *Wacker’s Manual of the Plan of Chicago* (1911) e o *Our City Dallas* (1927).

“American Cities need leadership. But they need Citizenship Cooperation and Civic Education even more”. Este *cartoon* que encontrei nas coleções de periódicos da Harvard University, (originalmente do *New York Herald Tribune*), foi publicado no *Boletim do Instituto de Engenharia*, em 1935, com os dizeres traduzidos para o português<sup>9</sup>. O poder das imagens dos *cartoons* ou caricaturas, era descrito em livros como o de Harry Overstreet, *Influencing Human Behavior*, de 1925, referência de Anhaia Mello, citada em seus textos. Era pois, uma questão de "publicidade", convencer e sensibilizar a indiferença e o egoísmo do público, especialmente dos "funcionários municipais", como denuncia o *cartoon*, e como apontou Charles H. Wacker, Presidente da Comissão do Plano de Chicago, e também Theodora K. Hubbard, em sua palestra “Survey of the City and Region Planning in the United States”, em que destaco o item “Convincing the Public”, publicado na revista *City Planning*, de abril de 1925, uma fonte direta do conhecimento de Anhaia Mello sobre a cidade e das imagens que o representam.

A questão da pedagogia visual presente nas representações da crítica do urbanismo às quais Anhaia Mello estava perfeitamente a par, se referem, pois, ao impacto da imagem e da propaganda para influenciar e esclarecer a opinião pública sobre os problemas urbanos - ele percebeu precocemente esse impacto dos “mass media” nos debates - em suas primeiras palestras publicadas no citado livro, editado em 1929, vimos que ele incentiva o desenvolvimento de organizações "para educar as massas" (a exemplo da National Municipal League, da National Conference on City Planning, da American Society of Landscape Architectes, da Playground and Recreation Association of America, e de tantas outras, citadas em seus textos), para responder à sua preocupação em “manter desperta e vigilante a consciência cívica da população”, elevando “a temperatura moral do ambiente”, expressão remetida ao velho historiador positivista Hyppolite Taine (*Filosofia da Arte*)<sup>10</sup>, mas na verdade diretamente inspirada em autores do seu tempo, como os americanos Carl Hunt e Harry Allen Overstreet (como já observei), que ensinavam como

---

<sup>9</sup> Abro um parêntese para observar que o *Boletim do Instituto de Engenharia*, onde Anhaia Mello publicou a maior parte de seus artigos, era difundido em meios acadêmicos e profissionais de engenheiros; começou a circular em 1917, e a partir de 1945, passou a se chamar *Engenharia*. (Desconheço estudos específicos a respeito dele). Este periódico tinha uma sessão chamada ‘Bibliografia’ que trazia a atualidade das publicações estrangeiras e indicava como adquiri-las. Era uma prática na época a publicação de bibliografias, de manuais de informação e listas de referências de obras (e mesmo de coleções de *lantern slides* e filmes educativos) sobre *city planning*, como as de Theodora Kimball (bibliotecária da então School of Landscape Architecture da Harvard University) que Anhaia Mello conhecia, e possuía muitos dos livros citados por ela.

<sup>10</sup> Anhaia Mello, Luiz de (1928) A cidade, problema de governo, *Boletim do Instituto de Engenharia*, 43, p. 285, e (1929) O governo das cidades, *Idem*, 44, pp. 4-5.



fazer a comunidade se interessar pela questão do planejamento. Nesse sentido, Anhaia repete o mote de Overstreet: *Seeing is easier than thinking* » (*Ver é mais fácil do que pensar...*), ao que acrescenta ironicamente: « E tem a vantagem de interessar também aos analfabetos... »<sup>11</sup>.

O uso da cultura visual já incluía, obviamente, o cinema: « movies for city campaigns » era um leitmotiv nos textos da época – praticar a « visual education » (educação visual) por meio de filmes cívicos (*civic films*), é o tema do interessante folheto que retomo, encontrado nas coleções de Harvard. Entre os filmes citados por Anhaia Mello que tiveram ampla audiência atestada nos *Proceedings* de 1921, e em livros de urbanismo do seu tempo, “A Tale of One City”, projetado em Chicago e distribuído em 60 cinemas da vizinhança, mostra cenas em que se repetem os mesmos temas da fotografia nas cidades (recortes de ambos vão aparecer no vídeo da “narrativa animada” mais adiante). Outros folhetos da época como a *Educational Film Magazine* (1919) tratam também do ensino da cidadania e dos problemas e realizações urbanas.

Ao discorrer sobre as humanidades digitais e cultura visual, o historiador Jeffrey Schnapp, idealizador do conceito de *knowledge design* (que comentei na Apresentação dessa Mesa), professor de literatura, curador e designer, observa que o cinema “é uma das formas de uso de meios visuais para expressar conceitos intelectuais”. Esse autor nos leva à vertente da pesquisa experimental que os pesquisadores da Mesa 57 reivindicam, ou seja, a opção por trabalhar com intermédias na história urbana ou de reconstruir e comunicar o passado e o presente das cidades por meio de novos métodos de visualização digital, graças a programas de *software* que transformam arquivos de imagens e textos em “narrativas animadas” – não apenas na busca de enfoques inovadores para produzir formas de aprendizagem e de conhecimento próprias do século XXI<sup>12</sup>, como para o estudo, preservação, processamento e disseminação de arquivos e coleções, e especialmente como modelo de curadoria que responda a essas formas.

Observei que a metodologia experimental que associa *pesquisa/design e mídia*, veio da exposição *Urban Intermedia: City, Archive, Narrative* (sobre Berlim, Boston, Mumbai e Istambul), sob a curadoria de Eve Blau e Robert Pietrusko, da Harvard Graduate School

---

<sup>11</sup> Anhaia Mello (1920), cap. 2, Ainda o problema psicologico, in *Problemas de Urbanismo*, op. cit. p. 31.

<sup>12</sup> Ver nessa linha Burdick, Anne & Willis, Holly (2011). Digital learning, digital scholarship and design thinking, *Design Studies*, 32, pp. 546-556.

of Design, em 2018, metodologia que optei por adotar no estudo de Buenos Aires e de São Paulo, transmitindo-a aos colegas do grupo de pesquisas (ver no II Congresso Ibero-americano de História Urbana, os trabalhos da Mesa 34 sob minha coordenação e de Eve Blau).

A metodologia se remete a teóricos como o citado Jeffrey Schnapp, e especialmente a Lev Manovich, autor de livros fundamentais para entendermos o procedimento: *The Language of New Media* (2001) e *Software Takes Command* (2013), além dos inúmeros artigos, acessíveis na web – entre eles, “Visualizing Vertov”, de 2013, quando ele analisa o filme “Man with a Movie Camera” de 1929, cuja célebre imagem do homem andando pela cidade com a câmera é emblemática da relação que queremos enfatizar: a de captar *a cidade como imagem*, ou seja, de compreender a cidade e seus habitantes pela imagem.

Como já adiantei no início deste texto, temas frequentes, presentes nas representações reiteradas nos periódicos em nome de uma urbanidade ideal, que povoavam o universo das representações vistas por Luiz de Anhaia Mello, podem se resumir no planejamento para o equilíbrio das conhecidas quatro funções da vida coletiva urbana: *circular, se recrear, trabalhar e habitar* – consagradas pelos modernistas na Carta de Atenas, mas que associo aos “Principles of City Planning”, presentes muito antes na historiografia urbana em referências que ele conhecia<sup>13</sup>.

A maioria dos artigos de Anhaia Mello são uma crítica generalizada às cidades que cresciam sem planejamento e “sem harmonia e equilíbrio” dessas funções, leitmotiv por décadas na literatura e nas imagens em circulação nas duas Américas que vou mostrar no vídeo, na linha de “intermédias” a efeito de uma visualização de questões do ideário crítico e suas representações.

Alerto que o vídeo ainda é um *work in progress*, um ensaio a título experimental, pois esse tipo de trabalho leva tempo a ser estruturado, como já expliquei na Apresentação da Mesa 57, tratando-se de um trabalho colaborativo entre o pesquisador e o designer (um profissional que trabalhe conosco na “edição”, além de estudantes e estagiários). Parte do material da pesquisa foi escolhido, escaneado e reunido num *story board*, base das séries

---

<sup>13</sup> Ver Lewis, Nelson (1916). *The Planning of the Modern City*. A Review of the Principles Governing the City Planning. New York: John Wiley & Sons, Inc.; Bartholomew Harland (1924). *The City Plan of Memphis Tennessee: a Comprehensive City Plan*. Memphis: City Plan Commission; Lohmann, Karl (1931). *Principles in City Planning*, New York & London: McGraw-Hill Book Company.

narrativas, que no meu estudo de caso se remete às referidas representações das quatro funções da vida coletiva urbana: *circular, se recrear, habitar e trabalhar* – o urbanista Anhaia Mello mencionou-as inúmeras vezes na busca de uma *outra* São Paulo, postulando seu equilíbrio harmônico em nome do Bem Comum dos cidadãos. (Bem Comum que ele cobrava ao “Estado democrático”, como escreveu à margem de um dos livros em espanhol de sua biblioteca (ver no *power point*).

Assim, vamos observar nas “narrativas animadas” que os “problemas do urbanismo” ou as críticas constantes de Anhaia Mello se inserem nas referidas quatro funções da vida coletiva e partem de sua denúncia do crescimento de São Paulo<sup>14</sup>, postulando a limitação das construções tanto em extensão como em altura, ao contrário dos seus pares ufanistas que declaravam “São Paulo não pode parar”. Lembremo-nos, na sequência, de temas de seu ideário: controle e planejamento urbano e regional, zoneamento funcional, habitat salubre, a melhoria dos transportes e de outros serviços de utilidade pública, a criação de parques recreativos e unidades de vizinhança e a descentralização da capital pela construção de cidades-jardins no seu entorno.

O vídeo começa então pelas imagens da “**verticalização**” intensiva do centro de São Paulo, contra a qual Anhaia Mello se manifesta afirmando que os “dois pesadelos do urbanista, são o arranha-céu e o automóvel”, temas da iconografia crítica da época, muito divulgada em livros e periódicos norte-americanos. Mostra em seguida a “**circulação**”, que se remete, sobretudo, aos congestionamentos, aos problemas do tráfego que Anhaia Mello deplorava, especialmente os atropelamentos de crianças – ele havia perdido um filho num acidente do trânsito – constatei a impressionante frequência deste tema em campanhas de sensibilização, em cartazes, artigos e mesmo capas do *The American City*. Filmes da época mostram muitos carros nas ruas, multidões e dificuldades para atravessá-las (como no documentário *The City*, de 1939, com roteiro de Lewis Mumford, que já observei ser um dos autores mais citados por Anhaia Mello por suas posturas anti-urbanas); as ruas congestionadas de pessoas são uma representação icônica que aparece nos filmes e também em fotografias – exemplos: a foto de Alice Brill no centro de

---

<sup>14</sup> Sobre o crescimento do centro de São Paulo, aos olhos de Anhaia Mello, que além de professor, trabalhou toda a sua vida no maior escritório imobiliário da metrópole paulistana - ver Bueno, Beatriz P.S. (2020), A cidade que Anhaia Mello via crescer das janelas do escritório F. P. Ramos de Azevedo, Severo & Villares. Vinculações com a Cia. Iniciadora Predial e com o mercado da construção civil, in Angotti-Salgueiro H. e Simões Jr, J. G. *op. cit.* Ver também um dos livros da biblioteca de Anhaia Mello: Monbeig, Pierre (1953). *La Croissance de la Ville de São Paulo*, que trata da « americanização da paisagem urbana » da cidade.

São Paulo publicada em artigo de Anhaia Mello na revista *Habitat* em 1957, e a montagem do designer Herbert Bayer na capa do *Can our Cities Survive?* retratando a multidão dentro de uma lata de sardinha (aliás, “overcrowding” já era um combate ‘clássico’ que remonta a Raymond Unwin).

O tema da *circulação*, por sua vez, associa-se ao da “**recreação pública**”, que havia sido considerado por Harland Bartholomew e outros *planners* como um dos “princípios do *city planning*”. Lamentava-se que o *único playground era a rua*, queixa reiterada nas imagens do filme citado, e em figuras de tantos outros livros e periódicos das primeiras décadas ao longo do século XX – para citar mais um exemplo, retomo imagens do livro, *Can our Cities Survive?* da biblioteca de Anhaia Mello<sup>15</sup>. O *recrear-se* (“corpo e espírito”) destaca o “novo conceito de parque”, de lugares de recreação equipados com jogos para todas as idades, em vez dos gramados “imensos e inutilizados” de São Paulo<sup>16</sup> – nesse quesito, de certa forma, ele foi atendido em parte pelas políticas de integração social do prefeito Fabio da Silva Prado entre 1934 e 1938<sup>17</sup>. A consciência da importância das áreas de lazer e de espaços verdes como componentes da cidade eram reiteradas nas imagens das publicidades dos periódicos que povoavam o universo visual da época (*playgrounds* ou “o recreio ativo organizado” foi tema de artigos de Anhaia Mello que ele ilustra com diagramas traduzidos do referencial norte-americano, entre eles, o de Harland Bartholomew, publicado no *City Planning* em 1928). Além do já citado risco dos acidentes, o “recreio ativo e organizado” também era preconizado nas representações como medida eficaz para atenuar os malefícios morais da delinquência, criminalidade e solidão, em periódicos e livros que Anhaia Mello conhecia tão bem<sup>18</sup>. Fazia-se uma estreita correlação

---

<sup>15</sup> Ver a respeito das fotografias desse livro, meus comentários no artigo inédito “Images Representing Urban Ideas”, enviado ao *Les Cahiers de la Recherche Architecturale, Urbaine et Paysagère*, ainda não publicado.

<sup>16</sup> A evolução do conceito de parque, in Luiz de Anhaia Mello (1929) *Problemas de Urbanismo*. Bases para a resolução do problema técnico, *op. cit.*, p. 24-26.

<sup>17</sup> Para um estudo completo do urbanismo paulistano que foge dos objetivos desse texto, ver Campos, Candido Malta (2002) *Os Rumos da Cidade. Urbanismo e Modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora Senac.

<sup>18</sup> Tema típico das políticas de regeneração social de Herbert Hoover comentadas por Anhaia Mello, representadas pelo diagrama com figuras e símbolos publicado na revista *Economie et Humanisme* (1945), no livro de Gaston Bardet, *Le Nouvel Urbanisme* (1948), mas cuja fonte original é C. B. Purdom, *The Building of Satellite Towns* (1925), todos da biblioteca de Anhaia Mello - o desenho mostra a diminuição de acidentes de crianças e da criminalidade de adolescentes em cidades onde há parques, representados por pequenas árvores. Ver a respeito, meu texto “Os novos parques, entre os temas do ‘sonho americano’ de L. de Anhaia Mello”, *op.cit.*.

entre os problemas morais e sociais e a ausência de áreas de lazer e, na sequência, com a habitação precária.

Assim, as áreas de recreação e espaços abertos se associavam às novas concepções da habitação que, por sua vez, devia se separar da circulação. Sabe-se que as ‘quatro funções’ se complementam e se remetem entre si harmonicamente – no tópico “**habitação**” destacam-se primeiramente imagens dos malefícios da revolução industrial e as necessárias mudanças do lugar do habitat operário, que cenas do filme *The City* destacam os contrastes. O habitat salubre é assim um dos temas principais do período, que no livro *Can our Cities Survive?* aparece em primeiro lugar (*dwelling* ou *housing*) na hierarquia das quatro funções, sendo tema dos capítulos II, III e IV.

As “unidades de vizinhança” afiguram-se como modelo entre as soluções do movimento *new housing*, uma das mais importantes bandeiras modernistas internacionais, que, no Brasil, vozes isoladas defenderam com poucos resultados. Anhaia Mello é uma delas – diante do anárquico crescimento das cidades brasileiras, ele foi um dos organizadores do Primeiro Congresso de Habitação em São Paulo, em maio de 1931. Denunciando o déficit habitacional, escreveu vários artigos sobre a “habitação salubre, acessível e agradável” e a racionalização da ocupação urbana pelo zoneamento<sup>19</sup>, que vai publicando em periódicos locais, até seus últimos textos nos anos 1950, apoiando-se em autores diversos e nas soluções que estavam sendo construídas nos Estados Unidos<sup>20</sup>. Na realidade, a proliferação da autoconstrução periférica se instalou definitivamente em São Paulo por falta de uma política habitacional que as medidas de Anhaia Mello por um urbanismo regulador não conseguiram reverter (colegas da mesa *mapearam* a informalidade da ocupação espontânea de construções precárias em São Paulo e em Buenos Aires). Num longo artigo ilustrado da maturidade, em 1957 na revista *Habitat*, Anhaia deplora a “favela paulistana” e os cortiços, a explosão demográfica descontrolada e a exploração imobiliária com a verticalização de áreas quase sem “espaços verdes

---

<sup>19</sup> “Zoning will Prevent this” (O zoning evitará isso) é o título de uma caricatura anônima, traduzida para ilustrar o primeiro livro de Anhaia Mello em 1929, cuja fonte encontrei nas coleções de Harvard: publicada originalmente na campanha pelo zoneamento de Evansville (Indiana) antes de 1920, e em 1925 circulou mais amplamente na revista *City Planning*, no artigo de Theodora Kimball Hubbard a que já fiz referência. A escassa presença de fotografias e desenhos nos livros e artigos de Anhaia Mello podem ser atribuídas às dificuldades gráficas à época.

<sup>20</sup> Anhaia Mello citava continuamente o clássico *Garden Cities of Tomorrow* (possuía a edição de 1946 na sua biblioteca, com prefácio de Lewis Mumford); referia-se às *green-belt towns* do governo Roosevelt, a Radburn (New Jersey, 1929), a Broadacre City; em 1936 escreveu dois artigos sobre Um programa de habitação para os Estados Unidos na *Revista Polytechnica*, e em 1947 publicou no *Digesto Econômico*, o artigo “Cidade Jardim”, em que propõe a fundação de cidades-jardim de 60 mil habitantes para São Paulo, que, já contava com 1 milhão de favelados!

livres para recreio ativo e passivo”, e com “o equipamento social e educacional igual a zero”. De suas leituras destaco ainda autores como Clarence Perry sobre as unidades de vizinhança, que ele defendia como alternativa para a reconstrução das áreas deterioradas das grandes cidades; e ainda, Le Corbusier e o seu “código de ocupação lícita do solo”, do qual inclui um desenho do livro *Propos d’Urbanisme* referente à caminhada e à urgência de dar a todo cidadão “sua quota inalienável de ar puro e sol, um corpo são e alegria de viver”.

Em seus últimos textos Anhaia Mello atem-se às denúncias da São Paulo-megalópole, numa crítica marcada pelo pessimismo do intelectual humanista em fim de carreira, desiludido diante da constatação do que ele chama de “analfabetismo cívico” (que ele cita em inglês, *civic illiteracy*), e do fracasso dos princípios de urbanidade na cidade, cujo crescimento selvagem, destoava das teorias do planejamento que ele partilhava com autores de sua preferência. A crença utópica muito presente até o final dos anos 1930, de que “a época da remodelação das cidades teria chegado”, como se lê em um slide do filme *The City* parece ter chegado ao fim. Anhaia Mello revela seu desalento frente à cidade tentacular, quando chega mesmo a lançar mão de comparações de imagens entre o “caos” da São Paulo verticalizada e a selvageria da *Guernica* de Picasso, na mesma página do artigo da *Habitat*, de 1957.

Os princípios do planejamento da cidade e ideais de urbanidade apresentados nas imagens do vídeo, são do conhecimento de todo estudioso de história urbana... Porém, o fato de expressar conceitos intelectuais por meios visuais, ajustando representações intermédias em narrativas digitais, é uma resposta às necessidades atuais de comunicação da pesquisa explorando o papel da tecnologia para contar a história urbana. O fato de partirmos de um enfoque biográfico intelectual, levantando o universo de imagens ao qual os protagonistas tinham acesso, com destaque à massa de informações trazidas pela visualização de suas referências intelectuais, pode significar um avanço na compreensão de como os urbanistas pensavam e abordavam essas questões. Ao dar a ver o diálogo de uma sequência de imagens esquecidas viajamos no tempo transformando essas figuras acumuladas em *narrativas visuais* abertas à construção de interpretações – uma *obra aberta*, como observa Eve Blau, sugerindo que outras histórias possam ser contadas sobre lugares e eventos com as mesmas mídias sob diferentes associações narrativas híbridas (Blau, 2019, 218 e 228).

Ao estudar a história urbana definindo a crítica da cidade por meio de visualizações que representem questões e preocupações comunitárias de uma época, apresentamos um experimento metodológico pouco convencional: por um lado unindo os campos da história da cultura e das humanidades digitais e os avanços do *design thinking*, e por outro, associando a prática do design ao trabalho de curadoria<sup>21</sup>.

Finalizando, eu espero que a visualização dessas questões propostas na mixagem de dados visuais e textuais da crítica de Anhaia Mello contextualizadas nas mídias do seu tempo, com ferramentas do nosso, sugiram o uso de novas formas de transmissão da cultura urbana, além daquelas que as estruturas tradicionais acadêmicas nos legaram. Ao realizarmos esse congresso presencial e *online* em tempos que vivemos conectados a “vidas intensamente intermediadas”, e em situações que permitem “a incorporação do visual dentro do real” a todo momento, estamos prontos, acredito, a novos desafios e possibilidades colaborativas de produzir e de comunicar o conhecimento da cidade<sup>22</sup>.

## Referências Bibliográficas

Anhaia Mello, Luiz de. (1920) Exposição de motivos por Anhaia Mello, *Annais da Câmara Municipal de São Paulo*, São Paulo, Tipografia Piratininga, pp. 324-328.

\_\_\_\_\_. (1928) A cidade problema de governo, *Boletim do Instituto de Engenharia*, 43, dez., pp. 278-287.

\_\_\_\_\_. (1929) A evolução do conceito de parque, in Luiz de Anhaia Mello, *Problemas de Urbanismo*. Bases para a resolução do problema técnico. Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo.

\_\_\_\_\_. (1929) O governo das cidades, *Boletim do Instituto de Engenharia*, 44, jan., pp. 3-10.

\_\_\_\_\_. (1936) Um programa de habitação para os Estados Unidos. *Revista Polytechnica*, 121, jan.mar., pp. 161-164; e 122, abr./dez.

\_\_\_\_\_. (1947) Sem planos e sem leis *Engenharia*, 54, fev., pp. 264-265.

\_\_\_\_\_. (1947) Cidade jardim. *Digesto Econômico* 36, nov., pp.27-30.

\_\_\_\_\_. (1957) Planejamento, arquitetura e engenharia. Contrastes e confrontos, in *Habitat*, 38, jan. pp. 2-8.

\_\_\_\_\_. (1960) Curso de Urbanismo: elementos de composição regional. São Paulo: Grêmio Politécnico.

Angotti-Salgueiro, Heliana. (2020) Considerações sobre a biblioteca de Luiz de Anhaia Mello. Cruzando seus textos e autores de referência., in José Geraldo Simões Junior e Heliana Angotti Salgueiro (org.), *Luiz de Anhaia Mello. Um pioneiro do urbanismo paulistano*. São Paulo: Editora Mackenzie.

\_\_\_\_\_. Images Representing Urban Ideas, (2021), texto inédito, não publicado.

---

<sup>21</sup> Cf. Schnapp, Jeffrey (2016), palestra online, Austrian Center for Digital Humanities.

<sup>22</sup> Ver Schnapp, Jeffrey (2015) Novos métodos e gêneros nas humanidades digitais. In: Maria Conceição Monteiro; Guillermo Giucci; Davi Pinho (Org.). *Eros, tecnologia, transumanismo, figurações culturais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Caetés, p. 239.

\_\_\_\_\_. (2020) Os novos parques, entre os temas do 'sonho americano' de L. de Anhaia Mello, texto inédito, in *Jardins e Sociabilidade* (Atas de colóquio homônimo, ed. em preparação em francês e português).

\_\_\_\_\_ e Simões Junior, J.G. (2020) Biobibliografia cronológica de Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia Mello (1891-1974). Um instrumento de pesquisa, in José Geraldo Simões Junior e Heliana Angotti Salgueiro (org.) *Luiz de Anhaia Mello, um pioneiro do urbanismo paulistano*. São Paulo: Editora Mackenzie.

\_\_\_\_\_. (2020) Crossing Histories: Brazilian Planners of São Paulo and their Transnational References, 1910-1930. *Urbe/RBGU*, 12. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20190116>

Bartholomew, Harland (1924). *The City Plan of Memphis Tennessee: a Comprehensive City Plan*. Memphis: City Plan Commission.

Blau, Eve (2019). Urban Intermedia: City, Archive, Narrative, in Kurgan, Laura e Brawley, Dare (org.), *Ways of Knowing Cities* (pp. 206-235). New York: Columbia Books on Architecture and the City.

Bueno, Beatriz P. Siqueira (2020). A cidade que Anhaia Mello via crescer das janelas do escritório F. P. Ramos de Azevedo, Severo & Villares. Vinculações com a Cia. Iniciadora Predial e com o mercado da construção civil, in H. Angotti-Salgueiro e J. G. Simões Jr, *Luiz de Anhaia Mello, um pioneiro do urbanismo paulistano*. São Paulo: Editora Mackenzie.

Burdick, Anne & Willis, Holly (2011). Digital learning, digital scholarship and design thinking, *Design Studies* 32, pp.546-556.

Campos, Candido Malta (2002). *Os Rumos da Cidade. Urbanismo e Modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora Senac,.

Clement, Ina (1920). *Visualizing Citizenship*. Special Report. New York: Municipal Reference Library.

Hubbard, Theodora Kimbal (1925). Survey of the City and Region Planning in the United States, *City Planning*, abril.

\_\_\_\_\_. *Brief List of References on City Planning* (1917) (Original manuscrito, Frances Loeb Library, Special Collections, Harvard University).

\_\_\_\_\_. *Manual of Information on City Planning and Zoning*. Including References on Regional, Rural and National Planning. (1923) Cambridge : Harvard University Press.

Hunt, Carl (1926). Selling City Planning, *Planning Problems of Town, City and Region: Papers and Discussions at the 18<sup>th</sup> National Conference on City Planning, St Petersburg and Palm Beach, Fla, March 29 to April 1*.

Jannièrè, Hélène (2002). *Politiques editoriales et Architecture Moderne. L'émergence de nouvelles revues en France et en Italie (1923-1939)*. Prefácio de Jean-Louis Cohen. Paris: Éditions Arguments.

\_\_\_\_\_. (2019) *Critique et Achitecture. Un état des lieux contemporain*. Paris, Éditions de la Villette.

Lewis, Nelson (1916). *The Planning of the Modern City*. A Review of the Principles Governing the City Planning. New York: John Wiley & Sons, Inc.

Lohmann, Karl (1931). *Principles in City Planning*, New York & London: McGraw-Hill Book Company.

Manovich, Lev (2001). *The Language of New Media*. Cambridge: The MIT Press.

\_\_\_\_\_. (2013). *Software Takes Command*. New York: Bloomsbury.

\_\_\_\_\_. (2013). Visualizing Vertov (disponível no site de Lev Manovich, Software Studies Initiative)



- Monbeig, Pierre (1953). *La Croissance de la Ville de São Paulo*. Grenoble: Revue de la Géographie Alpine.
- Overstreet, Harry A. (1925). *Influencing Human Behavior*, New York: The People's Institute Publishing Company Inc.
- \_\_\_\_\_. (1928). Arousing the public interest in City Planning, *The American City*, New York: June 6, 1928.
- Paquot, Thierry (2015). *Lewis Mumford, pour une juste plénitude*. Neuvy-en-Champagne: Éditions Le passager clandestin.
- Sert, Joseph-Lluis (1942). *Can our cities survive ? An ABC of urban problems, their analysis, their solutions*; based on the proposals formulated by the C.I.A.M. Cambridge: Harvard University Press.
- Schnapp, Jeffrey (2015). Novos métodos e gêneros nas humanidades digitais. In: Maria Conceição Monteiro; Guillermo Giucci; Davi Pinho (Org.). *Eros, tecnologia, transumanismo, figurações culturais contemporâneas*. Rio de Janeiro, Caetés.
- \_\_\_\_\_.(2016), palestra online, Austrian Center for Digital Humanities.
- THE AMERICAN CITY*. (1918-1935).
- THE CITY* (1939). (Documentário dirigido por Ralph Steiner & Willard Van Dyke, roteiro de Lewis Mumford & all, American Planning Association).